

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**HUMORES DOMINGUEIROS DO *DIABO COXO*, JORNAL
PAULISTANO EDITADO NO SÉCULO XIX:
UM ESTUDO LINGÜÍSTICO E SOCIOCULTURAL**

Pollianny Pontes Paiva

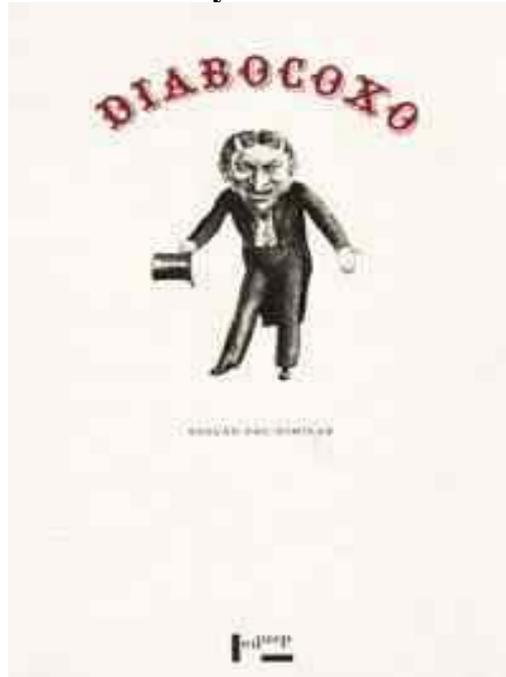
**BELO HORIZONTE
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Pollianny Pontes Paiva



**HUMORES DOMINGUEIROS DO *DIABO COXO*, JORNAL
PAULISTANO EDITADO NO SÉCULO XIX: UM ESTUDO
LINGÜÍSTICO E SOCIOCULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanda de Oliveira Bittencourt

**BELO HORIZONTE
2006**

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P149h Paiva, Pollianny Pontes
Humores domingueiros do *Diabo Coxo*, jornal paulistano editado no século XIX : um estudo lingüístico e sociocultural / Pollianny Pontes Paiva. – Belo Horizonte, 2006.
106f.

Orientadora: Vanda de Oliveira Bittencourt
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras.
Bibliografia.

1. Humorismo. 2. Imprensa – São Paulo – Séc. XIX. 3. Diabo Coxo (Jornal). 4. Lingüística. I. Bittencourt, Vanda de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós- Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 070.487

Dissertação defendida publicamente no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e aprovada pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Wander Emediato
(UFMG)

Prof.^a Dr.^a Juliana Alves Assis
(PUC-MINAS)

Prof.^a Dr.^a Vanda de Oliveira Bittencourt — Orientadora
(PUC-MINAS)

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2006

Prof. Dr. Hugo Mari
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da
PUC-MINAS

Dedico este trabalho,

em primeiro lugar, ao meu bom Deus, que me concedeu a graça de superar as dificuldades surgidas no “meio do caminho”, permitindo que eu prosseguisse com o entusiasmo e a paixão peculiares ao pesquisador diante do objeto pesquisado;

em segundo, à minha orientadora querida, Vanda de Oliveira Bittencourt, que, de mãos dadas comigo, me ajudou a enfrentar o intricado universo lingüístico de um **Diabo Coxo**, que exerceu, “com unhas e dentes”, a sua militância política, brincando de fazer humor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças para vencer os desafios e alcançar a meta desejada.

À minha orientadora, Prof.^a Vanda de Oliveira Bittencourt, por seu cabedal de conhecimentos, postura acadêmica séria, orientação segura, e, principalmente, pelo apoio constante, paciente e fraterno que me deu, contribuindo, com toda certeza, para o meu crescimento intelectual e pessoal — o que me leva, neste momento, a confessar-lhe quão grande foi a minha honra de tê-la como guia.

À minha irmã, Priscila Pontes Paiva, que, solidária e companheira, abriu mão de seu tempo de trabalho e de descanso, para me ajudar a encontrar e a consultar, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o material humorístico de que precisava.

A Maurício Moreira da Fonseca, companheiro de todas as horas, pela ajuda prestada durante o primeiro momento de escolha do *corpus*, quando, abnegado, complacente e compreensivo, se enclausurou no setor de obras raras da Biblioteca Pública de Salvador, a fim de coletar os humores construídos em jornais editados na Bahia, no século XIX.

A meus pais, José Alves de Paiva (*in memoriam*) e Maria do Carmo Pontes Paiva, que procuraram me mostrar, desde menina, a importância dos estudos para a formação intelectual, moral e espiritual do ser humano.

A todos os Professores do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, pelas lições — de lingüística e de vida — que me propiciaram, fazendo-me enxergar um novo mundo na linguagem e contribuindo para que eu pudesse decifrá-lo de um modo mais consciente.

Às Funcionárias da Secretaria do Programa — Vera Lúcia Mageste de S. Alves, Berenice Viana de Faria, Rosária Helena de Andrade — e seus auxiliares, Bruno Freitas dos Santos e Paulo César da Silva —, pela disponibilidade em me atender e pela delicadeza paciente em me socorrer nos vários momentos de aflição por que passei.

À historiadora Miriam de Oliveira Bittencourt, por ter-me apresentado o **Diabo Coxo** e anunciado suas diabruras verbais.

Ao mago da caricatura, Angelo Agostini (*in memoriam*), por ter criado e ilustrado um jornal que, com um nome buscado no inferno, acabou se tornando a cara do Brasil.

A todos os que compartilharam comigo deste sonho acadêmico e da luta que tive que enfrentar para concretizá-lo, pela compreensão da ausência que lhes impus, pela presença demonstrada nessa ausência, e pelo ardor e persistência de sua torcida em favor de minha vitória.

*O humor compreende também o mau humor.
O mau humor é que não compreende nada.*
Millôr Fernandes

*... a pena de Agostini açoitou a politicagem reinante, retratou tipos humanos (de engraxates a barões), fez reportagens sobre os acontecimentos, condenou a violência policial, fez a crítica das atividades artísticas, **riu** e **fez rir** de tudo e de todos. Compôs com tal precisão o dia-a-dia da cidade que nos legou, ao final, um retrato por inteiro — talvez o documentário iconográfico mais importante e complexo — do Segundo Reinado.*

Antônio Luiz Cagnin

RESUMO

Neste trabalho, busca-se examinar o processo de produção do humor, tal como empreendido em diferentes gêneros discursivos veiculados em seções constitutivas de um dos jornais paulistanos de “língua mais abusada”, editados no século XIX: o **Diabo Coxo**. Trata-se do primeiro periódico, no Brasil e no mundo, a conjugar, intersemioticamente, a linguagem pictórica caricatural — expressa, no caso, através de charges, retratos e quadrinhos — com a linguagem verbal propriamente dita. Criado pelo imigrante italiano Angelo Agonstini, cognominado o “Enciclopedista do Riso”, em razão da excelência e criatividade de sua arte ilustrativa, esse jornal marcou o início da militância política desse italiano-brasileiro entre nós, que, em seus dezesseis anos, presenteava, a cada domingo, juntamente com a equipe redatora, os leitores paulistanos com seções de gêneros diferenciados, cuja carga humorística mascarava, com maior ou menor grau de “fingimento”, críticas quase sempre veementes e impiedosas contra o quadro político e sociocultural vigente na época. São justamente essas críticas construídas às expensas de discursos risíveis produzidos por um coxo diabo, no qual se ocultava um *Angelo*, que, consideradas em sua dimensão **lingüística**, possibilitaram a realização do presente estudo, a partir do cumprimento de duas tarefas básicas: uma, em que se procura apresentar dados contextuais suscetíveis de nos fornecer uma idéia geral acerca do modo de vida da cidade de São Paulo do século XIX; da criação, divulgação e duração do jornal **Diabo Coxo**, bem como do tipo de reação por parte dos leitores, em especial das vítimas de seus vitupérios; outra, em que se procede ao exame dos diferentes procedimentos lingüísticos utilizados em algumas seções desse semanário, com vistas a provocar risos concebidos por um ilustrador “dos seiscentos diabos”.

LINHA DE PESQUISA: ENUNCIÇÃO E PROCESSOS DISCURSIVOS

PALAVRAS-CHAVE: Humor e imprensa no Brasil;

O jornal paulistano novecentista **Diabo Coxo**;

A atividade humorística em seções genologicamente variadas;

Recursos lingüísticos de produção de humor.

ABSTRACT

In this work, we examine the process of humour production, which is found in different kinds of speeches presented in one of São Paulo's Journals edited in XIX century: **Diabo Coxo**. It refers to the first newspaper, in Brazil, that mixed pictorial language — charges, pictures and cartoons — by the linguistics. This Journal was created by Angelo Agostini, an Italian immigrant, well known as the “Laughing Master”. It marks the beginning of his political militancy in Brazil and reveals the devices he employed in order to construct criticism and hard accusation in the very eight pages of the twenty-four editions of his newspaper. In this funny way, São Paulo's city got a little bit less boring. The majority of **Diabo Coxo**'s sections are presented in several humorous ways, so it has been seen as real cruel weapons that were used as an accusation and combat instrument against the social injustice of the time. This work attempts, on the one hand, to show the data related to creation and divulgation of the journal, as well as its victim's reaction; on the other one, to examine the different linguistics strategies used in **Diabo Coxo**'s Journal, in order to provoke humour and smiles.

KEY WORDS: Humour and press in Brazil
Diabo Coxo – São Paulo, XIX century.
Kinds of sections
Linguistics strategies of humour production
Humour in the jokes

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Total de periódicos e de novelas ilustrados por Angelo Agostini, no Brasil	31
QUADRO 2: Quadro figurativo das relações intersubjetivas produzidas nas charges	39
QUADRO 3: Padrão geral observado na distribuição das páginas ilustrativas do Diabo Coxo e das funções e (sub)gêneros nelas explorados	41
QUADRO 4: Distribuição por série, ano, página e gênero discursivo das diferentes seções veicularadoras do humor no Diabo Coxo	43-44
QUADRO 5: Seções contedoras de material humorístico esporádico	55
QUADRO 6: Seções caracterizadas como de gênero humorístico	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: “NAS MALHAS” DO <i>DIABO COXO</i>	12
1.1 Delimitação do objeto de estudo e justificativa	13
1.2 Objetivos	22
1.3 Metodologia	22
1.3.1 <i>Relativa ao corpus</i>	22
1.3.2 <i>Relativa à fundamentação teórica da análise</i>	23
1.4 Plano da dissertação	25
2 “RIDENDO CASTIGAT MORES”: A QUE VEIO O <i>DIABO COXO</i>	26
2.1 Introdução: Um jornal com “o diabo no corpo”	27
2.2 Dados “biográficos”	28
2.2.1 <i>Um “filho dos infernos”</i>	28
2.2.2 <i>Um pai “levado dos diabos”</i>	30
2.2.3 <i>Uma província do jeito que “o diabo gosta”</i>	32
2.2.4 <i>Um Diabo de língua comprida e vida curta</i>	36
2.3 Dados configuracionais e genológicos	38
2.3.1 <i>Um Diabo de conformação funcional</i>	38
2.3.1.1 <u>Humores iconográficos</u>	38
2.3.1.2 <u>Humores lingüísticos</u>	42
2.4 Conclusão — <i>Diabo Coxo</i> : uma pérola esquecida no nosso patrimônio editorial	46
3 HUMORES E RISOS DO/NO <i>DIABO COXO</i>: CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA DE UMA “COMÉDIA SOCIAL”	48
3.1 Introdução: humor e riso	49
3.2 A ação humorística na imprensa jornalística brasileira: São Paulo, século XIX	50
3.3 O <i>Diabo Coxo</i> : uma fábrica de humores e risos suspeitos	52
3.3.1 <i>Humores “hóspedes”: formas de expressão verbal em seções “hospedeiras”</i>	52
3.3.2 <i>Análise de dados: seções portadoras de humores-“hóspedes”</i>	53
3.3.2.1 <u>Expressas em versos</u>	53
3.3.2.2 <u>Expressas em prosa</u>	54
3.3.2.2.1 “ <u>Chronicas</u> ”	56

3.3.2.2.2	Textos opinativos	63
3.3.2.2.3	“ <u>Annuncios</u> ”	66
3.3.3	<i>Seções específicas do gênero humorístico</i>	68
3.3.3.1	“ <u>Specimens</u> ”	69
3.3.3.2	<u>Piadas</u>	71
3.3.3.2.1	Distribuição segundo o tipo textual predominante	72
3.3.3.2.2	Distribuição segundo o núcleo temático	73
3.3.3.2.3	Distribuição segundo os recursos lingüísticos provocadores de humor	74
3.4	Conclusão — <i>Diabo Coxo: uma pérola a ser perscrutada no nosso patrimônio editorial</i>	84
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	
	“O DIABO NÃO É TÃO MÁO COMO NO PINTAM.”	86
	REFERÊNCIAS	89
	ANEXOS	94



**1 INTRODUÇÃO:
“NAS MALHAS” DO *DIABO COXO***

*Sou o Diabo coxo: quem há que desconheça
Na vida social, meu vasto poderio?
Percorro o mundo inteiro, ora pedestre humilde,
Ora atirado aos lombos de um palafrem sombrio.*

*Não ha palacio altivo, nem misera choupana
Cujos mysterios fundos não possa penetrar;
Cheguei hoje a S. Paulo, — sentido meu povinho!
A musica está prompta, nós vamos começar.*

Diabo Coxo (Série I, n. 1, p.1)

1.1 Delimitação do objeto de estudo e justificativa

Em ditos e contraditos, repetições e transformações, os enunciados paremiológicos, representantes e veiculadores da sabedoria popular, expressam, muitas vezes, uma velha tensão entre um juízo positivo e negativo do ato de rir, considerado por Aristóteles exclusivo do ser humano.¹ Ilustram, respectivamente, tal divergência de pensamento os seguintes provérbios, presentes na minha memória ou recolhidos de autores como Sarrumor (1998), Xatara e Oliveira (2002):

- (1) a- “O riso (rir) é o melhor remédio.”
 b- “Onde há riso há esperança.” / “Lágrimas nos olhos, risos no coração.”
 c- “Em casa onde falta humor, falta amor e sobra rancor.”
 d- “O dia mais inútil é aquele em que não rimos.”²
- (2) a - “Muito riso é sinal de pouco siso.” / “Muito riso, pouco siso.” / “É freqüente o riso, na boca de quem não tem siso.”
 b- “Risos e bolos enchem a boca dos tolos.” / “No riso é o doido conhecido.”
 c- “Riso pronto, miolo tonto.” / “Risinho pronto, miolo chocho.”
 d- “Riso de uns, pranto de outros.”

Outro tipo de provérbio é o que faz de seu pensamento sobre o riso um dos instrumentos de crítica e de denúncia contra as injustiças sociais e, até mesmo, contra o nosso jeito de ser, conforme ilustrado, respectivamente, em (3) e em (4), abaixo:

- (3) a- “A **piada** do rico é sempre engraçada.”
 b- “Rico **ri** à-toa.”
- (4) a- “Lágrimas de herdeiros, **risos** sorrateiros.”
 b- “Uns **sorriem** para mostrar bons dentes; outros choram para mostrar bom coração.”

¹ Em sua célebre fórmula, Aristóteles afirma que “o homem é o único ser vivo que ri”.

² Em estudos desenvolvidos por Bittencourt (2005a, 2005b), examinam-se algumas das razões e circunstâncias reais que nos levam a lançar mão de provérbios e contraprovérbios, nos nossos jogos argumentativos de cada dia.

Esse conflito de opiniões é explorado, magistralmente, por Umberto Eco, no seu **Nome da rosa** (1983), no qual busca retratar, na figura do monge Jorge de Burgos, os temores da Igreja medieval relativamente ao riso, visto como um tipo de reação capaz de suplantar o medo e a intimidação que impunha ao povo da época, na tentativa de controlá-lo e dominá-lo. Assim, o personagem Jorge de Burgos, embora clérigo, não vacilou em se tornar assassino, a fim de evitar que as idéias de Aristóteles fossem acolhidas pelos cristãos, e o seu suposto estudo sobre a comédia servisse de portador e propagador de uma nova “arte” (libertadora) que surgia.

Ciente de que o riso não é apenas um modo de reação tolerado, em certas circunstâncias, pelos que exercem o poder, mas, sim, um dos recursos que nos permitem exprimir a resistência e a luta contra o preconceito, a exclusão e demais injustiças sociais, senti-me motivada a investigar sua produção e seus efeitos, atentando-me, de um lado, ao modo como é provocado entre nós, principalmente em seu componente lingüístico, e, de outro, às intenções que encobre sob os inúmeros disfarces exibidos em sua superfície.

Com esse tipo de investigação, quem sabe, pensava eu, teria a oportunidade de contribuir para o melhor conhecimento do discurso humorístico, tão afinado com a alma brasileira e ainda tão pouco estudado entre nós, pelo menos em seu estatuto lingüístico? Decidida a fazê-lo, procurei seguir o caminho aberto, no nosso meio acadêmico, por lingüistas como Possenti (1988, 1991, 1998), que se vem dedicando, de um modo especial, à análise de textos piadísticos e, através de tal empresa, procurando sensibilizar a academia para a importância desse subgênero da esfera do humor, tanto como objeto de investigação lingüística quanto como instrumental pedagógico a ser devidamente utilizado nas instituições escolares.

Naturalmente, diante de um quadro com tamanha variação de possibilidades genológicas, de recursos empregados em sua produção, de graus de riso obtido, de intenções recônditas mais ou menos evidentes, bem como de veículos de circulação distintos, optei por desenvolver a presente pesquisa, focalizando, de uma forma exclusiva, o humor construído na imprensa jornalística, fonte documental de importância inegável, assim reconhecida por De Luca:

... jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. (DE LUCA, 2005, p. 140)

Em face da preferência conferida pela maioria dos nossos trabalhos acadêmicos aos periódicos contemporâneos, bem como do meu empenho em contribuir de alguma forma para

o estudo da história do português brasileiro, em especial, para a composição de um *corpus* pretérito, optei por trabalhar com os primeiros jornais editados no Brasil, após a implantação da imprensa entre nós, ocorrida no ano de 1823.

Num primeiro momento, veio-me a idéia proceder a uma análise comparativa de dois periódicos pretéritos, que, já desaparecidos, se valeram de material humorístico variado, para traduzir, de um modo crítico, debochado, zombeteiro, conquanto, ao mesmo tempo, doutrinário, fatos, acontecimentos e personagens marcantes da nossa história. Datado do século XIX, o primeiro deles, que portava o extravagante nome de **Diabo Coxo (DC)**, procurou retratar, em seus dois incompletos anos de vida (1864 e 1865), com audácia e sagacidade ímpares, tudo o que se passava na sua cidade de origem, São Paulo, em época de domínio do II Império. Inaugurado no século XX, o segundo jornal, por sua vez, foi criado em Belo Horizonte, por iniciativa de “*dois jovens jornalistas* [José Maria Rabêlo, de 23 anos, e Euro, de 24] *com muitas idéias na cabeça e praticamente nenhum dinheiro no bolso*” (RABÊLO, 2004, p. 17). Além de mais recente, esse último periódico fez rir os mineiros e habitantes de outros estados, em um tempo bem mais extenso que o primeiro, já que chegou perto de completar doze anos de vida. Editado pela primeira vez no dia 17 de fevereiro de 1952, conseguiu, a duras penas, sobreviver até o dia 30 de março de 1964, quando foi banido de vez pelo governo militar, então instalado entre nós. O seu nome de batismo, **Binômio (B)**, fora, propositada e maliciosamente, escolhido por seus “genitores” com a intenção de ridicularizar e banalizar as propostas de realização de Juscelino Kubitschek de Oliveira, então Governador do Estado de Minas Gerais, cujo Programa do Governo se traduzia no lema “Binômio Energia e Transporte”, que o **Binômio** preferiu substituir por “Sombra e Água Fresca”. Inspirados nessa alterada meta, os jovens colaboradores desse jornal mineiro usaram e abusaram da irreverência, da ironia e da chacota contra “figurões” de nossa política e/ou de nossa sociedade, dentre os quais, Juscelino Kubitschek (seu alvo mais constante), José Maria Alkmim, Bias Fortes, Plínio Salgado, Wilson Modesto, Antônio Luciano, Ademar de Barros, Leonel Brizola e outros mais — o que acabou dando origem ao epíteto com que passou a ser identificado: “o jornal que virou Minas de cabeça para baixo”, antonomásia aproveitada por José Maria Rabelo, como subtítulo do seu livro “**Binômio**; edição histórica”, publicado, numa segunda edição, em 2004.

Todavia, em face da amplitude, diversificação e riqueza do material contido em ambos os periódicos e, conseqüentemente, do tempo demandado para um estudo comparativo dos dois, a prudência e as determinações de prazo por parte da CAPES falaram mais alto, levando-me a compreender que já era demais eleger um deles como objeto de análise. Com

isso, vi-me envolvida numa situação de impasse e de dúvida, difícil de ser resolvida por quem já se entusiasmara com os dois noticiários impressos, que, com suas brincadeiras de mentira, procuravam fazer militância política, rindo e fazendo rir os leitores de charges, cartuns, retratos e textos humorísticos, tão sérios em seu componente discursivo de Fundo.³

Essas e outras reflexões aumentavam-me a ansiedade e adiavam a minha decisão. Afinal, indagava-me a mim mesma, como deixar de lado a coletânea completa de um jornal como o **Diabo Coxo**, publicada, recentemente, em edição fac-similar do único conjunto original remanescente? Como abandonar um periódico elaborado, em sua íntegra, com material humorístico de subgêneros diferenciados, cuja intenção primeira era denunciar e condenar os desmandos dos homens públicos e os hábitos e costumes da sociedade paulistana representativa de uma fase de nossa história, na qual já se repudiava a escravidão e se questionava a legitimidade do regime imperial ?

Por outro lado, atormentava-me o remorso de excluir da pesquisa pretendida um jornal como o **Binômio**, que, segundo avaliação feita por um de seus “pares”, **O Dia**, datado de 24/11/1997, “*influiu nos destinos de Minas*”. Como eliminar, pois, de um trabalho comprometido com o “rir” e o “fazer rir”, o humor irreverente de cartunistas como Borjalo, Rujos, Oldack, Ziraldo e outros mais? Como desconsiderar as diferentes manifestações contra o conservadorismo mineiro, expressos em textos de gêneros variados, redigidos por autores do porte de Célius Aulicus, Euro, José Maria Rabêlo, Sargento Legal, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e demais colaboradores desse periódico extirpado à força, por razões óbvias, pelo Governo Militar?

Consciente da impossibilidade de investigar as duas fontes, decidi resolver mais esse impasse, excluindo uma delas. Assim, acabei optando pelo jornal paulistano **Diabo Coxo**, que, conforme dito acima, teve publicados todos os seus vinte e quatro números, em edição fac-similar — o que me possibilitou o acesso à coletânea em sua íntegra. Outro fator que me levou a essa escolha foi a oportunidade que teria de conhecer e investigar um dos periódicos do século XIX, época que, segundo Elias Saliba,

... viu nascer as revistas humorísticas, estimuladas pelos avanços nas técnicas de impressão e reprodução que possibilitaram o aumento nas tiragens e o conseqüente aumento do público leitor.(...) No período imperial chegaram a circular cerca de sessenta revistas ilustradas no Rio de Janeiro, que misturavam, de forma peculiar, a charge com uma espécie primitiva de história em quadrinhos, numa produção extremamente rica e fértil. Mas nestas publicações não existia nenhuma preocupação com a síntese gráfica, já que ainda havia o predomínio de uma extensa e prolixa linguagem verbal. (SALIBA, 2002, p. 38)

³ O termo “Fundo”, oposto a “Figura”, traduz, aqui, o significado e as intenções reais que costumam ser mascaradas na superfície lingüística dos textos, no caso em pauta, de gênero humorístico.

Do mesmo modo, interferiu nessa seleção o fato de que, diferentemente do **Binômio**, mais humorista na primeira de suas três fases (de 1952 a 1956) mencionadas por Rabêlo (2004, p. 19), o **Diabo Coxo**, embora de duração tão reduzida, riu e fez rir em quase todas as seções — ilustrativas (charges, quadrinhos e retratos) e verbais — de seus vinte e quatro números, que tinham como alvo maior de ataque a figura do imperador D. Pedro II, facilmente identificada nas ilustrações de Angelo Agostini pelos trajes civis ou majestáticos que portava, conforme mostrado por Oliveira Bittencourt (2005). Atendo-nos, por exemplo, aos humores lingüísticos (a serem tratados com mais detalhes no capítulo de análise propriamente dita), percebemos que são explorados procedimentos variados nas diferentes seções integrantes das duas Séries de edição do **Diabo**, tais como: os “romances folhetinescos”; os diferentes tipos de “reportagens”, “poemas”, “crônicas”, “textos opinativos”, “avisos”, “*specimens*”, “cartas ao/do leitor”, “adivinhas”, etc. Isso sem falar em outras partes como a de “anúncios” — também distribuídas em subgêneros e tipos variados de bizarrices —, a que, no mais das vezes, cabia criticar os “erros” de linguagem cometidos pelos anunciantes, os termos obscuros ou inadequados usados na descrição da mercadoria (ou objeto) anunciada, e, até mesmo, os próprios anunciantes e consumidores *per se*. Contudo, a crítica maior aos “erros” de linguagem se concentrava numa espécie de macro-seção intitulada **Specimen(s)**, que, dentre os defeitos de natureza diversa que apontava, comentava e criticava, conferia atenção especial aos equívocos de português cometidos por pessoas de classes e graus de escolaridade distintos.

Justificada, através da apresentação do arrazoado acima, a opção pelo estudo do **Diabo Coxo**, vejamos, abaixo, em seqüência numerada por razões funcionais, exemplos de algumas de suas seções humorísticas, que ajudam a reforçar, empiricamente, a justificativa da preferência dada, aqui, a essa fonte documental:

(5) “Anúncios”

a- “Atenção

Perdeu-se uns pés de burro. Desconfia-se que *alguém* os ande ocupando. Protesta-se contra o indivíduo, e promete-se declarar o nome se não os restituir ao dono.” (DC, Série I, n. 9, p. 7; destaque do autor)

b- “DIABO-COXO”

“Pede-se aos srs. assignantes que ainda não satisfizerão suas assignaturas, o obzequio de faze-lo por duas razões. 1ª porque o Diabo-Coxo precisa de uma outra muleta.

2ª Porque este é o 8º numero da primeira colecção.” (DC, Série I, n. 8, p. 7)

(6) “Specimens [‘amostras’, ‘modelos’]

A) De “Annuncios”

a- “FABRICA DE **CAROAGES DE JULHO** ADÃO DE BERLIN.” (DC, Série I, n. 3, p. 6; destaques meus)

b- “**FASCE CONCERTOS DE RELOGIOS.**” (DC, Série I, n. 3, p. 6; destaques meus)

B) De “Poesia”

a- “Como é bello ver a lua
tocando flauta no céu!” (DC, Série I, n. 8, p. 6)

b- “A’ um frasquinho de sândalo

Um momento, um só momento
Meu jumento
Tu tiveste de razão:
Foi quando ao cerebro insólito,
Parece que de proposito
Uma tocha bateu-te a escuridão!
Mais ai! foi tão passageiro,
Tão ligeira
A chamma que ella verteu,
Que pela lei do contraste,
Pobre infeliz te tornaste
Mais camello, mais burro e mais sandeu.”⁴ (DC, Série I, n. 8, p. 3)

Esses e os demais gêneros — quer ilustrativos, quer verbais — explorados no jornal paulistano em pauta resultam do cumprimento de um pacto virtual — “transcrito” logo na seção verbal que abre o primeiro número do semanário (datado de 2 de outubro de 1864) —, estabelecido entre o criador do jornal e um diabo-coxo imaginário, que se vale de argumentos como o de abaixo, relativo ao papel social da imprensa, a fim de convencer sua vítima de aceitar o contrato que lhe propõe:

⁴ Todo o material aqui transcrito apresenta a mesma grafia e pontuação vigentes no texto original.

Oh! espírito pueril, o estudo desta comedia social te é necessário. (...) Dá-me o teu apoio e eu te darei as forças e os meios de os pintar, e de os castigar. Ergue-te. Aqui tens uma vergasta, não os poupe: guerreia desde o litterato que ignora tudo e sobre tudo escreve até o potentado que tudo pode e nada faz. (...) **A imprensa, maior inimiga dos mãos é a única força que encontro na terra para desmascarar e castigar a esses entes criminosos ou ridículos estúpidos ou orgulhosos.** (DC, Série I, n. 1, p. 2; destaque meu)

Assinado o pacto, o novo periódico, então editado litograficamente, tomou logo uma forma e um padrão distributivo fixos, segundo as duas espécies de linguagem nele exploradas — pictórica e verbal —, bem como os gêneros dos artigos constantes das oito páginas que o compunham. Desse modo, com raras exceções, tanto o material ilustrativo — charges, tiras de quadrinhos (uma novidade para a época) e retratos, legendados ou não —, quanto o lingüístico se repetiam, numa mesma distribuição espacial e quantitativa, em cada uma de suas tiragens. Tal cuidado com o esquema organizacional do periódico pode ser comprovado, por exemplo, na distribuição do material piadístico explorado em quase todos os números da Primeira Série do **Diabo Coxo** (que vai de 2 de outubro a 31 de dezembro de 1864), em seções específicas, nomeadas ora como “Garatujas” (mais numerosas), ora como “Pilherias”, ora como “Miscellanea” ou “Anedocta” (apresentada apenas no número 2, da Série I). De extensão reduzida e de forma quase sempre dialogada, as piadas acabam se configurando como uma das marcas identificadoras desse **Diabo**, que, “sem papas na língua”, é desenhado com o rosto do seu criador, Angelo Agostini, tão tihoso quanto seu amo. Ilustremos esse tipo com uma das piadas que nos mostram o sentimento da população diante da instalação da estrada de ferro, que, trazida pelos ingleses, ligava São Paulo a Santos:

(7) Seção “Impressões da via-férrea.”⁵

“ — Meu bom Francisco!

Escarnecido dos homens; sem os carinhos da família; sem a protecção dos amigos; abandonado daquella que eu adorava e que hoje folga n’ outros braços ... só na morte poderei achar descanço ...

— Pois queres a morte, Faustino, e buscas um amigo como eu?

— Sim; quero que me emprestes o teu revolver, porque nem dinheiro tenho para comprar uma pistola ...

— Pois, amigo, ouve o meu último conselho: embarca-te na estrada de ferro.” (DC, Série II, n. 8, p. 2.)

Constituído de discurso reportado, esse subgênero de piada, no qual, o fato narrado se encontra embutido no revezamento de turnos entre o enunciador e o enunciatário da instância enunciativa incorporada, nos remete a um contador de piada — enunciador da instância

⁵ No caso em pauta, temos o exemplo de uma seção, que, de caráter informativo, é expressa em forma de piada.

principal —, que se junta aos leitores numa relação intersubjetiva mais estreita, rindo, juntamente com ele, do seu *dictum*, que, por sua vez, é veiculado no *dictum* dos personagens envolvidos na piada.

Em face, pois, do estatuto configuracional — sintético e quase sempre em forma de diálogo —; da ação intersubjetiva levada a termo pelos personagens dos diálogos; dos diferentes temas explorados; do grau e das espécies de críticas veiculadas; da concentração dessas críticas em figuras expoentes de nossa história, como D. Pedro II, alvo primeiro das setas verbais e ilustrativas lançadas pelo **Diabo**, conforme demonstrado por Oliveira Bittencourt (2005); do seu agrupamento em seções específicas do gênero humorístico, tais como “Garatujas”, “Pilherias”, “Miscellanea” e “Anedoctas” ; de sua presença marcante em seções de gêneros não necessariamente humorístico — “Romances”, “Annuncios”, “Chronicas”, “Specimens”, “Avisos”, “Premios a Concurso”, etc. —, e, ainda, do maior número de ocorrência e de variedade de estratégias lingüísticas utilizadas em sua produção, acabei conferindo atenção especial aos textos piadísticos, integrantes, ou não, de seções humorísticas *stricto sensu*, conforme exemplificação abaixo:

(8) Seção de “Garatujas”

- Quem é aquelle individuo?
- É um dos maiores amoladores conhecidos.
- E porque elle *amola dores*?
- Porque não pode amolar outra cousa.” (DC, Série I, n. 9, p. 3)

(9) Seção de “Editaes”

“A câmara municipal d’ esta imperial cidade precisa comprar ou alugar, para uso nocturno de seus fiscaes, um par de narizes de trez palmos de cavallette sobre dous de largas ventas com olphato de cão perdigueiro...

Os possuidores de taes preciosidades podel-as-hão exhibir no paço das sessões da mesma câmara, tendo o cuidado de, quando conduzil-as, evitar a passagem pelas ruas Formosa, Municipal, Casinhas, Quitanda e outras eguaes.” (DC, Série II, n. 7, p. 3)

(10) Seção de “Chronicas”

“... Todos sabem o que se deu no theatro; ha muito que o sr. Lopes merecia uma pateada: máo actor, s. s. pretende-se um Talma, defeituoso no corpo, julga-se no entanto um Antinocis, pessimo declamador, diz-se uma lingua de prata, um S. João Chrysostomo a fallar.

Merecia portanto uma pateada e estavam no seu direito os individuos que lh’a derão.” (DC, Série I, n. 6, p. 7)

Em síntese, ainda que tímido, o trabalho aqui desenvolvido teve, como intenção última, fornecer alguma contribuição não só para os estudos lingüísticos em si — em abordagem sincrônica e/ou diacrônica —, como para os de outras áreas, em particular, a da História, que, menos arquivista nos tempos atuais, vem valorizando outras espécies de *corpus* escrito, dentre os quais, o literário, o periodístico, o panfletário, etc., e estendendo a sua atenção aos textos produzidos oralmente.

A par desse tipo de colaboração, de certa maneira, com o exame das estratégias de expressão do humor no **Diabo Coxo**, são postos à disposição dos pesquisadores dados passíveis de serem utilizados nos estudos voltados para a reconstituição da história do português, como, por exemplo, o de Guedes e Berlinck (2000), que nos fornece uma coletânea de anúncios recolhidos de jornais editados no século XIX, em diferentes regiões brasileiras.

1.2 Objetivos

Com o estudo aqui desenvolvido, pretendeu-se alcançar os seguintes objetivos:

- a) identificar os diferentes gêneros discursivos explorados no **Diabo Coxo** como formas exclusivas, ou não, de expressão do humor;
- b) detectar e descrever os procedimentos lingüísticos — gramaticais, semânticos, discursivos e conversacionais —, que, em co-atuação com recursos de outra natureza, servem de “gatilho” para a provocação de graus diferentes de riso;
- c) analisar, de um modo particular, a forma, o teor e os efeitos de sentido das “piadas” constantes das seções específicas, ou não, do periódico aqui em apreço;
- d) comprovar o valor dos textos do domínio jornalístico como uma das fontes documentais suscetíveis de fornecer subsídios para a reconstituição do passado dos diferentes povos;
- e) dar testemunho da contribuição que os textos humorísticos — e jornalísticos, em geral —, especulares que são do tempo, do espaço, do contexto histórico, político e sociocultural de suas comunidades de origem, podem oferecer para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem de disciplinas pertencentes não só à esfera lingüística como a diversas outras áreas da ciência.

1.3 Metodologia

1.3.1 Relativa ao corpus

Conforme mencionado acima, o material humorístico examinado nesta dissertação foi recolhido de um dos primeiros jornais editados na cidade de São Paulo, o **Diabo Coxo**, que, valendo-se de um novo processo de impressão, a litografia (inventada por Aloïs Senefelder, no final do século XVIII), foi o primeiro a combinar, intersemioticamente, a linguagem pictórica com a verbal. Além disso, foi o precursor do emprego de tiras de quadrinhos como material ilustrativo, desconhecido até mesmo pelos próprios europeus, “senhores da imprensa”, na época. Datado do século XIX e “batizado” com um nome que traduzia, iconicamente, as suas intenções infernais, o **Diabo Coxo**, já se comentou aqui, foi criado pelo pintor e litógrafo italiano Angelo Agostini e impresso na Tipografia e Litografia Alemã de propriedade de Henrique Schröder. De suas oito páginas, quatro eram constituídas de ilustrações, quase sempre legendadas, produzidas pelo próprio Agostini, imortalizado como o “repórter do lápis”, e quatro, de textos, escritos pelo abolicionista Luís Gama e por Sizenando Barreto Nabuco de Araújo, irmão de Joaquim Nabuco.

Desse minúsculo jornal domingueiro, de 18 por 26 cm de tamanho, foram consultadas, num primeiro momento, todas as seções integrantes de seus vinte e quatro números publicados. A distribuição bipartida das seções em dois grupos — de gênero exclusivamente humorístico e de gênero diferente a que se mesclava matéria risível —, e a diversificação entre o quadro genológico das seções constantes dos doze números da Primeira Série do jornal (editada de 2 de outubro a 31 de dezembro de 1864) e o das seções exploradas nos doze números da Segunda Série (editada de 23 de julho a 31 de dezembro de 1865) determinaram, num segundo momento, o caminho a ser tomado na coleta dos dados.⁶ Em coerência com o meu desejo de fornecer uma idéia global dos diferentes procedimentos lingüísticos utilizados no/pelo **Diabo Coxo** com o fito de “fazer rir”, acabei constituindo um *corpus* composto de todas as seções verbais da coletânea inteira. Para melhor desenvolvimento da análise desse material, observaram-se as seguintes restrições: uma concentração maior nos doze primeiros números da Primeira Série, genologicamente mais rica que a segunda, e única a apresentar seções exclusivamente destinadas à apresentação de piadas; um enfoque especial das seções dedicadas exclusivamente à atividade humorística.

⁶ Embora o apresentador da edição fac-símile, Antonio Luiz Cagnin, afirme que o último número da 1ª Série desse jornal chegou aos lares paulistanos no dia 25 de dezembro de 1864, na verdade, a data registrada em sua primeira página é de 31 de dezembro de 1864.

Para a devida recolha de exemplares desse gênero, foram adotados dois tipos de procedimentos: um primeiro, em que se levou em conta o próprio título da seção, que, no caso em pauta, anunciava, metalingüisticamente, o seu conteúdo, a saber: “Garatujas”, “Pilherias”, “Anedocta” e “Miscellanea”, aqui já referidas; um segundo, em que se procurou detectar, no interior de seções genologicamente distintas, a mescla de matéria relacionada com o humor.

Outro esclarecimento a prestar — de ordem filológica —, é o que diz respeito ao documento-fonte que possibilitou a pesquisa aqui realizada. Depois de algumas tentativas malogradas de consulta direta à coletânea completa dos números do **Diabo Coxo**, que consta do acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, localizada na cidade de São Paulo, decidi adotar a edição fac-similar desse semanário, publicada recentemente (2005), graças à iniciativa da Academia Paulista de História, o apoio do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e a parceria da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp). Abalizei-me essa escolha a experiência de filólogos ilustres como Picchio (1979), Spina, (1994), Spaggiari e Perugi (2004) e outros mais, que consideram a edição fac-símile um instrumento seguro, que pode ser utilizado tanto na elaboração de outros tipos de edição — como, por exemplo, a edição crítica —, quanto no acompanhamento e descrição do fluxo evolutivo das línguas. A par desses julgamentos de valor filológico, as seguintes observações de Antônio Luiz Cagnin, a quem coube apresentar a edição, confirmam a pertinência da escolha feita:

A edição fac-similar que foi possível fazer do **Diabo Coxo**, de Ângelo Agostini, precursor da imprensa ilustrada em São Paulo, tem também por objetivo buscar a revelação de sua obra, impressionantemente bela, a recuperação de sua imagem, lamentavelmente esquecida, e render-lhe a homenagem injustamente negada. (CAGNIN, 2005, p. 19)

1.3.2 Relativa à fundamentação teórica da análise

A análise desenvolvida nesta dissertação resultou da conjugação de duas linhas de abordagem: uma, de caráter descritivo, que subsidiou o estudo da constituição lingüística — gramatical, semântica, discursiva e conversacional — dos vários expedientes utilizados na produção do humor, tais como explorados em seções genologicamente distintas do **Diabo Coxo**; outra, de natureza sociocultural, que abriu caminhos para o desvelamento de aspectos como: o caráter ainda provinciano de São Paulo nos idos de 1860; os hábitos e costumes de sua população, então constituída de cerca de vinte mil pessoas; a modorra de uma sociedade com poucas opções de lazer; a lentidão do progresso; a passividade popular diante das injustiças de que era a maior vítima. Por fim, mencione-se aqui a situação da imprensa

paulistana— objeto de especial interesse deste trabalho —, que, depois da curta vida de seu primeiro jornal, **O Paulista**, editado durante poucos meses, passou a publicar, na década de sessenta, **O Ypiranga**, e **O Correio Paulistano**, órgão oficial do Estado, segundo o relato histórico de Schwarcz (2005).

Em 1864, assiste-se ao nascimento de um periódico distinto dos demais, que, criado por iniciativa do italiano brasileiro, Angelo Agostini, aqui lembrado por diversas vezes, rompe, abruptamente, com o tipo de noticiário oferecido pelos jornais da época, que se contentavam em anunciar fatos de pouco ou nenhum alcance social, dentre os quais, a fuga de escravos, as partidas e chegadas da barca de Santos e outras superficialidades mais. Decidido a ir bem além de um mero noticiário o novo jornal, politicamente engajado, tirou proveito da figura do demônio, considerado “*um agente moralizador, crítico da sociedade e dos seus erros, realizando, sobretudo através da caricatura desenhada, o consagrado no teor do provérbio latino **ridendo castigat mores***”, segundo Cagnin (2005, p. 14), a quem foi dada a incumbência de apresentar a Introdução da edição fac-similar desse periódico, que, pouco a pouco, foi invadindo o cenário paulistano, sob a guia de um diabo-coxo.

Para o desenvolvimento da operação descritiva, adotou-se a proposta de análise defendida pela Gramática Tradicional, mais voltada para a composição, estruturação e funcionamento do sistema lingüístico em si, tal como concebido e abordado por gramáticos como: Said Ali (1969); Rocha Lima (1998), Bechara, (1999) e outros mais.

Por seu turno, o enfoque sociocultural teve como suporte as lições de historiadores, sociólogos, antropólogos, etc. como Bremmer e Roodenburg (2000), Saliba (2002), Tinhorão (2000), Pinsky et al. (2005), Cagnin (2005), Schwarcz (2002), etc., que, restritos, ou não, ao estudo do **Diabo Coxo**, têm mostrado o valor documental da imprensa periodística para o desenvolvimento de diferentes domínios da ciência.

A par desses dois suportes teóricos básicos, em razão das próprias categorias eleitas para exame, foram consultados autores que focalizam: a) o processo enunciativo, como, por exemplo, Bakhtin (1986), Benveniste (1989) e outros; b) a delimitação e a taxonomia dos diferentes gêneros discursivos, como Marcuschi (2000, 2006), Maingueneau (2001), Meurer e Motta-Roth (2002), etc.; c) os conceitos e as formas de produção do humor, em especial, o de origem brasileira, como Pinto (1970 e 1988), Dias-Migoyo et al. (1980), Bremmer e Roodenburg (2000), Travaglia (1988, 1989, 1990); Santiago (2000), etc. e, finalmente, d) a definição, os propósitos, as formas de produção lingüística de textos piadísticos, tais como vistos por Possenti (1988; 1991, 1998), nosso maior especialista nesse subgênero humorístico, que tão bem espelha o temperamento do povo brasileiro.

1.4 Plano da dissertação

Interessado em investigar os humores veiculados na imprensa jornalística, representada, no caso, pelo jornal paulistano novecentista **Diabo Coxo**, o presente estudo foi desenvolvido de acordo com o seguinte esquema organizacional:

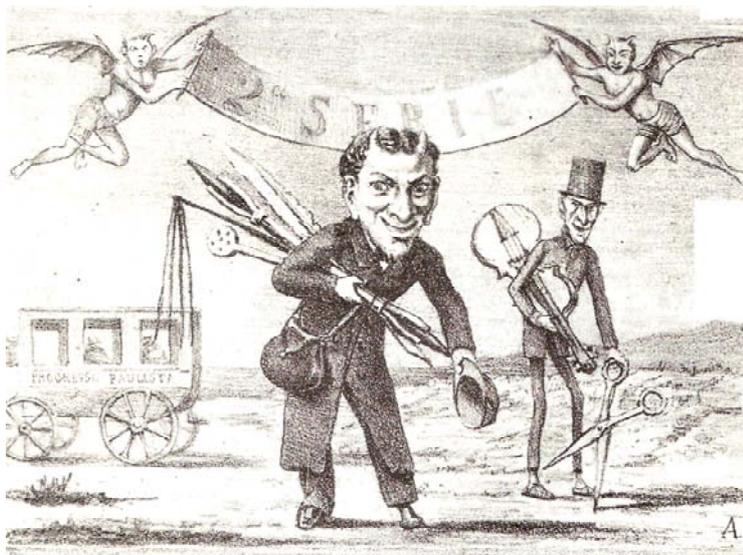
a) uma parte introdutória, ora encerrada, na qual se buscou: delimitar o objeto de estudo; justificar a sua escolha; arrolar os objetivos almejados; indicar os procedimentos metodológicos relativos à constituição do *corpus* e seleção dos dados, bem como ao suporte teórico norteador da análise;

b) um segundo capítulo, em que se fornecem maiores informações sobre o semanário paulistano aqui examinado, o **Diabo Coxo**, informações essas que, numa primeira etapa, de caráter externo, nos revelam o contexto histórico, político, econômico e sociocultural vigente na época da criação do jornal, e, numa segunda, de natureza interna, o seu plano macro e micro-estrutural, no qual se manipulam, por intermédio de dois tipos de código — ilustrativo e lingüístico — e de seções de gêneros variados, diferentes formas de retratar, satirizar e condenar os desmandos políticos e os costumes vigentes na pacata São Paulo do século XIX;

c) um terceiro capítulo, que, dedicado à análise propriamente dita, examina os procedimentos utilizados na produção de algumas seções humorísticas, a partir de princípios e pressupostos defendidos pela Gramática Descritiva — voltada para o funcionamento do sistema lingüístico —, bem como por linhas teóricas ligadas à Análise do Discurso, da Conversação e, por vezes, da Argumentação;

e) uma parte de considerações finais, que busca sintetizar os recursos de produção do humor usados pelo **Diabo Coxo**, com vistas a castigar, através de seu próprio riso e do riso do leitor, os desmandos dos homens públicos e as mazelas da sociedade da época.

Como arremate do trabalho, alistam-se, nas Referências, as obras consultadas e transcrevem-se, em seção anexa, alguns exemplares de seções e textos humorísticos apresentados parcialmente no corpo do trabalho, ou que não foram selecionados para análise. Dispostos em duas colunas no texto-fonte, aparecem, aqui, em uma única coluna.



Meus senhores, sou eu, não é ninguém
E' o Coxo-Diabo que aqui vem."

2 "RIDENDO CASTIGAT MORES": A QUE VEIO O DIABO COXO

"Padre-Nosso do Diabo-Coxo"

<i>"Pater noster" — Diabo-Coxo, Que em S. Paulo agora estás, Seja o teu nome invocado, Teu império ao povo traz.</i>	<i>Nossas dividas perdoa, Visto sermos devedores; Bem como nós perdoamos Aos que são nossos credores.</i>
--	---

<i>'Fiat voluntas tua' Tanto aqui como no inferno; O pão nosso, molle ou duro, Nos dá de verão e d' inverno.</i>	<i>Nunca nos deixe cahir Em tentação com alguém, Nos livra d' alguma sóva Por omnia secula — amen."</i>
--	---

Diabo Coxo (Série I, n. 5, p. 3)

2.1 Introdução: Um jornal com “o diabo no corpo”

Primeiro periódico a apresentar os leitores brasileiros com a arte pictórica caricatural — charges, quadrinhos e retratos — o **Diabo Coxo** foi também pioneiro na utilização da litografia, que facilitou o trabalho de seu fundador, Angelo Agostini, exímio ilustrador herdado da Itália, permitindo-lhe infernizar, com toda a veemência de que era capaz, a até então pacata vida dos cidadãos paulistanos dos quais foi “compatriota” até ser convidado a partir. Para apresentar a cidade com um jornal de “estilo novo”, contou com a colaboração de redatores de prestígio como Luís Gama e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo (citados na Introdução), e teve como guia um diabo coxo, com o qual se identificou de tal maneira, que acabou homenageando-o com o título com que batizou seu primogênito impresso.

Verdadeiro “repórter do lápis”, como gostava de ser chamado, o jovem Agostini, de acordo com Cagnin (2005, p. 18), não se satisfazia tão somente “*com uma única imagem de seus personagens e fatos. Suas caricaturas desdobravam-se em inúmeras outras, em seqüência, como se tentasse dar-lhes movimento e vida.*” Ao contrário do que se podia imaginar, a “morte” do **Diabo Coxo** (ocorrida em 31 de dezembro de 1865) não matou o seu criador e desenhista, que continuou, sempre com a sua verve humorística e sarcástica, a investir em seu “engenho e arte”, com a edição de periódicos — jornais e revistas — e, até mesmo, uma novela-folhetim (primeira de que se tem notícia entre nós), que, datada de 1869, recebeu o nome de **As aventuras de Nhô Quim**, ou **Impressões de uma viagem à corte**.

Com vistas a fornecer uma idéia global do primeiro periódico de militância política no Brasil, bem como a conhecer melhor o seu fundador e toda a obra que nos legou, o presente capítulo, cuja epígrafe parodística já nos dá uma idéia do que nos espera, se desdobra em duas “frentes de trabalho”, que culminam num balanço e síntese do que foi apresentado: uma primeira, em que se tecem considerações gerais e externas acerca do periódico em si e do seu fundador; uma segunda, de ordem interna, em que se procurou estudar a organização macro e micro-estrutural de toda a coletânea do **Diabo Coxo**, e o tipo de humor engendrado em suas variadas seções.

2.2 Dados “biográficos”

2.2.1 Um “filho dos infernos”

Originado do grego *diábolos* e chegado até nos pelo latim eclesiástico *diabolu*, o termo **diabo** é assim definido no **Dicionário Aurélio de língua portuguesa**:

O chefe dos demônios, geralmente representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas. (...) Pessoa má, de mau gênio, feia, atrevida, petulante, importuna, (...) esperta, sagaz, astuta. (...) *Para não enunciar o nome diabo, a superstição popular substitui-o por muitos outros, como: anhangá, Anhangüera, anjo mau, arrenegado, atentado, azucrim, beijudo, bicho, bicho preto ...* (FERREIRA, 1986, p. 583).

Numa espécie de ação publicitária, a figura do diabo, conforme se sabe, aparece no **Novo Testamento** (e, em outras passagens dele e de toda a **Bíblia**), desafia Jesus Cristo a integrar sua legião, prometendo-lhe conceder diversos tipos de bens materiais. A exploração de sua figura tem sido feita ao longo dos séculos, através de diversos tipos de manifestações de doutrinas religiosas e em obras de arte próprias da arquitetura, escultura, pintura e literatura. Lembrando algumas delas, citem-se aqui as seguintes: a) a arquitetura das catedrais góticas construídas na Idade Média; b) pinturas de Michelangelo e Bosch; c) as óperas compostas por autores como Auber, Dvorák, Gounod, dentre outros; d) a produção literária de autores como Dante, Guevara, Goethe, Lesage; e, em tempos mais recentes, do nosso Guimarães Rosa, no terreno do romance e/ou do conto; a coletânea mariana de D. Afonso X, o Sábio (séc. XIII), no reino da poesia lírico-religiosa, etc.

Com a invenção da litografia, que possibilitou a congregação do lingüístico com o caricatural, o diabo se refestelou mundo afora, emprestando seu nome a vários periódicos editados no século XIX como: a) **Le Diable Boiteux, Le Diable à Paris, Diable Rose, Le Bon Diable, Diable Vert e Satan**, em Paris; b) **El Diablo – Revista Infernal, El Diablo Suelto, El Diablo Cojuelo, El Diablo Mudo, El Diablo Azul, El Diablo Rojo e El Diabillo Suelto**, em Madri; c) **Fra Diavolo, Il Diavolo Zoppo, e Il Diavolo Rosa**, em Milão; d) **Trinta Diabos, Trinta Mil Diabos, O Diabo Coxo, A Rebeca do Diabo, Trinta Diabos Junior, Diabrete, O Diabo em Lisboa, Língua do Diabo e O Diabo**, em Lisboa; e) **Diabo da Meia Noite, Gaveta do Diabo e Mefistófeles**, no Rio de Janeiro, além de **O Diabo a Quatro**, no Recife, e **Diabrete**, em Porto Alegre, conforme lista apresentada por Cagnin (2005, p. 14-15), aqui complementada e reorganizada.

Apesar de todas essas possíveis inspirações, não se pode negar, a partir do próprio testemunho fornecido por inúmeras seções e passagens encontradas no jornal de Agostini, que a obra que mais o influenciou foi o romance **El diablo cojuelo (Diabo coxo)**, que, “xará” do periódico aqui em apreço, é da lavra do espanhol Luiz Vélez de Guevara, que o compôs no ano de 1641. Fazendo do humor instrumento de crítica contra a sociedade da época, esse autor narra, em dez “trancos” — designação, no caso em pauta, mais apropriada que “capítulo” —, a viagem feita pelos telhados noturnos de Madri, por um diabo coxo acompanhado de um estudante, de nome **Cleofas**, fugitivo da polícia, que o salvara de uma redoma onde se encontrava prisioneiro. Confirmam-se alguns pontos coincidentes entre as duas criações — literária e jornalística — nas seguintes passagens do tranco II do romance de Guevara e da Introdução do primeiro número da Primeira Série do **Diabo Coxo**, na qual o criador do jornal conta como fez um pacto com um diabo coxo, que lhe prometera dar forças para pintar e castigar os defeitos da elite paulistana e os desmandos de seus governantes:

- (1) “... — Olha ali — prosseguiu o Coxo — como está se queixando da urina um letrado. Barbudo e tão largo, que parece um delfim tirando o rabo pelas almofadas. Lá está parindo dona Fáfula, e dom Turíbio, seu indigno consorte, sofre como se fosse ele que estivesse parindo: está o dono da obra, nesse outro bairro, roncando e descuidado do sucesso.

(...)

Mas olhe ali, verás como vai tirando a roupa aquele fidalgo que rondou a noite toda, tão cavalheiro do milagre nas tripas como nas demais feições, pois tirando a cabeleira fica calvo; o nariz da máscara, fica chato; uns bigodes postiços, fica lampinho; e um braço de pau, fica estropiado; poderia ir mais a caminho da sepultura que da cama.

(...)

Lá dona Tomasa, tua dama, de anáguas, está abrindo a porta para outro, e, neste momento ouve seu amor...” (GUEVARA, 1641/2006, tranco II, p. 23-27)

- (2) “... Ergue-te, não vêes ali aquelle homem tirando a mascara com que se apresenta ao mundo, e deixa agora ver a face nua onde o vício estampa seu sello? Mais adiante, não reparas que a turba applaude e eleva o homem que do alto lhe cuspirá insultos? Acolá os aduladores do rico, e os perseguidores do pobre?

(...)

Ergue-te. Aqui tens uma vergasta, não os poupe: guerreie desde o litterato que ignora tudo e sobre tudo escreve até o potentado que tudo pode e nada faz...” (DC, Série I, n. 1, p. 2)

Além da identidade, parcial ou total, entre trechos do jornal de Agostini e excertos da obra seiscentista de Guevara, ressalte-se, ainda, o emprego de nomes como o de Cleofas,

protagonista do **Diabo Coxo** do autor espanhol, como autor de algumas seções do **Diabo Coxo** do italiano do Brasil.

2.2.2 Um pai “levado dos diabos”

Emprestando da voz da sabedoria popular, um de seus enunciados proverbiais mais correntes, segundo o qual, “Filho de peixe peixinho é”, aplico-o, aqui, no intuito de traduzir e dar uma idéia geral da cumplicidade icônica entre o **Diabo Coxo**, coisa criada, e Angelo Agostini, seu criador, tão jovem, em seus dezesseis anos. Responsável pela instauração desse jornal, no Brasil, conforme já informado aqui à farta, esse desenhista-mirim se incorpora de tal modo em seu primeiro “filho”, de compleição caricatural desmembrada em três formas — charge, quadrinho e retrato —, que o riso de superfície que ele tenta provocar no leitor nada mais é do que a expressão de seu próprio riso, empregado, no fundo, como verdadeira arma de crítica e de rebeldia contra a hegemonia de uma elite privilegiada e opressora — perspectiva do enunciador — e de instrumento de conscientização e de persuasão da gente oprimida, que sequer percebia o seu estado de sujeição.

A geração desse “filho” e de outros mais que o sucederam só foi possível graças à existência, em São Paulo, da tipografia do alemão Henrique Schröder, também já referido, e a utilização do processo de litografia por Agostini, que, conforme mostrado por Cagnin (2005, p. 13), desenhava com um lápis graxo sobre a pedra, na qual espalhava a água-forte a que cabia corroer apenas a superfície, ou seja, a parte que não continha material graxo. Depois disso, era só aplicar uma tinta preta, colocar o papel sobre a pedra e, por fim, passar sobre ele um rolo, para que o desenho fosse impresso.

Apesar de suspensa, em 31 de dezembro de 1865, a edição do jornal, já em sua Segunda Série, por força das ameaças das vítimas de seus desenhos ferinos, o genial caricaturista não se deu por vencido. Em 1866, fundou o **Cabrião**, cujo nome, tal como o do anterior, refletia, iconicamente, o seu propósito de incomodar e molestar sem cessar os responsáveis pelas injustiças sociais que tanto o revoltavam. Embora tenha alcançado o feito inédito de que o seu segundo “filho”, de material pictórico tão ferino quanto o do **Diabo Coxo**, chegasse ao número 51, no penúltimo, Agostini, além de ver destruída a sua oficina, foi obrigado a abandonar São Paulo, aonde nunca mais voltou.

Radicado no Rio de Janeiro, levantou de novo o chicote da galhofa e da zombaria, que, se, por um lado, incomodava as vítimas, por outro fazia rir a população substituindo-lhe o silêncio sofrido e instigando-os a reagir com a voz desaforada impressa em seus desenhos.

Incansável, o cartunista produziu, seja como criador, seja como colaborador, um conjunto de obras — de jornalismo impresso e até mesmo de ficção —, que, no modo de ver de Cagnin (2005, p. 17), “*exerceram influência efetiva na formação da opinião pública*”, principalmente no que dizia respeito à manutenção de um regime escravocrata em nosso país, bem como à permanência de um tipo de governo visto como desgastado e ultrapassado. Na lista abaixo, indica-se o conjunto dos trabalhos produzidos, em São Paulo e no Rio de Janeiro, por esse ilustrador, que, vindo da Itália, se tornou um brasileiro, digno da homenagem que aqui lhe procuramos prestar:

PERIÓDICOS					NOVELAS - FOLHETINS EM QUADRINHOS	
PRODUZIDOS EM SÃO PAULO		PRODUZIDOS NO RIO DE JANEIRO			PRODUZIDAS NO RIO DE JANEIRO	
JORNAIS		JORNAIS		REVISTAS	TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO
TÍTULO	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO	TÍTULO	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO	TÍTULO E PERÍODO DE CIRCULAÇÃO	As aventuras de Nhô Quim, ou Impressões de uma viagem	Janeiro de 1869
Diabo Coxo	1864: out. a dez. 1865: jul. a dez.	Arlequim	Outubro de 1867	Revista Ilustrada 1876	As aventuras de Zé Caipora	Não identificada
Cabrião	1866-1867	Vida Fluminense Fundado por Agostini e seu padraço	Janeiro de 1868			
		O Mosquito Criado por seu amigo Cândido Aragonz de Faria	Não identificado			
		Don Quixote	1895 a 1902			

Quadro 1: Total de periódicos e de novelas ilustrados por Ângelo Agostini, no Brasil
Fonte (adaptada): Cagnin, 2005.

Do rol acima, chame-se, aqui, especial atenção para a **Revista Ilustrada**, que, fundada por Agostini no Rio de Janeiro, em 1876, tornou-se tão popular que conseguiu se manter exclusivamente através de assinaturas, obtidas, sobretudo, nos círculos letrados da corte carioca, segundo observação de Schwacz (1998, p. 416). Dessa sorte, Agostini conseguiu difundir suas idéias e ideais, em dois importantes núcleos urbanos, às custas das chacotas que produzia com tanto requinte e arte.

Ao lado desse desenhista do humor, o **Diabo Coxo** teve como redator o brasileiro Sizenando Barreto Nabuco de Araújo, aqui já lembrado. Irmão do conhecido abolicionista Joaquim Nabuco, ele era filho de uma escrava, que lutou na revolta da Sabinada e de um português abastado, que, viciado em jogo, acabou por perder todas as suas posses. Para honrar sua dívida teve de vender o filho, que havia nascido livre, mas viu-se obrigado a ser escravo. Além desse abolicionista e republicano ferrenho, o jornal de Agostini contou com a colaboração de Luís Gama e, mais tarde, de Nicolau Huascar de Vergara, pintor e caricaturista.

Conquanto de ordem geral, os dados aqui apresentados acerca das ações beneméritas de Angelo Agostini no Brasil, com sua prodigalidade de produção jornalística, que, sob a camada aparente de seus desenhos caricaturais, conferia ao humor neles codificado a seriedade de sua missão libertária. Essa mescla de fantasia com realidade tem permitido alguns estudiosos a concluir que, tal como os espanhóis, nós também tivemos a figura alegórica de Dom Quixote, no caso, *cavaleiro da esperança*, em terras brasileiras.

2.2.3 Uma província do jeito que “o diabo gosta”

“Edifícios pequenos, igrejas pobres, casas de taipa, telhados coloniais enegrecidos pelo tempo; (...) noites tranqüilas, sem sobressaltos, vigiadas pela luz preguiçosa dos lampiões a querosene, embalada pelas serenatas românticas dos acadêmicos”: assim era, na descrição de Cagnin (2005, p. 10), a São Paulo de 1850, que, na década de sessenta, seria despertada pelas novidades decorrentes do progresso, pelas mudanças na economia, e, até mesmo, pela voz de um coxo diabo, que, acorçado nos desenhos caricaturais de seu “pai”, Angelo Agostini, e nos textos galhofeiros de Luís Gama e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo, ali se instalaria, disposto a lançar, em forma de humores, o veneno de sua rebeldia.

Assim, de cidade afastada da Corte e do resto do Brasil por falta de meios de transporte adequados, que via quebrada a mesmice da vida de sua gente apenas com as missas dominicais, as festas da Igreja, ou, mais raramente, com a apresentação de uma peça teatral ou

a promoção de um baile qualquer, por parte de algum burguês mais abastado, São Paulo começou a se transformar. Tanto é que estendeu a estrada de ferro até Santos, passou a contar com a edição de seus primeiros jornais e com a fundação da primeira Academia de Direito do país.

Nos anos de 1864 e 1865, abrigou o **Diabo Coxo** de Angelo Agostini, que se ocupou de infernizar a cidade que o abrigara, aumentando, com suas críticas zombeteiras, a turbulência política e econômica que São Paulo e o país inteiro enfrentavam, conforme nos comprova o acirramento da luta promovida pelos movimentos antiescravagista e antiimperialista. O engajamento político do novo jornal se mostra patente nos seguintes textos de teor humorístico, transcritos de uma das seções constantes de sua Segunda Série (1865), conhecida como “Premios a Concurso”:

(3) “**PREMIOS A CONCURSO.**”

- a- “— A quem compreender o effeito das proclamações republicanas recitadas com empháse nos theatros diante de aparvalhados hilotas, de que se compoem o nescio auditorio: **uma patente de pregador do deserto.**” (DC, Série II, n. 9, p. 7; destaque meu).
- b- “— A quem descobrir a causa porque só se encontram na capital guardas nacionaes rengos e aleijados; menores e sexagenarios: **um par de canellas de veado e um diploma de patriota quilombola.**” (DC, Série II, n. 8, p. 6-7; destaque meu)⁷

(4) “**MAIS PREMIOS A CONCURSO.**”

“— A quem souber o fim que levão as centenas de milhares de contos de réis com que o povo concorre para o thesouro publico, por meio de tributos: **um exemplar da historia do supplicio das Donaides.**” (DC, Série II, n. 6, p. 7; destaque meu)

Outro fato que o **Diabo Coxo** aproveitou para usar e abusar de sua língua debochada foi a rixa que envolvia os dois grandes partidos políticos da época, que se pautavam por ideologias opostas: o Partido Conservador e o Partido Liberal. Para ilustrar o quanto tal briga excitava o jornal de Agostini, veja-se o seguinte excerto da notícia publicada acerca do baile de despedida do Presidente da Província, ao qual, embora oferecido pelos Liberais, compareceram vários Conservadores, que se deleitaram com a música, a comida e a bebida oferecida por inimigos tão ferrenhos em outras circunstâncias:

⁷ Cumpre-me esclarecer que, nesse período, as baixas patentes da Guarda Nacional eram compostas por escravos, em troca da concessão de sua carta de alforria.

(5) “CHRONICA

... Cousa curiosa! Os conservadores dançarão, sorrirão, desfizerão-se nos mais doces galanteios ao distinto liberal, ex-presidente; ninguém os viu jamais tão prasenteiros, tão garbosos ...” “Meu Deos: Os conservadores sabem conciliar tão bem as ideias políticas com as leis do galanteio e da urbanidade! Vão depressa da cabeça ao estomago! (...) Gregos e Troyanos beijarão-se como Romeu e Julieta; fallarão da sorte do Brasil, da crise commercial, e dos planos de uma eleição feita de commum accordo, da divisão do Estado em duas porções n’uma das quaes reinaria o sr. Euzebio, enquanto d’outra tomaria a dictadura o general Garibaldi — Ottoni ...” (DC, ano I, n. 7, p. 7).

Como não podia deixar de ser, mereceu especial atenção da pena de Agostini e de Luís Gama o despropósito da Guerra do Paraguai, condenada pelo primeiro através de ilustrações escarnecedoras e, pelo segundo, por meio de libelos lavrados em inocentes versos ou camuflados como os seguintes:

(6) “MAIS PREMIO A CONCURSO”

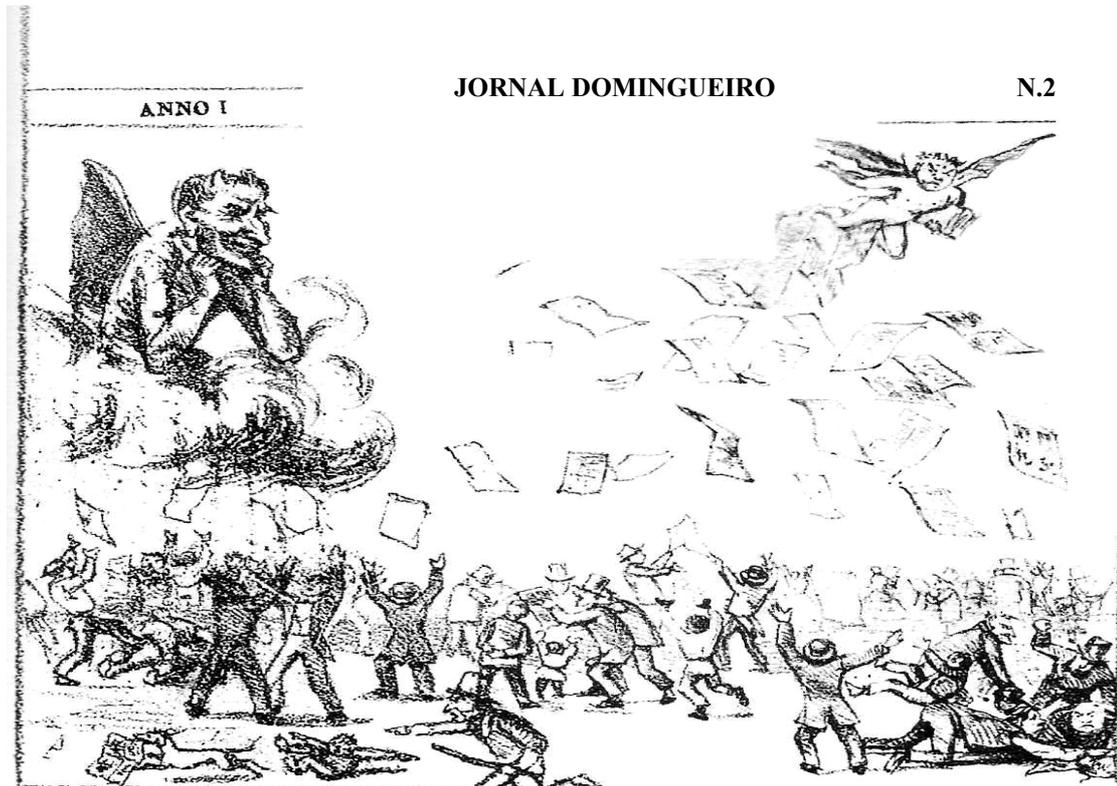
- a- “— Ao venturoso mortal que descobrir a predileção e notar o entusiasmo popular pela actual guerra do Brasil contra o Paraguay: **um par de olhos de Lynce.**”
- b- “— A quem descobrir o elo que prende as tres potencias alliadas contra o governo do Paraguay: **uma mitra fabricada na Confederação Argentina.**”
- c- “— A quem apresentar um mappa do grande exercito do General Venâncio Flores: **uma carta de presidente conquistada pela rebeldia.**” (DC, ano II, n. 6, p. 6; negrito meu)

Evidentemente, com tamanha gama e variedade de munição, um jornal que chamava São Paulo de “compadre”, que despia D. Pedro de suas roupas majestáticas, que criticava a falta de luxo e de etiqueta da família real — segundo mostrado por Schwacz (1998,) —, que chamava de “imbecis” os governantes, políticos, literatos e religiosos, que escarnecia da má atuação dos atores e/ou das peças teatrais que encenavam, que se autoparabenizava pelas chacotas que fazia, só podia ocasionar a transformação da cidade, expulsando a inércia da vida do povo. Cagnin, responsável pela apresentação da edição fac-símile da coletânea formada pelos vinte e quatro números do **Diabo Coxo**, assim retrata o modo como os leitores paulistanos o receberam:

Imagine-se então com que avidez nossos antepassados receberam aquele primeiro número de um jornal repleto de imagens desenhadas por Ângelo Agostini. Foi um sucesso, como ele próprio registrou numa caricatura: os leitores afoitos

acotovelavam-se diante da Litografia Alemã para adquirir o número inaugural de 2 de outubro de 1964. Foi um pandemônio! Um atropelo! Foi o diabo! O **Diabo Coxo** alvoroçou, de fato, a pequena e pacata São Paulo de então. (CAGNIN, 2005, p. 12; grifo meu)

Complementando, imagetivamente, essa descrição, o seu ilustrador, Ângelo Agostini, assim registra, com traços hiperbólicos, o caos resultante da disputa dos presentes por um número do jornal:



“Recepção que teve o ‘Diabo-Coxo’”

Tal foi o impacto do nascimento desse novo rebento da imprensa escrita e ilustrada, que os demais jornais fundados anteriormente em São Paulo abriram os braços para lhe dar as boas-vindas. Isso fica evidente por meio da charge acima reproduzida do próprio periódico. Jornal de São Paulo reconhecido por sua seriedade, o **Correio Paulistano**, por exemplo, assim manifesta a sua expectativa em relação à manutenção da qualidade da linha editorial do **Diabo Coxo**:

O *Diabo Coxo* aparece em forma de jornal e promete não cair (pelo seu primeiro número) na encharcada vereda dos pasquins. Ainda bem, já é um progresso para nossa terra possuir uma folha do gosto da *Semana Ilustrada*, uma folha dedicada à caricatura, ao gracejo digno e comedido. (**Correio Paulistano**, apud Cagnin, 2005, p. 12)

Seguramente, a “cria” de Agostini não decepcionou os seus leitores, chegando a superar as expectativas dos próprios críticos, que aguardavam algum resvalo de seus editores, a fim de desabonar o jornal. Uma das provas incontestes desse sucesso era o preço cobrado em sua venda: embora os números avulsos custassem \$500 réis, ou seja, três vezes mais que um exemplar dos demais jornais editados na cidade, a maioria das pessoas não se importava de pagar com alguns tostões a mais, a oportunidade de rir, aos domingos, das chacotas justiceiras que lhes serviam de porta-voz.

2.2.4 Um Diabo de língua comprida e vida curta

Logo em seu primeiro contato com os leitores, o **Diabo Coxo** deixou clara, em seção introdutória, a seriedade da missão que lhe cabia desempenhar em suas criações humorísticas, pictóricas e lingüísticas. Comprove-se isso na seguinte expressão de sua opinião a respeito do papel da imprensa, opinião essa exposta, ficcionalmente, ao dono do jornal, como um dos argumentos para convencê-lo de aceitar o pacto que então lhe propunha: “*a imprensa, maior inimiga dos máos é a única força que encontro na terra para desmascarar e castigar a esses entes criminosos ou ridículos, estúpidos ou orgulhosos*” (DC, Série I, n. 1, p. 2). Assinado o pacto, o jornal, conforme já dito, faz a sua estréia no dia 2 de outubro de 1864, com a intenção de se fixar entre os paulistanos por um tempo infinito, ou, pelo menos, até que alcançasse os seus dois objetivos maiores: ver abolida a escravidão no Brasil e substituído o império pela república.

Gentil e cavalheiro, o **Diabo Coxo** assim se auto-apresentou em sua primeira aparição para o público, todavia, depois de doze domingos passados em companhia de seus leitores, viu-se obrigado a interromper sua edição, certamente por ter falado demais e de um modo que não devia contra fatos e pessoas, em princípio, inatacáveis. Sem se dar por vencido, assim se despediu o **Diabo Coxo**, em operação metadiscursiva, efetuada através de um retrato do diabo, todo cheio de si em seu fraque e cartola na mão, acompanhado da seguinte legenda:

“DIABO COXO, FIM DA 1^{ra} SERIE

**31 DEZEMBRO
1864”**

“Tenho a subida honra de fazer as minhas despedidas por este anno, e prometto voltar para nova escaramuça, se me constar (o que será muito difficil) que os caloteiros forão banidos d’esta heroica cidade. — Aqui estão os meus acolythos acrobatas, para darem satisfações aos “cavaquistas”, e

podem ser procurados durante a minha ausência no ‘beco do Inferno’”. (DC, Série I, n. 12, p. 1)

Silenciado, por força das circunstâncias, durante um período de seis meses, seu conhecido espírito obstinado e guerreiro reergueu-lhe as forças, levando-o, em nova Série, iniciada no dia 23 de julho de 1865, a fazer rir os paulistanos com a sua língua maligna. Mais uma vez, a estréia mereceu uma charge, na qual o diabo, com os apetrechos condizentes com a sua missão, anuncia, metadiscursivamente, a sua volta com o seguinte esclarecimento e inversão de seu nome (conforme ilustração apresentada na página inicial desse):

“2ª SERIE”

“Meus senhores, sou eu, não é ninguém,
É o Coxo-Diabo que aqui vem.” (DC, Série II, n. 1, p. 1)

Foram mais doze domingos de vida que o **Diabo Coxo**, numa seqüência interrompida numa semana ou outra, teve para divertir os leitores com os seus achincalhes contra os inimigos da cidade, da província e do país. Em seu décimo segundo número, a morte atingiu-o de vez, justamente no último dia do ano. “*Foi um atropelo! Foi o diabo!*” — diria de novo Cagnin, diante a destruição, encomendada pelos barões, de suas dependências e de toda a sua maquinaria. Dessa maneira, depois de duas séries, vinte e quatro números, cento e noventa e duas páginas e oito meses e vinte e nove dias de vida, perdemos uma das vozes mais rebeldes da imprensa paulistana. Obstinado e teimoso, seu dono, o diabo, nas trilhas de Dante, em sua **Divina comédia**, e numa das últimas charges de Agostini, carregou consigo, juntamente com sua corte de diabinhos, todos os inimigos que mereciam viver no inferno. Além disso, em coerência com o seu jeito de ser, pela segunda vez, despediu-se de seu público, com a promessa de voltar:

“FIM DA 2ª SERIE

31 de Dezembro

1865

“Dou-vos boas festas *caros* leitores. Até a volta.”
(DC, Série II, n.12, p. 1)

2.3 Dados configuracionais e genológicos

2.3.1 *Um Diabo de conformação funcional*

2.3.1.1 Humores iconográficos

Em seus estudos sobre a produção do humor, Travaglia (1988, p. 48) faz menção de algumas estratégias que, aliadas, ou não, a recursos lingüísticos, são exploradas, nos diferentes veículos — escritos e orais — como forma de fazer o outro rir, camuflando no não-dito, intenções quase sempre sérias. Dentre os procedimentos que arrola, citem-se, aqui, os seguintes: a situação imediata e mediata; os gestos; os movimentos e atitudes corporais; as expressões fisionômicas; os ruídos vocais; o tom de voz; o perfil dos protagonistas da história; o jeito ridículo de certos objetos. A propósito, lembre-se aqui a figura de Charlis Chaplin, maior cômico do cinema mudo, que fez e ainda faz as pessoas rirem, através de seus gestos, movimentos e expressões de mendigo.

Quanto aos códigos não lingüísticos, esse autor nos fala das possibilidades oferecidas pelo desenho, pintura e cor, que dão margem à produção de caricaturas, charges, cartuns, etc., cujas críticas à realidade vigente têm um efeito social da maior importância.

Tal como dito anteriormente, em todos os vinte e quatro números do **Diabo Coxo**, das oito páginas que o compunham, quatro eram destinadas a rir e fazer rir através de ilustrações e quatro, através de textos de gêneros variados.

Da linguagem iconográfica, são exploradas charges, quadrinhos e retratos, acompanhados, quase sempre de legenda. Expressa, mais comumente, em forma de diálogo, essa última nos remete a unidades interacionais, que, geralmente protagonizadas pelo diabo, envolvem personagens distintas, possibilitando a seguinte variação em termos dos protagonistas envolvidos: a) diabo e leitor; b) diabo e alguma personalidade, de maior ou menor vulto, de São Paulo ou do Brasil; c) diabo e um conjunto de pessoas; d) diabo e algum santo; e) diabo e determinados bichos; f) duas ou mais pessoas; g) uma pessoa e o diabo; h) um ser humano e algum animal (representativo de algum “figurão” da época); i) dois ou mais animais, etc. No quadro abaixo, reproduzem-se essas possibilidades alistadas por Oliveira Bittencourt (2004, p. 5) e assim distribuídas por ela:

UNIDADES ENUNCIATIVAS										
TIPO 1					TIPO 2					
Enunciador	Enunciatório				Enunciador			Enunciatório		
Reino Infernal	Reino Celeste	Reino Terrestre			Reino Celeste	Reino Terrestre		Reino Infernal	Reino Terrestre	
Diabo	Santos	Seres Humanos		Bichos	Santos	Seres Humanos	Bichos	Diabo	Seres Humanos	Bichos
	São Pedro	Leitores	Pessoa(s) de diferentes classes sociais	Burros Coruja	São Pedro	Pessoa(s) de diferentes classes sociais	Burros	Diabo coxo	Pessoa(s) de diferentes classes sociais	Burros

Quadro 2 – Relações intersubjetiva produzidas nas charges do DC⁸
 Fonte: Oliveira Bittencourt, 2004.

A seguir, apresentam-se exemplos de algumas dessas células interacionais, aqui reproduzidas somente nas legendas que vêm apenas aos desenhos:

(7) Exemplos do tipo 1:

a – **Situação:** O **diabo coxo** despede-se dos **leitores**:

“Dou-vos boas festas *caros* leitores. Até a volta.” (DC, Série II, n. 12, p. 1)

b – **Situação:** O **diabo coxo** pergunta a um “**moleque**” escravo o que está fazendo, assentado no chão:

— O que estás fazendo ahi, moleque?

— Apanhando bosta para meu sinhô.” (DC, Série I, n. 11, p. 5)

⁸ A expressão “quadro figurativo” é utilizada por Benveniste (1989, p. 87), para designar os actantes responsáveis pela enunciação.

c – **Situação:** O **diabo** coxo pergunta a um **burro** a razão pela qual está chorando:

“ — Que fazes ahi, pobre diabo?

— Ai, senhor, estou condemnado a morrer de fome; a estrada-de-ferro tirou-nos o trabalho e com elle foi-se o milho, o capim e outras pastagens.

— Cala-te, pateta. Vou fazer de ti alguma cousa dando-te uma posição social que matará de inveja aos teus irmãos.” (DC, Série I, n. 9, p. 1)

(8) **Exemplos do tipo 2:**

a – **Situação:** Um **jornalista** (Angelo Agostini, provavelmente), com o **Correio Paulistano** nas mãos, vai ao céu para saber de **São Pedro** se, na verdade, ele esteve em Roma:

“— Illm. Snr. S. Pedro: — Faça-me o favor de dizer si esteve ou não em Roma; porque desconfio que aquillo lá por baixo acaba em grande pancadaria.

— Ora, sebo: diga a esses discutidores que não me amolem; e que vão á ... *Cotia* perguntar ao vigario.” (DC, Série I, n. 6, p. 1)

b – **Situação:** Um **cidadão** (que, pelo que sugere o desenho, é, de novo, Angelo Agostini) pergunta ao **diabo coxo**, as novidades apresentadas pelo **Correio Paulistano**, que ele se encontra lendo:

“— Então o que diz o *Correio Paulistano*, illustrissimo senhor [o diabo]?

— Diz ao publico de S. Paulo, que não creia em boatos falsos; que socegue; que a pátria precisa de soldados e muitos para debellar o inimigo, porém *o povo em massa não hade partir* porque não é preciso: repete-lhe que esteja tranquillo, que socegue, etc. etc.

— Ora é boa recommendação! Socegados estamos nós há muito tempo!” (DC, Série I, n. 4, p. 1)

c – **Situação:** Dois **burros** brindam a viagem do diabo coxo:

“— Bebamos, amigo; desprezarão-nos por inúteis, porém a *traficancia* levou o diabo na primeira viagem!..

— Bebamos, amigos, n’esta terra o progresso não vence.” (DC, Série II, n. 8, p. 1)

Outro aspecto digno de menção é o que diz respeito à funcionalidade e padronização distributiva dos (sub)gêneros ilustrativos do jornal, que, mostrado parcialmente no Quadro 2, acima, aparece mais detalhada, no seguinte Quadro:

Nº DA PÁGINA	FUNÇÕES UTILITÁRIAS E/OU POLÍTICO-SOCIAIS (ESPECIFICAÇÕES MODAIS DE ATOS LOCUTIVOS)	(SUB)GÊNEROS EXPLORADOS			
1	ABERTURA do Jornal	Parte Superior da Página			Parte Inferior da Página
		Chamada para publicação	> Título do jornal > Desenho: Cena em que o diabo coxo tenta firmar um pacto com Agostini	Informações utilitárias > Assinaturas > Preços	Ilustrações: > Charges dialogadas > Charges apresentacionais > Retratos
4 e 5 4-5	Denúncias, Críticas, Sugestões, Injunções Propostas de solução	1 tira com 2 ou 1, 2, ou 3 charges 3 quadrinhos			> 1, 2, ou 3 charges > Tira com 2 ou 3 quadrinhos > 1 retrato
6 e 7 6-7	Denúncias, Críticas Julgamentos Sugestões Insuflações Saudações (cumprimentos e despedidas) Injunções Propostas de solução	Charges dialogadas (legendadas ou não) Charges legendadas de caráter apresentacional Charges parodísticas Retratos legendados de pessoas, ou, mais raramente, de cenas			
8	Denúncias Críticas Julgamentos Insuflações Despedidas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Retratos legendados de pessoas de vulto ▪ Retratos legendados de cenas (menos frequentes) ▪ Charges (mais raras) 			

Quadro 3: Padrão distribucional das páginas ilustrativas do DC e de suas funções e (sub)gêneros
Fonte: Dados da pesquisa

Fornecida essa ligeira idéia do humor construído, pictoricamente, no **Diabo Coxo**, por mãos de seu “repórter do lápis”, Angelo Agostini, reconhecido pelos especialistas como o grande Caricaturista do Império, passemos, agora, ao exame do humor instituído com intenções outras no universo lingüístico.

2.3.1.2 Humores lingüísticos

Numa conjugação harmoniosa com a linguagem pictórica, a matéria lingüística do **Diabo Coxo** também se valeu do discurso humorístico para o exercício de uma função política, social e cultural, que variava, em seu modo de expressão, entre o sutil e o grosseiro. A catarse, que, certamente, provocava com o seu humor irreverente e o seu modo debochado de suscitar o riso nos leitores, por meio do emprego de gêneros textuais diferentes, servia muitas vezes não só para dissimular suas intenções mais recônditas — instância emissora —, como, também, para o seu verdadeiro destinatário, que, no caso em pauta, era quase sempre o Imperador D. Pedro II e/ou pessoas ligadas a ele, conforme demonstrado por Lima (1963), Sodré (1966), Schwarcz (1998), Oliveira Bittencourt (2005) e outros mais.

De circulação domingueira, conforme já se comentou, o **Diabo Coxo** levava, semanalmente, aos leitores o “veneno” forjado em suas oito páginas, que apresentavam, numa combinação intersemiótica harmônica, uma gama considerável de gêneros textuais, mais ou menos vazados pelo humor. O Quadro exposto a seguir permite-nos visualizar melhor o esquema organizacional-padrão adotado nesse jornal, relativamente à distribuição e localização dos textos nas páginas em que costumavam figurar, em suas duas Séries editadas, bem como os gêneros discursivos neles engendrados:

SÉRIE E ANO	PÁGINA	GÊNEROS E SUBGÊNEROS DAS DIFERENTES SEÇÕES		
I (1864) II (1865)	1	Parte Superior da Página		Parte Inferior da Página
		Esquerda Chamada e modo de encaminhamento de artigos e desenhos	Direita Instruções relativas à assinatura do jornal e da compra de números avulsos	Legenda à charge/retrato apresentada(o)
I (1864)	2 2 e 3 2-3 3 3-6 6 7 6 e 7 6-7	Editoriais/artigos opinativos Romances em folhetins “Noticias” Poemas (inéditos ou transcritos de outrem) “Chronicas” “Specimens” de <ul style="list-style-type: none"> “Redacção” “Ortographia” “Requerimentos” “Anuncios” Aviso “Ideias” “Poesia” Relatório “Espírito de alguns litteratos” Paródias/Paráfrases “Historias” (= Causos) “Anuncios” Comunicados/Avisos aos leitores Cartas de leitores “Idéias Extravagantes” Achados e Perdidos Epígrafes Textos piadísticos <ul style="list-style-type: none"> “Garatujas” “Pilherias” “Anedoctas” “Miscellanea”⁹ Material incorporado a seções de gêneros variados		
	4, 5 e 8 4-5	Charges Quadrinhos Caricaturas	Legendas apenas a <ul style="list-style-type: none"> Dialogados ou Apresentacionais 	

Quadro 4: Distribuição por série, ano, página e gênero discursivo das diferentes seções humorísticas do DC

Fonte: Dados da pesquisa

⁹ Algumas das nomenclaturas utilizadas para denominar seções do jornal como, por exemplo, “Miscellanea” e “Specimem”, podem ser consideradas como gêneros autorais, ou seja, são instituídos e, por isso, pertencem especificamente ao jornal aqui em questão.

(continuação)

SÉRIE E ANO	PÁGINA	GÊNEROS E SUBGÊNEROS DAS DIFERENTES SEÇÕES
II (1865)	2 2 e 3 2-3 3 3-6 6 7 6 e 7 6-7	Artigos opinativos “Romances” em folhetins Notícias Poemas (inéditos, transcritos, ou parafraseados de outrem) “Chronicas” Paráfrases e paródias “Historias” (= Causos) “Reportagens” “Anuncios” Comunicados/Avisos aos leitores Cartas dos leitores “Novidades Antigas” “Novidades do Interior” “Epigramas” “Premios a Concurso” “Mais Prêmios a Concurso” “Autographos” Epigramas Textos piadísticos
	4, 5, 8 4-5	Legendas apenas a: Charges Quadrinhos Caricaturas

{ “Miscellanea”
 Material Incorporado a seções de gêneros variados.

{ Dialogados
 De caráter apresentacional

Quadro 4: Distribuição por série, ano, página e gênero discursivo das diferentes seções humorísticas do *DC*

Fonte: Dados da pesquisa ¹⁰

Em complementação aos exemplos aqui já exibidos, transcrevam-se, a seguir, de uma forma integral ou parcial, alguns outros representativos de (sub)gêneros ainda não ilustrados neste trabalho. O primeiro, parecido com um “causo”, nos conta uma história que pode ser

¹⁰ Marcaram-se com aspas os títulos conferidos às seções pelo próprio jornal.

resumida no seguinte provérbio (no caso, visto sob a perspectiva da personagem): “Quem tudo quer tudo alcança”; o segundo traduz o velho preconceito contra as mulheres (novidade antiga), assim caracterizadas pelo autor, em termos do jogo de baralho: “*No baralho do amor só a mulher faz **pacão**, e o homem só é feliz quando joga de **carancho***” (DC, Série II, n. 4, p. 2; destaques do autor):

(9) “**Historias**”

“... No dia 24 de Maio de 1852 chegou ao porto da Bahia o brigue ‘Flor do Tejo’ carregado de cento e vinte homens — e entre elles contava-se o heroe da historia de hoje.

Baixo de estatura, feio de cara, rico de nariz, pobre de espirito, fertil em sandices — são os dotes principaes de nosso grande gaiato. A primeira vez em que o vimos não deixou elle de impressionar-nos um tanto ou quanto, pelo modo de fallar e pelo porte pretencioso; e apesar de immundo e trazer às costas simples caixa de pinho — dissemos de nós para nós — aquelle fará fortuna!!

Dito e feito. Uma vez em terra buscou altas posições — e como não lh’as quizessem dar pela falta de merito — elle não desanimou de seu intento e pensou dia e noite no meio mais fácil de elevar-se — infelizmente faltou-lhe o pão, vio-se obrigado á empregar-se em uma ‘taberna’.

(...)

Assim passaram-se mezes; — todos os dias o sonho favorito de ‘subir’ não o deixava; — todos os dias repetia elle sua phrase de esperança!

Uma tarde foi mandado pelo gorducho patrão á cobrança de uma divida de patacos, e ao passar pelo theatro observou alguns caiadores em suas escadas ... derrepente tornou-se rubro — recuou — e no auge de alegria gritou ‘achei’.

(...)

Dedicou-se a caiador — tornou-se mestre — e disputava honras em questão de ‘alta pintura’ (não é esta a frase) a todo e qualquer reforçado ‘mina’ que por acaso aparecia ao seu lado de brocha na mão.

(...)

Depois do exterior passou o nosso heróe a ‘borrar’ uma parte interna ... ahi viu elle por sua vez abaixo de si os artistas que ensaiavão. Oh! Que ufano parecia o ‘artista de brocha’ nos ultimos degraos de sua escada de borrador! como erão pequenos e sem mérito aquelles que trabalhavão debaixo d’elle? ...” (DC, Série I, n. 10, p. 2)

(10) “**Novidades Antigas.**”

“*Nec semper lilia florent.*

(...)

Si os homens fossem menos indolentes e os sabios mais perspicazes teria a muitos seculos descoberto a bussola na cabeça da mulher, onde a inconstancia e o amor, tendo de permeio o orgulho, formam polos no vacuo imenso da vaidade. Cabeça admiravel, vaga e indeterminada como a descripção que d’ella nos — deu o poeta:

Qual alta grimpã
Que move o vento,

Assim ondula
Seu pensamento.

E si não Valle a mulher muito pelo siso, menor apreço ainda lhe dão quanto ao peso;
pois d'ella dizia o cysne lusitano:
O que é mais leve que o ar? o fumo
O que é mais leve que o fumo? a mulher.
E o que é a mulher? Nada! ...” (DC, ano II, n. 4, p. 2)

Para finalizar, reproduz-se, abaixo, um excerto de outro gênero de seção encontrada no **Diabo Coxo**, em que se explora, a meu ver, hiperbolicamente, o processo de variação lingüística, através da transcrição de uma carta escrita por pessoa de pouco letramento, que, pela constante troca de **b** com **v**, de **e** por **a**, e uso de vogal paragógica, nos faz pressupor que se trata de um escrevente de naturalidade portuguesa:

(11) “**AUTOGRAPHOS.**”

“Amigo Vraga.

Bia de ferro 202 do Fabreiro de mil 865

Arrecevi o teu bilhete e fiquei invavascado com a tua alemvrança, pois bejo con disprazeri de contentamento agoniado que tães sofrido da amorrhorias como huma cadella belha. Acim como bejo qe o pior de tudo assucedeu por tua cauza, de caires nas mãos dos merdicos qe te han de dar cabo da bida in poco tempo, porque la dizia mo pai qe Deus aja queres murrer precura lo merdico. ...” (DC, ano II, n. 11, p. 6)

Previsto para ser devidamente examinado em capítulo posterior, as informações e o material ilustrativo aqui expostos, complementados por outros dados mais, serviu para fornecer ao leitor uma idéia global do modo de edição e composição do **Diabo Coxo**, semanário que, aliando imagem e texto, foi criado pelo artista Angelo Agostini com a finalidade de encerrar, no riso que lhe cabia provocar, lições e mais lições de cidadania.

2.4 Conclusão — *Diabo Coxo*: uma pérola esquecida no nosso patrimônio editorial

Em avaliação do conjunto de periódicos fundados e/ou ilustrados por Angelo Agostini, a comunidade acadêmica tem sido quase unânime em apontar a **Revista Illustrada**, criada, em 1876, no Rio de Janeiro, como sua obra-prima. Tanto é que, segundo Cagnin (2005, p. 18), mereceu de Joaquim Nabuco o epíteto “a bíblia da abolição dos que não sabem ler”. Segundo as informações fornecidas por Schwarcz, em sua obra **As barbas do imperador** (1998, p. 416), “no final do Império, essa revista era tão popular que vivia exclusivamente de

assinaturas, ao mesmo tempo em que se convertia em leitura obrigatória, ao menos nos círculos letrados da corte carioca”.

Embora não tenha podido, ainda, manusear as páginas de algum número desse periódico, acredito que o seu sucesso está ligado à experiência vivida por Agostini e seus colaboradores na redação/ilustração do **Diabo Coxo**, que nos deixa antever, num título composto de dois elementos de um mesmo campo semântico “suspeito”, os agravos irreverentes próprios de um diabo manquitola.

Republicano por excelência, Agostini foi implacável, nesse jornal e nos demais, em suas críticas contra o Imperador D. Pedro II, personagem-alvo de toda a coletânea aqui examinada. A par disso, com a arte de seu esfuminho, descreveu o cenário político e econômico vigente na época, denunciou o egoísmo, a ganância e a irresponsabilidade dos homens públicos, condenou a falta de engajamento político dos literatos, etc. Explorando gêneros verbais e pictóricos distintos, apresentados, numa ordem mais ou menos fixa e harmônica nos vinte e quatro números editados, o **Diabo** de Agostini não poupou nem as encenações medíocres de peças teatrais muitas vezes mal selecionadas nem os erros de linguagem cometidos por quem não se esperava que o fizesse.

Por tudo o que se pôde expor neste capítulo de apresentação de um jornal nascido de um pacto com o diabo — que, por sinal, é mostrado o tempo todo nas diferentes seções, iconográficas e textuais, que o integram —, creio que se justificam a sua seleção como *corpus* da pesquisa aqui efetuada e a escolha da múltipla operação humorística nele levada a termo.



- “ — Bebamos, amigo; desprezarão-nos por inúteis, porém a *traficancia* que levou o diabo na primeira viagem!...
— Bebamos, amigos, n' esta terra o progresso não nos vence.”

3 HUMORES E RISOS DO/NO *DIABO COXO*: CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA DE UMA “COMÉDIA SOCIAL”

EXCURSÃO A' GROTA FUNDA

Leitores, no começar muitas vezes as cousas mais simples está a grande dificuldade de resolver as mais intrincadas. Não é por falta de meios, que nos-vemos em dificuldades; pois tantos são os que temos, que se nos affigura impossivel a escolha de um. Temos começado muita cousa: caminhado até o meio de algumas; e acabado muitas outras. Temos acabado couzas começadas por outrem: entretanto que nos-vemos embaraçados para começar na via férrea uma excursão, que acabamos com indefinivel prazer.

É nas grandes dificuldades que se conhecem os grandes homens; e pois, sem pôr os calções a baixo como fez o gallego do sr. Garret, vamos começar a nossa excursão à maneira de romance historico. ...

Diabo Coxo (Série II, n.12, p. 2)

3.1 Introdução: humor e riso

Originado do latim, o termo “humor”, derivado da mesma raiz de *humus* (‘terra fértil’), era usado, nos primórdios da Medicina, para definir os quatro tipos de matéria líquida, ou semilíquida, correspondentes às secreções produzidas em nossos órgãos internos: o sangue, a fleuma, a bílis amarela e a bílis negra, fluidos então considerados como responsáveis pelas mudanças de estado de espírito do homem. Assim, na Antigüidade grega, acreditava-se, por exemplo, que a depressão, a melancolia ou o humor deprimido eram resultantes de desarranjos no fluxo biliar.

Embora, ainda hoje, o vocábulo “humor” seja utilizado para definir as substâncias hialinas relacionadas a funções orgânicas importantes, com o tempo, passou a ser interpretado de maneiras diferentes, de acordo com o ponto de vista adotado em seu estudo: psicológico, filosófico, sociológico, antropológico, etc. Autores como Freud (1905/1969), Bergson (1900/1978), Propp (1992), Raskin (1985) e tantos outros mais, representantes dessas áreas científicas, investigaram a questão, deixando-nos, como legado, uma variada gama de lições acerca do conceito, formas de produção, tipos de função, repercussão psicológica, política e sociocultural, etc. do humor, do rir e do fazer rir. Testemunham-nos essa preocupação trabalhos como os de Sohiet (1998), Bremmer e Roodenburg (2000), Alberti (1999), Minois (2003), etc., de origem estrangeira, bem como os de Possenti (1991, 1998), Travaglia (1988, 1989), Santiago (2000), Macedo (2000), Lins (2002) e outros mais, de naturalidade brasileira, que fazem um rastreamento da evolução do pensamento a propósito dessa operação levada a cabo por povos de culturas diferenciadas.

Lembrando, com Macedo (2000, p. 22), que “*na qualidade de gesto coletivo, o riso traduz valores, revela comportamentos e padrões socioculturais*”, o que nos remete a “*variadas representações do risível de acordo com os diferentes padrões e modelos valorizados pelos grupos de diferentes espaços geográficos, participantes de diferentes situações na escala social*”, coube-me, no presente capítulo, focalizar o “humor brasileiro”, tal como produzido em um dos primeiros periódicos editados no Brasil, **O Diabo Coxo**. A ele e aos demais que surgiram a partir do incremento da imprensa entre nós, aproveitando-se do aperfeiçoamento tecnológico editorial importado da Europa, aplica-se, com justeza, a seguinte opinião de Olavo Bilac (apud Schwarcz, 1998, p. 5), em entrevista concedida a João do Rio, em 1908: “*jornal leve e barato, verdadeiro espelho da alma popular, síntese e análise das suas opiniões, das suas aspirações, das suas conquistas, do seu progresso*”.

Oferecida, no capítulo anterior, uma visão geral acerca da criação desse periódico pelo imigrante italiano Angelo Agostini, com base num fictício pacto firmado com um diabo coxo, bem como acerca de seu tempo de circulação na cidade de São Paulo, de sua linguagem bipartida em dois sistemas distintos — iconográfico e lingüístico —, dos gêneros de seção e dos expedientes que possibilitaram a composição de sua trama humorística, no presente capítulo, retomam-se, para o devido exame, essas duas últimas categorias, de caráter genológico e instrumental.

Restringindo-se, pois, a esse dúplice objeto e ao próprio tipo de atividade humorística desenvolvida no **Diabo Coxo**, que privilegia, quantitativamente, o subgênero piadístico, o estudo aqui empreendido foi norteado pelo seguinte esquema organizacional: num primeiro momento, atentou-se para as manifestações de humor presentes — por vezes, de um modo esporádico — em seções genologicamente distintas como: romances folhetinescos, crônicas, notícias, editoriais, avisos, anúncios, poemas, paródias, *specimens*, cartas do/ao leitor, etc., alistadas no Quadro 4, apresentado no capítulo anterior; num segundo tempo, voltou-se, particularmente, o olhar para as seções do jornal destinadas, especificamente, a rir e fazer rir através de piadas, que, extremamente sintéticas e em forma de diálogo, em sua maior parte, além de aparecerem incorporadas em seções de outros gêneros, mereceram espaço próprio no semanário, integrando seções especificamente destinadas a abrigá-las (“Garatujas”, “Anedocta”, “Miscellanea”, e “Pilherias”) — o que, possivelmente, estaria nos indicando subespécies desse subgênero de humor.

À guisa de encerramento do capítulo, procede-se, em seção conclusiva, a uma revisão geral dos resultados obtidos, pontuando-se as estratégias, os temas, os tipos de riso de maior recorrência, bem como os principais alvos da crítica irônica e mordaz produzida por um ser que, além de diabo, também era coxo.

3.2 A ação humorística na imprensa jornalística brasileira: São Paulo, século XIX

Um dos mais notáveis estudiosos do riso, Bergson (1900/1987) acreditava que, para compreendê-lo, era necessário levar em conta o seu *habitat*, ou seja, a tipo de sociedade em que era construído, e descobrir o seu caráter utilitário, manifestado em suas diferentes funções sociais. Diferentemente, Freud (1905/1965), a partir do exame da comicidade detectada nos chistes, piadas, termos espirituosos, etc., de que nos valemos em nossa conversação diária, entendia que o riso funcionava, em suas variadas manifestações associativas, como uma

espécie de elemento liberador das emoções reprimidas, ajudando-nos, assim, a compensar o dispêndio de energia decorrente das proibições impostas pela sociedade.

Acreditando que esses dois tipos de papéis atribuídos ao riso não são mutuamente exclusivos, mas complementares um ao outro, e que “*as representações humorísticas, nas suas inúmeras formas e procedimentos, forjam-se nos fluxos e refluxos da vida, no tecido histórico e social*” (SALIBA, 2002, p. 28), passo a examinar os tipos e modos de representação humorística num dos veículos midiáticos brasileiros, que, em maior ou menor grau, costumam conferir espaço próprio a esse gênero, entre as seções que apresenta.

No século XIX, esse espaço já nasceu vasto, para não dizer completamente ocupado, com a proliferação de jornais e revistas que, tal como o **Diabo Coxo**, eram compostos, em sua maior parte, de seções dedicadas exclusivamente à produção humorística, ou, então, “hospedeiras” — conforme nomeação proposta por Bittencourt (2004) — de material risível, o que nos remete a uma tipologia de humores diferenciados. Uma dessas diferenças diz respeito ao tipo de função desempenhado por esse tipo de material. Embora a literatura corrente costume conferir exclusividade ao seu papel social, de caráter subversivo, maledicente, impiedoso, perverso e, por vezes, sádico, não se pode negar a existência de humores outros, de cunho mais leve e despretensioso. Não é sem razão, pois, que, em seu estudo acerca da história do “fazer humorístico” na e através da imprensa brasileira, Elias Saliba rebate a unilateralidade da avaliação acima, afirmando que:

... mais do que percepção e sentimento da ruptura e da contrariedade, a representação humorística é uma **epifania da emoção**. Ela se dilui na vida cotidiana e só de vez em quando brilha e ilumina, como um intervalo de riso e de alegria na rotina dos ritmos repetitivos e diários. (SALIBA, 2002, p. 29; destaque meu)

Outro aspecto a comentar tem a ver com o caráter peculiar de vários gêneros do domínio humorístico — para me valer da terminologia de Marcuschi (2000, 2006) — explorados nas diferentes seções dos jornais. No âmbito da dramaturgia, por exemplo, encontram-se gêneros como a **comédia** (de costume, de personagem, de capa e espada, etc.), a **farsa**, a **burla**, o **pastelão**, a **chanchada**, o **vaudeville**, etc., cuja diferenciação é de tal modo sutil, que Moisés (1999), prefere identificá-los, com restrições, em termos do grau de comicidade.

Por sua vez, nos periódicos brasileiros humorísticos do século XIX, de um modo particular, no **Diabo Coxo**, objeto do presente estudo, depara-se com dois tipos, aqui já mencionados: um, em que as representações humorísticas configuram-se como camadas incorporadas a gêneros “sérios” como o romance folhetinesco, as notícias, os anúncios, os editoriais, os obituários, etc., que “hospedam” matéria risível; outro, em que elas

correspondem, por si mesmas, a um gênero ou subgênero humorístico autônomo, cuja identidade — no mais das vezes, expressa em seu título — costuma estar relacionada com a espécie de estratégia utilizada na sua produção, no seu tipo textual — narrativo (causo, anedota, piada/pilhéria/chiste), ou não (trocadilho, quebra-língua, triquestroque), ou, então, com o seu grau de extensão — maior, nas anedotas, por exemplo, e menor nas piadas, pilhérias, chistes.¹¹

Na verdade, o que ocorre é uma inserção do humor dentro do domínio jornalístico. Todavia, levando-se em consideração que praticamente todas as seções do **Diabo Coxo** são essencialmente humorísticas, ao mesmo tempo em que mesclam algumas características próprias de jornal, fica difícil delimitar e definir seu conteúdo em termos de gênero. Tal empresa acaba por fazer emergir a representação do discurso jornalístico a partir do discurso humorístico. Esse hibridismo é parte integrante de todo material contido no jornal em questão.

Naturalmente, não me cabe resolver aqui essa delimitação genológica, não solucionada, nem mesmo por autores da envergadura de Bakhtin (1986, 1997), um dos grandes precursores dos estudos acerca de gêneros textuais na esfera lingüística, Benveniste (1989), Bronckart (1999), Marcuschi (2000, 2006), e tantos outros mais interessados nessa questão. De minha parte, penso que, ao abordá-la, cabe à Lingüística: a) considera-los como tipos de eventos comunicativos, que, ligados a práticas sociais próprias, têm sempre um propósito a alcançar; b) ter em mente que os gêneros apresentam estruturas esquemáticas mais ou menos fixas e mais ou menos próprias; c) distinguir gênero de registros e de estilo de linguagem.

3.3 O *Diabo Coxo*: uma fábrica de humores e risos suspeitos

3.3.1 Humores “hóspedes”: formas de expressão verbal em seções “hospedeiras”

Tanto no presente capítulo quanto no anterior, tive a oportunidade de mostrar que, tal como ocorre com outros periódicos do passado (principalmente) e do presente, o **Diabo Coxo** revela a sua brasilidade, apresentando uma gama variada de seções, que, provocadoras de risos (também diferenciados), retratam o espírito jocoso, alegre e brincalhão do povo brasileiro, cuja “inocência humorística” aparente, esconde em seu bojo o seu jeito irônico, zombeteiro, e, não poucas vezes, provocador e insultuoso. Esse lado maledicente, anunciado

¹¹ Para uma visão mais detalhada dos gêneros e funções do humor, consultem-se Propp (1992), Travaglia (1988), Santiago (2000), etc.

no próprio título do jornal, é, no caso em pauta, atribuído ao diabo, protagonista maior do periódico, que, depois de uma operação argumentativa irrefutável, conseguiu convencer Agostini a firmar o pacto proposto, qual seja, o de combater as injustiças sociais por ele apontadas. Confirme-se tal aquiescência, no segmento seguinte, transcrito da seção de abertura do primeiro número do **Diabo Coxo**:

“Estudas o coração humano e não estabeleces a diferença entre estes que sentem e palpítão e aquelles que são apenas musculos ocos, perdidos os sentimentos que distinguem e elevão a humanidade. Equiparas estas almas que soffrem sem consolação á aquellas que nunca sentirão nem se quer uma contrariedade?”

Oh! espírito pueril, o estudo desta **comedia social** te é necessário.” (DC, Série I, n. 1, p. 2; destaque meu)

Redigidas num português rebuscado, quase gongórico, e numa forma ortográfica já não mais vigente entre nós, as suas seções, embora variem de gênero, nem sempre aparecem em todos os números de uma mesma série, sendo que algumas delas — como, por exemplo, as restritas a textos piadísticos — aparecem apenas em uma das duas séries do **Diabo Coxo**, o que não ocorre com o material iconográfico, explorado nos vinte e quatro números do periódico em seus diferentes tipos de manifestação (charges, quadrinhos e retratos).

Vejamos, a seguir, alguns exemplares desse “material-canguru” que não conseguiu escapar da trela justiceira de um ser diabólico e coxo, que o distribuiu em dois grandes grupos de forma e natureza distintas: os lavrados em poesia e os redigidos em prosa.

3.3.2 Análise de dados: seções portadoras de humores-“hóspedes”

3.3.2.1 Expressas em versos

É considerável o número de poemas de teor satírico veiculados no jornal aqui investigado, fato que chegou a dificultar a seleção que me cumpria fazer. Depois de leituras e releituras, cheguei à conclusão de que a escolha deveria recair sobre os que fossem representativos da espécie de humor desejado e desenhado por Agostini — o que, acredito, se acha bem representado pelo poema abaixo, no qual, em deboche contra os maus hábitos/defeitos de certas figuras expoentes da sociedade paulistana da época, o próprio **Diabo Coxo**, em auto-elogio, mostra os louros de sua vitória com as mudanças obtidas às custas de sua língua venenosa e desmoralizadora:

“PARABENS AO DIABO COXO”

(Anônimo)

“Compadre, você já viu
Certa mocinha faceira
Deixar de ser linguaruda,
Deixar de ser janelleira,
Sem mais dar aos que passeiam
Seu engraçado ‘mochoxo’?

Veja lá como emendou-se!

Parabéns ao Diabo-coxo!...

Vio também aquelle ‘cujo’
Namorador de bitola,
Deixar de fazer tijolo
Com seu ‘pince-nez’ de mola:
De dia – feito macaco,
A noite agoureiro mocho?

Temeu que fossem-lhe ao pêllo!

Parabéns ao Diabo-coxo!...

Vio também certo empregado
De certa repartição,
Não mais murmurar dos outros,
Não mais lesar a nação,
Quando em você lhe fallavam
O nariz ficar-lhe roxo?

Ficou com medo, o coitado!

Parabéns ao Diabo-coxo!...

Vio também certo gaiato
Versista de meia cara,
Deixar de fazer mais versos
De ‘metro’, ‘covado’ e ‘vara’
Com que matava os ouvintes
Fazendo um poema froxo?

Temeu-se da <<carantonha>>!

Parabéns ao Diabo-coxo!...

Vio la bem certo pedante
Com fumos de sabichão,
De mil charutos filante,
Nas asneiras um Catão,
Perder ambas as manias,
E hoje estar quedo e choxo?

Temeu de ver-se pintado!

Parabéns ao Diabo-coxo!...

Vio finalmente, compadre,
Certo ‘valente’ de arromba,
Como agora anda mansinho,
Murcha a crista, e baixa a tromba?
E mesmo certos ‘vinagres’
S’tarem com medo do arrocho?...

‘Ridendo castigat mores!’

Parabéns ao Diabo-coxo! “

(DC, Série I, n. 3, p. 3 e 6; destaques meus)

De tom irônico até mesmo em seu componente lexical, esse poema, cujo título, por si só, já é bizarro, instancia uma operação intersubjetiva, na qual, os atos de perguntar vão construindo, de forma seqüencial, um aparato argumentativo constituído, prevalentemente, de provas “por exemplo” como: a mudança de comportamento da “mocinha janelleira”, do “namorador de bitola”, do empregado maledicente, do “versista de meia cara”, de “certo pedante com fumos de sabichão”, bem como de “certo valente de arromba”. Se, por um lado, as provas mencionadas conferem um tom didático ao poema, por outro, em conjunto com o verso final de cada estrofe — espécie de refrão —, fazem dele um texto publicitário do tipo “pessoal”, em torno da figura do coxo diabo.

3.3.2.2 Expressas em prosa

No capítulo anterior, destinado à apresentação do **Diabo Coxo** aos leitores, foram arroladas, no Quadro 4, as diferentes seções que, componentes de suas duas Séries, contêm

material humorístico, de uma forma total ou parcial. Num recorte a esse quadro, alistam-se, aqui, à guisa de começo, apenas as “seções-hospedeiras”, isto é, as seções que, embora contenham passagens e/ou elementos risíveis, se configuram como de outro padrão genológico:

SEÇÕES “HOSPEDEIRAS” DE MATERIAL HUMORÍSTICO	
SÉRIE I	SÉRIE II
<p style="text-align: center;">Artigos Opinativos (Editoriais)</p> <p style="text-align: center;">“Romances” folhetinescos</p> <p style="text-align: center;">“Chronicas” { Crônicas propriamente ditas Notícias</p> <p style="text-align: center;">“Anúncios”</p> <p style="text-align: center;">Interpelações aos Leitores { Avisos Esclarecimentos Desmentidos Achados e Perdidos</p> <p style="text-align: center;">Cartas de leitores</p> <p style="text-align: center;">“Idéias Extravagantes”</p> <p style="text-align: center;">Epigramas</p>	<p style="text-align: center;">Artigos Opinativos (Editoriais)</p> <p style="text-align: center;">“Romances” folhetinescos</p> <p style="text-align: center;">Crônica¹²</p> <p style="text-align: center;">“Noticias” { “Novidades Antigas” “Novidades do Interior”</p> <p style="text-align: center;">“Reportagens”</p> <p style="text-align: center;">“Anúncios”</p> <p style="text-align: center;">Interpelações aos Leitores { Avisos Esclarecimentos Desmentidos Achados e Perdidos “Prêmios a Concurso”</p> <p style="text-align: center;">Cartas de Leitores</p> <p style="text-align: center;">“Epigramas”</p> <p style="text-align: center;">“Autographos”</p> <p style="text-align: center;">“Editaes”</p>

Quadro 5 - Seções em prosa do DC portadoras de material humorístico
Fonte: Dados da pesquisa

Revisto o conjunto das seções acolhedoras de matéria humorística, passemos à análise de exemplares de algumas delas.

¹² Embora a seção “Chronicas” não conste dos números da Série II, nas páginas 2, do número 11, e, na página 6, do número 12, encontram-se textos desse gênero.

3.3.2.2.1 “Chronicas”

O gênero “crônica”, destinado, na Idade Média, a registrar os acontecimentos, sem investigar-lhes as causas ou interpretá-los sob uma ótica pessoal, costuma ser definido hoje como:

... expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológico, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias, etc. (...) A crônica constitui o lugar geográfico entre a poesia (lírica) e o conto: implicando sempre a visão subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem que este revele seus dotes de contador de histórias. ... (MOISÉS, 1999, p. 133).

No caso particular do **Diabo Coxo**, esse conceito é, em princípio, pertinente, uma vez que sob esse rótulo, se encontram vários textos componentes das seções arroladas no quadro acima. Todavia, sua abrangência vai além dos limites previstos no quadro preconizado por Moisés (1999, p. 133), pois que inclui matéria noticiosa, exibida, geralmente, em fragmentos subseqüentes uns aos outros. Consideremos, inicialmente, o primeiro tipo de crônica, de forma e conteúdo mais próximos da definição de Moisés (1999) e corrente na literatura específica.

a) “Chronicas” propriamente ditas

Presente já no primeiro número do **Diabo**, a crônica aí apresentada — aqui reproduzida, parcialmente —, na verdade, se caracteriza como uma espécie de “metacrônica”, já que o seu autor, Cleofas, “xará” do Cleofas do **Diabo Coxo** de Guevara (1641), se compraz em criticar os cronistas e “*essa mania de escrever chronica*”, conforme se pode constatar no excerto abaixo:

Exemplo n° 1:

“CHRONICA.”

Cleofas¹³

“S. Paulo 17 de setembro de 1864.

Como principiar? Se todos os principios já foram tomados por esses tantos chronistas — folhetinistas — noticiadores — conversadores que por ahi apparecem — a tona dos jornaes.

¹³ Lembre-se, aqui, de que Cleofas é uma espécie de autor postiço, que Agostini aproveitou do livro de Guevara (1641)

Esta mania de escrever chronica foi a causa, creio eu, de uma grande descoberta (descoberta importante para os sabios e despendiosa para nós) “o meio de fecundar os jornaes, tanto que temos já filhos (e creio que até netos) com os nomes de suas mães e que farão perpetuar .

As crenças lhes serão leves — já que leves nos tornão ellas. — Não vão os leitores dar mau sentido á ingenuas palavras, não quero estar mal com os precusores de um novo “Times” — Não é ironia, porque se os filhos, de que falei, crescerem... onde pararão? pelo menos num ‘Times’ pequeno. ...” (DC, Série I, n. 1, p. 6)

Como era de esperar, diante dessa multiplicidade de faces, não foi fácil escolher, dentre tantos exemplares, um único que fosse o mais representativo do modo como o gênero “crônica” é tratado no **Diabo Coxo**. Na esperança de desenvolver, no futuro, uma pesquisa na qual se confrontem as espécies publicadas no jornal aqui em estudo, acabei elegendo, como objeto de análise a ser efetuada na presente seção, o seguinte exemplar, que, aqui transcrito parcialmente, nos dá notícias dos bailes, que, na época em questão, quebravam o tédio imperante na cidade de São Paulo:

Exemplo nº 2:

“CHRONICA.”

Cleofas

“Teve lugar o baile da *concordia*: não sei se nesta semana se na semana passada — segundo uns o domingo é o primeiro dia da semana — segundo outros o ultimo: parece que estes tem razão porque, depois do trabalho, descança-se — e o próprio Deos repousou depois de ter feito a mulher. (...)

Lembra-me sobre tudo de uma senhora, que como as outras, deixou um sulco luminoso — uma lembrança agradável — recordações de baile que nós todos temos — eu e vós leitores (...)

Eu amaria aquelle anjo se um retrato preso á um fio de perolas não me fizesse crer que a alma daquelle anjo já estava escrava de um outro mais feliz do que eu.

Todo cheio de illusões pedi uma contradança á uma outra — não deixava esta de ser muito bonita — porém, meu Deos, a queda de nuvens soffri eu — porque a primeira frase que ouvi foi a seguinte: — Eu hoje danço *menas* vezes, doutor — comprimentei-a e sahi — admirado como aquella senhora tinha tido as pretenções de redusir o *menos* no sexo feminino. ...” (DC, Série I, n. 4, p. 6)

Na passagem acima, além da dúvida do narrador quanto ao marco exato do início da semana, bem como de seus exageros lingüísticos, destinados a demonstrar a paixão romântica abrupta de que foi acometido, temos um exemplo de manifestação humorística verbal — própria, por sinal, a outra seção do **Diabo Coxo**, intitulada “*Specimens*”, na qual se criticam os erros de português cometidos por algum personagem de quem, geralmente, se esperava o domínio da modalidade culta.

Assim, o inesperado e frustrante emprego de “menas” (por sinal, de uso cada vez mais vivaz, entre nós, hoje) pela dama convidada para uma contradança, bem como a decepção do protagonista sonhador, diante de tamanho desrespeito ao bom uso do português ativam o processo humorístico, que provoca um tipo de riso de teor pedagógico. Em outras palavras, o contraste entre a beleza física e a postura da dama — que provocam um juízo positivo — e a “feiúra” de seu desempenho lingüístico nos fazem rir maliciosamente, assim como o fazem, numa espécie de reforço, o desapontamento do jovem e o modo hiperbólico e metalingüístico com que o traduziu, valendo-se, para começar, de uma expressão interjectivo-vocativa, que envolve a figura de Deus: “... *porém, meu Deos, a queda de nuvens soffri eu (...) comprimentei-a e sahi — admirado como aquella senhora tinha tido as pretenções de reduzir o menos no sexo feminino*” (DC, Série I, n. 4, p. 6).

A par desse tipo de “chronica” — de crítica social —, encontramos outros, conforme aludido, em que se abordam, de um modo mais ou menos mordaz, assuntos como: a formatura dos estudantes da Escola de Direito, os espetáculos teatrais, os concertos musicais e o desempenho dos concertistas, as corridas de cavalos, as cerimônias promovidas pelo Estado ou pela Igreja, etc. Em várias delas, se repete a velha reclamação, do cronista, abaixo ilustrada, da dificuldade em achar um assunto adequado sobre o qual discorrer:

Exemplo nº 3:

“CHRONICA.”

(D. Pepito)

“Ardua tarefa é a minha!

O que direi? que começaram os actos? que o verão substituiu o inverno? que chegou a época das flores roixas, dos passaros azues, dos passeios no campo, dos improvisos, e das declarações de amor á sombra das jabuticabeiras, ao ar livre? O que mais direi?

São cousas muito faceis de dissertar, mas que produzem já fastio e canção.

Basta, porém, de descrições campestres, — e depois do idílio — que precede, entremos em assumpto local. ...” (DC, Série I, n. 5, p. 6)

Apesar de ser arrolado como um gênero independente do domínio jornalístico (cf. MARCUSCHI, 2000, p. 108), a “crônica”, já o dissemos, serve de título, no **Diabo Coxo**, para seções, que, na verdade, se caracterizam muito mais como do gênero “notícia”. Numa medida conciliatória, procurei respeitar, aqui, a mesma designação encontrada no jornal, embora no decorrer dos exemplos, tenha considerado, separadamente, as crônicas-notícias das crônicas propriamente ditas.

b) Crônicas-notícias

Mais, ou menos, extensas, as notícias fornecidas pelo **Diabo Coxo** têm como referente fatos e personagens variados, muitos dos quais chamam a nossa atenção por sua extravagância. Nos números componentes da Série II, elas aparecem sob títulos como: “Novidades Antigas” (quase todas escritas em versos) e “Novidades do Interior”. Na passagem abaixo, tem-se o fragmento de um texto informativo, que veicula, simultaneamente, um ato de contestação (desmentido) por parte desse periódico:

Exemplo nº 1

“O DIABO COXO”

(Equipe de Redação)

“Os inimigos do Diabo, que não são santos propalão por ahi, que elle vai desaparecer. Calumnias, injurias, armas que lhes são familiares, não chegarão á offender o Diabocoxo.

Não seria a Redacção capaz de contrahir um compromisso dessa ordem, sem a certeza de leval-o ao fim.

Não folguem já: esperem.

Rirá duas vezes quem rir por último: é o ditado.” (DC, Série I, n. 6, p. 7)

Embora faça parte do domínio do discurso noticioso, esse texto tem o seu componente humorístico produzido através da contradição expressa no epíteto “que não são santos”, conferido aos inimigos (que, certamente, envolvem jornais) e no seu ato de intimidação, fortificado, no caso, por um provérbio que, interdiscursivo, recorre à autoridade da voz da sabedoria popular, segundo a qual, “quem ri por último, ri melhor”.

Depois de muita dificuldade em selecionar uma notícia que melhor representasse a incorporação do gênero humorístico por outro explorado no **Diabo Coxo**, optei por analisar um exemplo que nos mostrasse como a imprensa costumava oferecer ao leitor da época uma síntese dos fatos ocorridos na semana anterior à circulação de um novo número do jornal. Reproduzida abaixo, a passagem eleita, acredito, prima pelo modo irônico com que o **Diabo** se refere à inauguração da primeira estrada-de-ferro em São Paulo, criticada por seu dono, Angelo Agostini, e por seus colaboradores, do mesmo modo que por outros cidadãos paulistanos. Rebatendo, com veemência, a opinião de dois jornais da cidade — **Diário de S. Paulo** e **Correio Paulistano** —, que não pouparam elogios a tal “empresa” e se deixaram contaminar pelo entusiasmo demonstrado por uma parte da população presente na

inauguração da “tal cousa”, o **Diabo Coxo** traduz a sua divergência, fazendo uma alusão galhofeira ao “Dia da Mentira”, 1º de Abril, e, por conseguinte, a um elemento de ordem cultural:

Exemplo nº 2:

“OCCURRENCIAS DA SEMANA.”

(Anônimo)

“Chegou á capital, quero dizer, á chacara do sr. Felicio Fagundes, meia legoa distante d’esta cidade, a primeira locomotiva da estrada de ferro.

Segundo proclamarão as pujantes redacções do Diario de S. Paulo e do Correio Paulistano, forão os trens comprimentados por uma multidão de pessoas gradas entre as quaes avultavão os eximios diaristas, reinando entre todos indisivel entusiasmo.

Não creia, porém, o respeitavel publico n’esta verdade do 1º de Abril; são palavras tabelliôas, que servem de preambulo em todos os noticiários.

As pessoas que lá forão admirarão de bocca escancarada a tal cousa, e algumas mais curiosas, senão tolas, aproximarão-se d’ella para verificar si era de ferro ou de borracha!... outras murmuravão com desdem: - pensei que fosse obra mais custosa; porque melhor se poderia fazer na fabrica de Ypanema. Um tropeiro que estava a meu lado exclamou com admiração: - De certo ha de ter umas dez pessoas dentro do caixão para virar as rodas! Até um empregado de elevada cathegoria disse que lá não fôra porque não queria ser testemunha de desgraças!...

Dizem que o sr. Fagundes abundou em café e orchata para os seus amigos que lá forão; eu, pore, nada vi. ...” (DC, Série II, n. 6, p. 2)

Em meio à camada noticiosa em si, o humor vai-se deixando espriar, através, principalmente, da sutileza própria do recurso da ironia. Alistada, em gramáticas de linha tradicional, entre as “figuras de linguagem, de palavra e de pensamento”, e estudada à farta por pesquisadores de diferentes áreas, a **ironia**, segundo Massaud Moisés, consiste, de um modo genérico, em:

... dizer o contrário do que se pensa, mas dando-o a entender. Estabelece um contraste entre o modo de enunciar o pensamento e o seu conteúdo. (...) A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura. Por isso mesmo, pressupõe que o interlocutor não a compreenda, ao menos de imediato: escamoteado, o pensamento não se dá a conhecer prontamente. Moisés (1999, p. 295)

Num movimento entre a ironia e o sarcasmo — que, de acordo com o mesmo autor (1999, p. 295), “*empalidece o fingimento e torna direta a idéia recôndita, tornando-a acessível à compreensão instantânea do interlocutor* —, a objeção do **Diabo** se manifesta, no

plano lexical, através de adjetivos e substantivos como: “pujantes”, “eximios”, “indisível”, “verdade”, de significado contrário ao pensamento real do articulista.

Por sua vez, o pensamento verdadeiro se torna patente com o emprego de itens lexicais e o desenvolvimento de raciocínios — ambos de função modalizadora —, que, destacados em negrito no excerto abaixo, de uma forma quase sempre hiperbólica, manifestam sentimentos de desdém, menoscabo, desprezo, da parte do enunciador:

“As pessoas que lá forão admirarão de bocca escancarada **a tal cousa**, e algumas mais curiosas, **senão tolas**, aproximarão-se d’ella para verificar si era de ferro ou de **borracha!**... outras murmurarão **com desdem**: - pensei que fosse obra mais custosa; porque melhor se poderia fazer na fabrica de Ypanema. Um tropeiro que estava a meu lado exclamou com admiração: — De certo ha de ter umas dez pessoas dentro do **caixão** para virar as rodas! Até um empregado de elevada cathegoria disse que lá não fôra porque não queria ser testemunha de **desgraças!**...” (DC, Série II, n. 6, p. 2)

Da mesma maneira, a interação entre o autor da matéria (representante, metonímico, do **Diabo Coxo**) e os leitores serve para corroborar, com sua força injuntiva, o sentimento de rejeição contra a implantação de “uma cousa”, que um dos presentes, em comunhão com esse semanário, não sabia se era de ferro ou de borracha:

“Não creia, porém, **o respeitavel publico** n’esta verdade do 1º de Abril; são palavras tabelliôas, que servem de preambulo em todos os noticiarios.

As pessoas que lá forão admirarão de bocca escancarada a tal cousa, e algumas mais curiosas, **senão tolas**, aproximarão-se d’ella para verificar si era de ferro ou de borracha!... outras murmurarão com desdem: - pensei que fosse obra mais custosa; porque melhor se poderia fazer na fabrica de Ypanema.” (DC, Série II, n. 6, p. 2; destaque meu)

Como era de esperar, o gênero **notícias** apresenta, no **Diabo Coxo**, uma variação tipológica que incide tanto sobre a sua configuração formal quanto sobre seu conteúdo e, até mesmo, sobre a ação discursiva de que resulta. Lamentando a inviabilidade de não poder examinar, aqui, todos os tipos de notícia fornecidos pelo **Diabo**, contentei-me em apresentar, abaixo, como prova “por exemplo”, o seguinte texto informativo, bem diferente do anterior:

Exemplo nº 3

“MUSEU MILITAR DA CORTE.”

“(LISTA DOS OBJETOS ENVIADOS DE S. PAULO)

(Anônimo)

1º — Um *dragão*. 2º — um *machado*. 3º — Uma *pacca*. 4º — Um par de sapatos de um voluntário em viagem para o Matto Grosso. 5º — Uma espingarda de um patriota. 6º — Um chapeo de um *guarda nacional* cabalista. 7º — Umas chilenas de Amador Bueno. 8º — Uma espada de ordenança do tempo das milicias; 9º — Uma farda de capitão-mór em exercicio ativo. 10 e 11 — Um par de calças e um dito de meias pertencentes a Braz Cubas.

12—Uma lança antiga do S. Jorge de S. Paulo. 13—Uns troncos de arvore *especial*, para a construcção de uma nova *peça* igual á da Bahia. 14—Varias espingardas achadas em Botucatu depois da conspiração do *Tira-Dentes*. 15—Um par de botas pertencentes ao religioso e valente padrinho do sr. Thomaz. 16—Alguns foguetes de reserva da 1ª folia do Espirito Santo nesta capital, até á sua consummação.” (DC, Série II, n. 4, p. 7 ; destaques do autor)

Pelo que se pode perceber, dentre tantas notícias que dão margem às chacotas dos articulistas do periódico aqui examinado, as mais freqüentes e, não raras vezes, mais recheadas de deboches de natureza pessoal (carga de subjetividade), são, sem dúvida alguma, as que fazem referência ao teatro da época. Da escolha e montagem da peça até a composição do elenco de atores e a sua performance durante a encenação, nada escapa aos olhos críticos e à língua maligna do **Diabo Coxo**. Ilustra-nos tal “hábito” o seguinte comentário que veicula, a respeito do ator protagonista de uma das peças teatrais encenadas em São Paulo, ator esse conhecido como Cardozo, um dos alvos preferidos da crítica produzida no jornal em pauta:

Exemplo nº 4

“MOVIMENTO THEATRAL.”

(Yago)

“Apesar de dizerem que o theatro é sempre o espelho pallido das vaidades mundanas, das virtudes e vicios da humanidade, eu não concordo com esse “sempre” tão exquisito, com essa eternidade representada por duas syllabas.

Quem como eu vio as “Duas paixões”, certamente será da minha opinião. É impossível que no seculo XIX se passem ainda tanta sandice, tanta estupidez!

(...)

Gabriela da Cunha, a protagonista fez o que lhe pedia o papel e o que lhe ordenava a arte.

Esteve sublime.

A mesquinhez de espaço [do teatro] não me permite enumerar aqui as bellezas, que deu ao papel.

(...)

Compehendi hontem que Cardozo jamais será um bom galan.

Má ou pessima declamação, como quizerem, movimentos arrebatados, posições forçadas, são os dotes principaes do sr. Cardozo, que no entanto é feliz nos “degenais.”

O final do terceiro acto foi a única cousa que me agradou em todo o drama.

Desceo porem no final do quarto: — foi ridicula a scena do desafio. O pugilato é hoje inadmissivel no theatro. (DC, Série I, n. 2, p.3 e 6)

Conforme se pode observar, não poupando nem mesmo o espaço físico onde a peça foi encenada, o redator constrói seu humor crítico, recorrendo a vários procedimentos. Um deles consiste no confronto entre a performance da atriz protagonista, Gabriela da Cunha, avaliada

como proficiente, e a de Cardozo, ator protagonista, considerado não só medíocre como também incapaz de se tornar um “bom galan”. Espichando a avaliação negativa, o autor arrola cada um de seus defeitos que, à guisa de argumentos comprobatórios, servem para justificar as restrições feitas a esse ator: “*má ou péssima declamação, movimentos arrebatados, posições forçadas*” (DC, Série I, n. 2, p. 3 e 6).

3.3.2.2.2 Textos opinativos

Apesar de não se registrar, no semanário de Angelo Agostini, nenhuma seção rotulada, especificamente, com o termo “editorial”, acredito que várias delas se enquadram nesse gênero, ou, pelo menos, apresentam algumas das características tidas como peculiares a ele. Uma delas, apontada na literatura corrente, é que se trata de um gênero de caráter opinativo, e, portanto, argumentativo, já que destinado a convencer, a persuadir o leitor. No **Dicionário Houaiss da língua portuguesa** (2001, p. 1100), por exemplo, o termo “editorial” é definido como “*artigo em que se discute uma questão, apresentando o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe*”.

Sob títulos como: “Movimento Theatral”, “Aos Bancos”, “A Marmota do Carcamano”, “A Mala do Correio”, “Cadáveres”, “Diabo Coxo” e outros mais, que anunciam a abordagem de assuntos variados, encontramos, no **Diabo Coxo**, artigos que podem ser classificados como de (sub)gênero editorial. Um deles, exibido, parcialmente, abaixo, tece uma dura crítica à “raça dos credores”, anunciada, iconicamente, num título de cunho insultuoso: “Cadáveres”. Ao mesmo tempo, beirando a ironia, o texto se reveste de ares científicos, detectados nas definições e propostas taxonômicas defendidas por seu autor (no caso, anônimo:

Exemplo nº 1:

“CADAVERES”

(Anônimo)

“Ha nesta cidade uma raça perseguidora de todos os seus pacificos habitantes; raça terrivel como as pragas do Egypto; assoladora como a febre negra de lava, pustulenta como a morphéa: é a ‘raça dos credores’.

A academia chamou-os cadáveres por uma requintada ironia, porque na verdade cadaveres são os devedores e elles corvos.

Como elles esvoação sobre os pobres devedores, como beliscão, e como á semelhança dos morcegos soprão depois de morderem.

(...)

O credor é manhoso como uma cobra, ardiloso como um tamanduá-bandeira, uma abraço delle é a morte, enganador como uma sereia.

(...)

Dividem-se os credores em nobres e plebeus, altos e baixos, tolos e espertos, magros e gordos: de cada uma destas espécies trataremos ao depois.” (DC, Série I, n. 10, p. 2-3)

Caracterizado como um ato de juízo, o excerto acima, representativo do texto em sua íntegra, satiriza, através de adjetivação e de comparações hiperbólicas — como, por exemplo, as associadas a animais “corvos”, “morcegos”, “cobra”, “tamanduá-bandeira” —, a figura do “credor”. Com isso, ficamos cientes dos desmandos e abusos desses “profissionais” e do quanto eram detestados pelo povo. Esse ato acusatório do **Diabo** é reforçado por outro, de direção contrária, no qual o redator defende os “pobres devedores” paulistanos, que, vítimas da injustiça social, se viam obrigados a cumprir as exigências dos mais bem aquinhoados. No primeiro caso, de denúncia e condenação, a referência aos credores é feita, no texto acima, através de antonomásias, que, centradas no substantivo “raça” (“*raça perseguidora de todos os seus pacíficos habitantes; raça terrível como as pragas do Egypto; assoladora como a febre negra de lava, pustulenta como a morphéa: é a ‘raça dos credores’*”), são duplamente depreciativas, já que o próprio termo “raça” é usado, em determinados contextos, com sentido negativo. Hiperbólicos, tais epítetos têm o poder de provocar o riso, que, por sua vez, corresponde a um ato de vingança contra a “*casta de credores, ou cadáveres que convem distinguir de vinagres, outra classe também original*”. (DC, Série I, n. 10, p. 2-3).

Outro artigo de natureza similar e que também porta um título extravagante é o que trata da “ciência” da “Carecologia”. Numa composição morfológica esdrúxula, o termo se constitui, de um lado, de um lexema (“careca”) que, avaliado pejorativamente entre nós, serve para acionar o riso (“careca”), e de outro, um vocábulo grego (“logia”), de carga denotativa séria, já que significa ‘ciência’, ‘conhecimento’, ‘estudo’, etc. Essa conjugação desencontrada, no contexto em questão, é confirmada no correr do artigo, no qual, o **Diabo** brinda o leitor com lições pseudo-científicas, como, por exemplo, as que se podem ver no seguinte segmento:

Exemplo nº 2

“CARECALOGIA.”

D. Pepito

“Vou tratar de uma sciencia nova, puramente nova, e cuja descoberta se deve aos meus exforços e sympathia pelas pessoas de poucos cabellos.

(...)

É difficil, reconheço, decidir ex-cathedrã sobre tal materia, mas amolado tão diferentemente pelas três especies [o artista Lopes, o iluminador Chiquinho e o sr. Espirito Santo] julgo-me authorisado a affirmar proposições, e não a formar hypothesis.

Não é um curso de carecalogia, todavia, — tão longe não vae a minha pretensão, — é uma iniciativa, é um impulso, um grito de animo áquelles que por ventura se dediquem á esta sciencia, que desejo sêr o primeiro a aprofundar.

A primeira é a do artista Lopes, cognominado — o narigudo; — galã e apologista da escola moderna, trinta e oito annos, sem ideias politicas, e orgulhoso de ser portuguez quando recorda o passado.

(...)

A segunda pertence ao Chiquinho, cognominado o — illuminador, não porque a sua calva seja a mais ‘illuminada’, pois que até é escurecida por alguns cabellinhos remissos espalhados aqui e alli, mas por pertender-lhe a pepineira da illuminação da cidade e da cadeia.

A terceira é propriedade do sr. Espirito Santo.

Que bello queijo, caramba!

Como brilha! nem uma nuvem, nem madeixa, nem uma carapuça é capaz de offuscal-a, seu brilho reflectiria atravez o nariz do artista Lopes, que é a cousa mais compacta que eu conheço. ...” (DC, Série I, n. 11, p. 2)

Nesse tipo de aliança, o humor é desencadeado tanto pelo teor do assunto tratado — a doença da calvície, temida por homens e mulheres —, quanto pela nomeação propositadamente ofensiva de três paulistanos vitimados por esse mal, *script* de que mais nos valemos para rir e “fazer rir” de defeitos alheios. A identificação dos três carecas — Lopes, Chiquinho e o Sr. Espírito Santo — ilustra o chamado “humor de tipo humano”, que, no caso específico de Lopes, nascido em Portugal, é também “étnico”. Do ponto de vista do objetivo pretendido pelo autor, a menção do nome dos três calvos, aciona um tipo de riso conhecido como de “zombaria”, segundo a classificação defendida por autores como Propp (1992), Travaglia (1988) e outros estudiosos do assunto.

No que diz respeito à forma de produção do humor, percebe-se que implica o uso de dois procedimentos básicos: um, no qual se enfoca e se examina um dos problemas que afetam a vaidade humana: a calvície; outro, no qual se nomeiam, à guisa de deboche, alguns portadores da alopecia, que, alvos de uma doença que os enfeia e estigmatiza, e de uma língua que os mortifica, ilustram o argumento de “prova por exemplo”. Estruturado, em sua

totalidade, segundo os padrões de um texto científico, esse editorial, a par de outros veiculados no **Diabo Coxo**, nada mais é que uma verdadeira peça argumentativa, na qual, por intermédio de modalizações expressas através de adjetivos, interjeições, comparações, metáforas (descrição da calvície como um queijo, por exemplo), inferências (a relação entre a luminosidade maior da careca do Chiquinho e sua profissão de “illuminador” da cidade), etc., o autor *risibilis* se faz *homo ridens*, numa adesão à instância receptora, que procura interpelar.

3.3.2.2.3 “Annuncios”

O discurso publicitário produzido no e através do **Diabo Coxo** é uma verdadeira “pândega”, nos termos do uso vocabular da época. Tal é o grau do humor nele engendrado que, não seria um despropósito colocá-lo entre as seções caracterizadas como humorísticas propriamente ditas.

Veiculados numa época em que a escravidão ainda vigorava entre nós, muitos anúncios desse semanário, misturando “alhos com bugalhos”, ou seja, objetos com pessoas, propunham a venda ou aluguel de escravos, então arrancados de sua terra e tribo de origem. Apesar desse tipo de ocorrência, a implicância maior do **Diabo** era contra as peças teatrais encenadas nos teatros de São Paulo. Assim, numa primeira parte do anúncio, eram prestados esclarecimentos a respeito do título da obra, da indicação dos nomes dos componentes de seu elenco artístico, do número e do nome dos atos que as compunham, do local e das datas de apresentação, e, até mesmo, dos preços dos ingressos. A seguir, como era de esperar de um jornal “dos diabos”, vinham as críticas mais ou menos maliciosas e negativas contra a qualidade literária do texto, a performance dos atores, as más condições físicas das casas de espetáculo, etc. Nessa avalanche de impropérios, não nos surpreende que a língua do **Diabo** atingisse até mesmo o mercenarismo dos empresários, preocupados muito mais com o seu bolso que com a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento cultural da gente paulistana.

O desejo de mudar esse quadro justifica o teor de muitos anúncios do **Diabo Coxo**, cujos ingredientes humorísticos, com suas intenções próprias, acabavam se sobrepondo à sua missão de caráter publicitário. Um dos exemplos mais ilustrativos desse “desvio de função e sobreposição genológica, aqui reproduzido em sua forma integral, é o seguinte anúncio “virtual”, criado para delatar a corrupção de governantes e políticos, que, sem o menor pejo, desviavam o dinheiro a ser aplicado em benefício da cidade e de sua gente, utilizando-o em seu próprio favor:

Exemplo n° 1:

“ANNUNCIOS.”

Theatro**Expectaculo em grande gala.**

Depois que os professores da orchestra tiverem executado uma escolhida orvetura [*sic*] subirá á scena pela primeira vez a comedia em trez actos:

AS ESTRADAS EM CONCURSO

PERSONAGENS	ACTORES
Homem tyranno, o matador de crianças	Mellino
José menino feliz	Verguerillo
Pires, protetor e inimigo do homem	Mottini.
Aubertino, portador e envidado das batatas	J. J.
S. Paulo, pobre mendigo	Província.
Convidados, amigos, etc, etc.	

Denominações.

1° Acto. Proposta aceita, ou morte da província.

2° Acto. Vingança do homem tyranno.

3° Acto. Victoria dos protegidos.

Principia ás 8 horas.

Os bilhetes vendem-se na rua da Protecção, esquina do beco dos Cofres Públicos.

(D C, Série I, n. 4, p. 7)

De carácter fictício, conforme já dito, o anúncio acima converte casos reais de superfaturamento de estradas em assunto/tema de uma pretensa peça teatral, qualificada, *a priori*, pelo redator, como um “*expectaculo em grande gala*”. Essa “gala” é demonstrada através dos nomes dos pseudo-atores de um elenco envolvido num golpe contra a fé pública, dos papéis desempenhados por cada um deles, e, até mesmo, por meio dos títulos conferidos aos diferentes atos da peça (“Proposta aceita, ou morte da província”, “Vingança do homem tyranno” e “Victoria dos protegidos”). De acepção ambígua, esses títulos podem ser interpretados como referentes tanto às partes integrantes da peça quanto às ações criminosas do suposto elenco. No que tange às ações em si, embora condenáveis, têm como respaldo a sua capacidade de propiciar o desenvolvimento da província, ainda que isso causasse um

rombo aos Cofres Públicos, banalizados, no texto em pauta, como elemento facilitador (“beco”) da localização da rua (“da Protecção”), indicada no endereço que encerra o anúncio.

Certamente, a criatividade de Agostini, mentor do **Diabo Coxo**, bem como a de seus colaboradores, não se restringe a um único gênero de texto publicitário. Pelo contrário, a par de muitos outros genologicamente distintos, encontramos o seguinte, no qual, para surpresa do leitor, o jornal critica, metadiscursivamente, um anúncio, que, nos tempos de hoje, certamente seria publicado em seções específicas de nossos jornais, conhecidas como de “Classificados”. Trata-se, no caso, de um anúncio, no qual, o proprietário da Padaria Italiana, situada na Rua do Comércio, se dispõe a alugar um “*preto bom*” como funcionário, tratado, no caso, como mercadoria:

Exemplo nº 2

“RUA DO COMMERCIO”

“Na padaria Italiana precisa-se alugar um preto bom para o serviço da mesma.”

Repellimos a insinuação e desafiamos ao dono da padaria para um duelo a marradas.

Este annuncio é um insulto atirado grosseiramente á face dos fidalgos brasileiros de origem lapuza.

Mande o sr. padeiro vir um malungo seu da Europa, e abstenha-se de insultar a sombra veneranda de nossos avós.” (DC, Série II, n. 9, p. 6; destaque meu)

De tom ameaçador, o texto em questão tem ativado o seu componente humorístico não só através do emprego de itens lexicais de acepção mais ou menos grosseira, como da avaliação feita, metalingüisticamente, por seu autor, que o qualifica como “*um insulto atirado grosseiramente á face dos fidalgos brasileiros de origem lapuza*”. Não satisfeito, reforça a sua repulsa através da sugestão — preconceituosa —, que dá ao padeiro italiano de buscar um de seus conterrâneos para trabalhar em seu estabelecimento.

3.3.3 Seções específicas do gênero humorístico

Depois do exame de algumas seções do **Diabo Coxo** que não se caracterizam como de gênero humorístico, mas, sim, incorporam-nos, em maior ou menor grau, em seu bojo, passemos, agora, ao estudo daquelas cujo humor se configura como o seu componente básico.

No Quadro abaixo, exibem-se essas seções, distribuídas segundo as duas Séries editadas:

SEÇÕES HUMORÍSTICAS PROPRIAMENTE DITAS	
SÉRIE I	SÉRIE II
<p>1- “Specimens” de</p> <p>“Espírito de alguns litteratos” “Redacção” “Orthographia” “Annuncios” “Idéias” Relatório “Requerimentos” Avisos Poesia</p> <p>2- Piadas</p> <p>“Garatujas” “Pilherias” “Miscellanea” “Anedocta”</p> <p>3- Paródias</p>	<p>1- Piadas — “Miscellanea”</p> <p>2- Paródias</p> <p>3- “Historias” (= Causos)</p>

Quadro 6 - Seções caracterizadas como de gênero humorístico

Fonte: Dados da pesquisa

Lembrando-nos de que as possibilidades indicadas acima podem, esporadicamente, integrar seções do **Diabo Coxo**, em que predominam (sub)gêneros variados como: “Chronicas”, “Annuncios”, Avisos, “Historias”, Notícias, “Premios a Concurso”, Poemas, etc., enfoquemos, a seguir, algumas das que se identificam como “humorísticas propriamente ditas”.

3.3.3.1 “Specimens”

Primeira a ilustrar essa possibilidade, a seção “*Specimens*” anuncia, em seu título latino, matéria crítica variada — exibida no Quadro acima —, que, à guisa de troça, nos faz rir de “erros” cometidos por pessoas de diferentes camadas sociais (como o “*menas*” do exemplo número 2 das “Chronicas”), em especial, os advindos da “ignorância lingüística”, com os quais, principiamos o exemplário aqui apresentado:

Exemplos nº 1:

a) “SPECIMEN DE REDAÇÃO”

Merece atenção a seguinte declaração — cujo autographo está em nosso poder.

Esta tabella vigorará até sabbado.
Se houverem alteração participa-se (DC, Série I, n. 3, p. 6; negrito e sublinhado meus)

b) “SPECIMEN DE ORTHOGRAPHIA”

En Conçeuencia de ter adoecido o Actor Cardoso o Espetculo de Hoje fica transferido para etc. etc. (DC, Série I, n. 3, p. 6; destaques meus)

No primeiro caso, de duplo riso, zomba-se não só do tratamento de “haver” como verbo pessoal — cada vez mais freqüente entre nós —, como da imperícia de fazê-lo através da pluralização de um pretense SN sujeito (o substantivo “alteração”), que se encontra no singular. Cumpre ainda notar, no caso, o esclarecimento prestado pela equipe do jornal, quanto ao autor do texto. Embora tenha poupado a identificação do seu nome, o jornal deixa claro que pode comprovar a autenticidade do *specimen*, já que tem em seu poder o “autographo” de quem o escreveu.

No segundo exemplar, o susto e o riso advêm do engano (considerado grave) cometido na grafia do termo “conseqüência”, escrito, no caso, com <ç> antes da vogal [e] (“Conçeuencia”) — o que serve para confirmar a conclusão de especialistas no assunto a propósito do quanto nos comprazemos em rir do(s) defeito(s) do Outro.

Diferentemente dos *specimens* acima, o que os sucede, abaixo, tem definido o seu estatuto humorístico no próprio ato de fala contido num requerimento em que um cidadão paulistano (Julio A. Lehmann) apresenta uma **denúncia** criminal e um **pedido de punição** contra um vendedor clandestino de queijos de Minas, que se aproveitava de sua celebridade, para melhor vender seu produto. Com vistas a auxiliar a polícia a “*leval-o em direitura para o inferno*”, o autor da petição descreve o “criminoso” como um “*cavalheiro de industria, creoulo de 27 a 28 annos de idade*”. Vejamos o texto, em sua íntegra:

Exemplo nº 2:

“SPECIMEN DE REQUERIMENTO.”

“PROGRESSO

Pedido ao Diabo-Coxo

Refferindo-me aos meus officios de 14 de Dezembro de 1863, e 15 de Junho de 1864, participo a v. ex. que se acha de volta de sua viagem artistica, o rapaz ratoneiro que tantas vezes já escapou á vigilância da policia, e que se acha com novo *fiau* de 4 duzias de queijos de Minas, usando do meu nome (sem bilhete) de diversas casas commerciaes. Peço por tanto a v. ex. de pegal-o em flagrante delicto, e leval-o em direitura para o inferno. — Signaes do cavalheiro de industria, creoulo de 27 a 28 annos de idade.

E. R. Mercê

S. Paulo, 26 de Outubro de 1864.

JULIO A. LEHMANN.” (DC, Série I, n. 5, p. 7)

3.3.3.2 Piadas

Conforme referido anteriormente, as piadas constituem o subgênero humorístico mais cultivado pelo/no **Diabo Coxo**, que as distribui em seções diferenciadas, anunciadas em seus próprios títulos — “Pilherias”, “Garatujas”, “Anedocta” — ou uma mescla genológica — “Miscellanea” —, deixando clara a prevalência do humor piadístico. Embora mais concentradas nas “Garatujas”, analisamos, aqui, exemplares de todas as seções que o **Diabo Coxo** reservou, especificamente, para contar piadas e, por meio delas, nos oferecer subsídios para a reconstituição do quadro vigente na época em que fizeram rir os leitores paulistanos.

Para melhor desenvolvimento dessa análise, procurei me pautar pelos estudos realizados por Possenti (1998) e Travaglia (1988), que examinam, respectivamente, o modo lingüístico de produção do humor em forma de piadas, e os expedientes utilizados na construção dos diferentes tipos de riso provocados em programas humorísticos da Televisão Brasileira.

O primeiro aspecto enfocado tem a ver com o **tipo textual** predominante nesse subgênero discursivo. Compostas, na sua maior parte — principalmente na seção de “Garatujas” —, de diálogos curtos, vazados de oralidade, elas codificam narrativas, cujos fatos ou acontecimentos ocorrem em concomitância com o desenrolar da interação verbal, e cujo riso decorre do caráter esdrúxulo de algum deles, ou de algum deslize de linguagem. Assim, das piadas “contadas” no **Diabo Coxo**, a maioria se pauta pelo padrão narrativo ilustrado no primeiro conjunto de exemplos abaixo, e a minoria, pelo tipo textual descritivo:

3.3.3.2.1 Distribuição segundo o tipo textual predominante

a) Piadas de caráter narrativo

Exemplo nº 1:

“— O que é que aquella moça tem na cabeça?
 — Pois não vês; são flores.
 — Mas tantas, meu Deos!
 — Ah! o jardim botanico mudou-se agora para alli.” (DC, Série I, n. 6, p. 3; Seção de “Garatujas”)

Exemplo nº 2:

“Molleque, abrindo a janella. — Sinhô-moço, ahi está o explicador de philosophia. Bicho. — O meu explicador já de pé, e eu ainda estou deitado! Moleque, fecha depressa a janella, sou indigno de ver a luz do sol. (DC, Série I, n.12, p. 3; Seção de “Pilherias”)

b) Piadas de caráter descritivo

Exemplo:

“Todos conhecem o nariz do Cardozo: é um enorme bico de carne debruçado sobre um espesso e negro bigode. Riram-se muito n’uma prosa de rapazes por um dizer que parecia um papagaio comendo rato.” (DC, Série I, n. 12, p. 3; Seção de “Pilherias”)

Outra espécie de piada que foge ao modelo narrativo-conversacional é a que se caracteriza como “adivinha”. Segundo Possenti (1998, p. 10), elas são “*baseadas em pressuposição*” e exigem “*inferências*”, uma vez que prevêm que o receptor sempre dê uma resposta que vai de encontro à pretendida pelo locutor. Esse fator surpresa promove a quebra de expectativa do enunciador (e dos demais ouvintes/leitores), funcionando como um gatilho para o riso. Integram esse grupo os exemplos arrolados em c, logo a seguir.

c) Piadas de caráter adivinhador.

Exemplo nº1:

“— Para onde correm os *ribeiros*?
 — Para o mar.
 — Então, S. Paulo é mar.
 — Porque?”

— Porque o (Augusto *Ribeiro*) corre sempre para S. Paulo. (DC, Série I, n. 8, p. 3. Seção “Garatujas”, destaques do autor)

Exemplo nº2:

“— Porque no theatro de S. José não se representa mais comedias?

— Porque *come dias* a ensaiar-se” (DC, Série I, n. 8, p.3. Seção “Garatujas”, destaques do autor)

3.3.3.2.2 Distribuição segundo o núcleo temático

Conforme já se pôde ver aqui, também variáveis são os **temas** explorados nas piadas pelo/no **Diabo Coxo**. Dentre os alvos preferidos de suas críticas e ataques, salientem-se os seguintes: a insistência na manutenção de uma tradição já obsoleta; os desmandos das autoridades locais, regionais e nacionais; a mediocridade de “literattos” e “literattas”; a curiosidade pueril, sedutora e inconseqüente das mulheres; a inexpressividade das peças teatrais levadas nos poucos teatros de São Paulo e do mau desempenho de seus atores; a inconveniência de certas medidas progressistas como, por exemplo, a instauração de uma estrada de ferro entre São Paulo e Santos e a má utilização e distribuição do dinheiro público. Além desses, também são recorrentes temas gerais como o da mulher namoradeira, do fracasso profissional, das aberrações físicas, da etnia, etc., a que se podem acrescentar estereótipos relativos ao: preguiçoso, fintador, mentiroso, estúpido, esperto, avarento, ridículo, paquerador, malandro, etc.

Representativa da opinião da equipe do **Diabo Coxo**, naturalmente as críticas e implicâncias compreendem graus distintos de subjetividade, representado, metonimicamente, em seu maior grau, pelo jovem Angelo Agostini, que, em seus dezesseis anos de vida, não titubeou em fazer de suas ilustrações uma eficiente arma de combate contra as injustiças vigentes na nova terra que adotou como sua. Nos termos da proposta analítica de Benveniste (1989), essa subjetividade seria assim explicada, em termos dos papéis discursivos desempenhados pelos actantes e pelo referente do ato enunciativo: o primeiro, enunciador (ou locutor), se caracteriza como pessoa subjetiva (EU), o segundo, enunciatário, como pessoa não-subjetiva, e o referido, como não-pessoa e não-sujeito. A seguir, são apresentadas algumas piadas, que, de tema diversificado, ilustram um maior ou menor grau de subjetividade:

a) Piada-fofoca

Exemplo:

- “— Então Fulano quebrou?
- Há que annos.
- Há annos, não; há dias.
- Affianço-te que há dez annos elle já usava funda.” (DC, Série I, n. 9, p. 3; Seção “Garatujas”)

b) Piada crítica

Exemplo: Censura às condições físicas de um dos teatros de São Paulo

- “— O’ papá é certo que o theatro de S. José é filho do Sr. Quartin?
- Pois ainda o duvidas?
- Eu sei! Mas que senhora pôde conceber aquella monstruosidade?
- A Provincia de S. Paulo.
- Ah! por isso ella anda tão abatida!” (DC, Série I, n. 7, p. 6; Seção “Garatujas”)

3.3.3.2.3 Distribuição segundo os recursos lingüísticos provocadores de humor

Seguindo mais ou menos a mesma linha de pensamento de Possenti (1998), em seu livro **Os humores da língua**, passo a examinar os mecanismos lingüísticos geradores do humor, em textos piadísticos apresentados no **Diabo Coxo**. Dentre eles, já se anunciou aqui, salientem-se, de um lado, os de carácter discursivo-conversacional, que nos remetem ao processo de produção das piadas; de outro, os de ordem lexical e semântica, que atingem sua finalidade de rir e “fazer rir”, através de recursos como: trocadilhos, quebra-língua, ambigüidade, etc.; finalmente, de um terceiro lado, os de natureza gramatical, que provocam risos por meio de “jogos”, rupturas, inovações que envolvem as dimensões fonológica, morfológica e sintática do português. Estudemos esses procedimentos, a partir de exemplificação prototípica.

A) Estratégias conversacionais

Nas piadas abaixo arroladas, o humor decorre do desrespeito de postulados conversacionais, tais como estabelecidos por Grice (1975), um dos primeiros autores a se preocupar em instituir um conjunto pragmático de regras, imprescindíveis, segundo ele, a uma comunicação bem-sucedida. Assim, o Princípio de Cooperação, que deve reger nossas conversas, compreende quatro máximas:

- a) da **quantidade** — que prevê o controle da quantidade da informação solicitada;
- b) da **qualidade** — que diz respeito à veracidade do que dizemos;
- c) da **relação** — que determina a apresentação somente das informações consideradas relevantes;
- d) da **modalidade** — que defende uma fala sucinta, clara e desprovida de ambigüidade e prolixidade.

Essas e outras máximas se mostram eficientes e funcionais, quando aplicadas a textos/situações comuns, o que não ocorre com os de humor, que buscam, justamente, provocar o riso, através da contraposição ao diálogo/texto convencional. Em face disso, Raskin (1985) apresenta, de um modo enviesado, máximas tidas como próprias ao discurso humorístico, e que se constituem, na verdade, em uma transgressão das máximas de Grice, quais sejam:

- a) máxima da **quantidade**, segundo a qual, devemos fornecer a quantidade de informação suficiente para uma piada;
- b) máxima da **qualidade**, segundo a qual, devemos dizer apenas o que é compatível com o mundo da piada;
- c) máxima da **relação**, segundo a qual, cabe-nos dizer apenas o que for relevante para a piada;
- d) máxima da **modalidade**, segundo a qual, devemos contar a piada de um modo eficiente.

Consideremos, a seguir, algumas piadas recolhidas do **Diabo Coxo**, à luz dessa “tábua” de normas.

Exemplo nº 1:

“Um sujeito compoz um drama, que mandou publicar, e poz á venda em uma loja 50 exemplares. Passado um anno, mandou o author buscar o producto, e o dono da loja enviou-lhe 51 exemplares e nada de dinheiro. Então o “dramaturgo”, meio zangado, mandou perguntar que diabo de historia era aquella pois que os exemplares erão 50, e lhe forão entregues 51. O dono da loja respondeu que lhe enviava um de presente pelo favor de lhe haver “desentupido” as prateleiras. (DC, Série I, n. 2, p. 6; Seção “Anedocta”)

Incorporada de uma segunda ação enunciativa — discurso indireto —, a piada acima tem o seu componente humorístico expresso no tratamento rude e desrespeitoso com que um dono de livraria devolveu a um dramaturgo os exemplares de uma de suas peças, postas à venda em sua loja. No caso, o riso brota, lexicalmente, do caráter tosco do termo

“desentupido”, e, sobretudo, da atitude do vendedor em devolver, juntamente com os demais, o exemplar que lhe fora dado de presente. Tem-se, pois, com isso, um ato de violação das normas sociais de comportamento, que nos recomendam evitar dizer tudo o que nos vem à cabeça.

Exemplo nº 2

- “— O que há para ceiar?
 — Tem língua ...
 — Língua? tenho, quer ver?
 — Não me entendeu. Sou eu que tenho língua.
 — Pois guarde-a.
 — O senhor não perguntou o que havia para comer?
 — Mas o que tem nossas línguas com isso?
 — Digo-lhe que tenho língua para dar-lhe a ceiar.
 — Pois coma-a você, que leve o diabo.” (DC, Série I, n. 6, p. 3; Seção “Garatuja”)

Já na piada acima, na qual o reconhecimento do fato narrado depende do desenrolar de um diálogo, o humor é obtido pela inobservância da Máxima de Modo, que diz respeito à concisão e clareza a serem observados pelos interlocutores, com vistas ao sucesso de sua interação verbal. No caso acima, esse êxito foi sufocado, lexicalmente, pela ambigüidade do vocábulo “língua”, que acabou fazendo com que o freguês se impacientasse com o garçom e encerrasse a conversa com um ato injuntivo expresso de uma forma estúpida, o que fere uma regra cultural no que diz respeito à polidez.

Exemplo nº 3:

- A. Deixe-me, deixe-me... vou escovar o pêlo!
 B. De quem senhor?
 A. De ... de ... de meu chapéu. (DC, Série I, n. 3, p. 6; Seção “SPECIMEN DE ESPIRITO DE ALGUNS LITTERATOS”)

Nesse terceiro exemplo, de célula conversacional mínima e de exploração do estereótipo do mentiroso, observa-se o desrespeito à máxima da Qualidade, manifestada na “desculpa” que o enunciário, revertido em enunciador, dá ao seu parceiro, pedindo-lhe, em fala titubeada, que o deixe em paz.

B) Estratégias discursivas

Para melhor examinar algumas das piadas que se valem de recursos de ordem discursiva, lembremos, aqui, à guisa de confronto, uma das idéias centrais do caminho teórico propugnado por Pêcheux (1988), para quem, o sujeito é subordinado à ideologia — o que, a meu ver, não se aplica de todo aos textos piadísticos. No decorrer de sua produção, a subjetividade vai se mostrando, através da própria ação criativa que ela demanda. Dessa sorte, o sujeito contador de piadas que domina as normas da língua, sobretudo de sua modalidade culta, se configura como um verdadeiro estrategista que recorre a seus conhecimentos lingüísticos, para burlar a interpretação a ser feita pelo receptor, levando-o a uma resposta inversa à prevista, ou a impacientar-se, como no caso do exemplo 2, acima.

Considerando, pois, a idéia de assujeitamento pelo viés das piadas, é possível questionar seu caráter absoluto, uma vez que o sujeito piadista é dotado da capacidade de reinventar os modelos já estabelecidos, lançando mão do “já dito”, para (re)dizer, de outra forma, o que já existe. Vê-se, portanto, que as piadas são um instrumento ideal para demonstrar a nossa capacidade de transformar o que já está dado, em algo novo. Vejamos a piada a seguir:

Exemplo nº 1

“1 O que trazes no pescoço?

2 É a minha gravata.

1 Ora é tão imperceptível que parece um pensamento.

2 Pois bem amarra-me este pensamento.” (DC, Série I, n. 3, p. 6; Seção “SPECIMEN DE ESPIRITO DE ALGUNS LITTERATOS)

Assim como muitas outras, a piada acima contém marcas inequívocas de subjetividade. A primeira vem da parte do enunciador — introdutor do diálogo —, que tenta banalizar a “gravata” do parceiro, comparando-a com o “pensamento”, de caráter abstrato. A segunda é expressa pelo enunciatário — agora, na função discursiva de enunciador —, que se vale do mesmo termo de comparação utilizado pelo interlocutor (“gravata”), revertendo-lhe o sentido para o de ‘gravata’. Além dessa ação verbal lúdica, leve-se em conta, como índice de subjetividade, a opinião eufemisticamente disfarçada, do interlocutor a respeito da gravata de seu parceiro.

Outro ingrediente discursivo que costuma ser usado para nos fazer rir é o concerto polifônico instaurado em piadas como:

Exemplo nº 2

“Preparando-se uma menina para ir a um baile com sua mãe, disse-lhe esta:

— É preciso mesmo que te enfeites o melhor possível, e que dances com certa “faceirice” para achares algum namorado que se case contigo.

— Namorados, minha mãe? Já tenho “oito”. (DC, Série I, n. 3, p. 6; Seção avulsa)

No caso em pauta, temos uma piada consuetudinária, na qual se criticam os costumes, normas e preceitos já cristalizados no cotidiano, por meio do estereótipo da “moça namoradeira”. O humor nela engendrado tem a ver com a violação das normas sociais, que condenam, no caso, o exagero do número de namorados que a moça diz ter. Também contribui para a sua constituição polifônica a interposição da voz do senso comum e das instituições religiosas que nos aconselham a namorar apenas uma pessoa. Por fim, a quebra de expectativa da mãe, ao ouvir da filha que tinha “oito” namorados, completa o quadro de “gatilhos” responsáveis pela deflagração do riso.

Feito esse breve estudo da produção de humor no plano da conversação e do discurso, atentemo-nos, a seguir, para alguns exemplares de piadas, cujo teor humorístico se deve, mais especificamente, a material de natureza lexical e semântica.

C) Estratégias lexicais e semânticas

Uma das instâncias lingüísticas que mais ajudam os piadistas a conferir a seus textos a carga humorística desejada é a acepção plurivalente de termos e expressões integrantes do acervo lexical das línguas. Por intermédio do léxico, é possível produzir humor através de operações variadas, que, ligadas à sua própria essência, permitem criações fundamentadas na homonímia, polissemia, ambigüidade, antonímia, etc., manifestadas, quase sempre, em associação com os componentes gramaticais — fonético-fonológico, morfológico e sintático —, além do discursivo-textual. Como ilustração dessas possibilidades, transcrevem-se, abaixo, algumas piadas do **Diabo Coxo**, integrantes das variadas seções que as abrigam:

a) Uso vocabular inadequado

Exemplo:

“Uma senhora de porte distintíssimo e elegante vestido, passando no Domingo pela rua

Direita um certo litterato de balcão, no vel-a passar disse, todo cheio do que dizia:
— Como vem paralytica aquella senhora! (DC, Série I, n. 7, p. 6; Seção “Garatujas”)

O caráter humorístico desse tipo de piada se deve à conjugação de dois “gatilhos”: o uso inadequado — por hipercorreção — do adjetivo “paralytica” como expressão de elogio, e o tipo inesperado de enunciador responsável por sua emissão, caracterizado, ironicamente, pelo piadista, como “litterato de balcão”, ou seja, como um pseudo-literato.

b) Confusão homonímica

Exemplo nº 1: “Diligência” X “Diligência”

“— João vai lavar a cara.
— Estou com preguiça, papá.
— Contra a preguiça diligência, meu filho.
— A diligência do sr. Grainer, papá?
— Essa ou outra. Mas lava a cara.” (DC, Série I, n. 6, p. 2-3; Seção “Garatujas”)

Pelo que se pode constatar, o humor construído nessa piada decorre da interpretação equivocada, por parte do filho (interlocutor no papel de locutor), da palavra “diligência”. Com base em sua própria experiência, o menino entendeu o vocábulo em seu sentido mais corrente (e concreto), de ‘meio de transporte’ — o que resulta numa interação verbal disparatada, em que o pai se refere à virtude do zelo, e o filho, a um tipo de carruagem.

Exemplo nº 2: “Ribeiro” X “ribeiros”

“ — Para onde correm os **ribeiros**?
— Para o mar.
— Então S. Paulo é um mar.
— Porque?
— Porque o (Augusto **Ribeiro**) corre sempre para S. Paulo. (DC, Série I, n. 8, p. 3. Seção “Garatujas”)

No mesmo estilo dialogado de quase todas as outras, o texto piadístico acima explora um tipo de homonímia interna à classe dos substantivos, confundindo, de propósito, através da voz do enunciador, a subclasse dos nomes comuns (“ribeiro” = ‘riacho’) com a dos nomes próprios (“Augusto Ribeiro”), valendo-se, para tanto, de um silogismo falacioso, assim desmembrado: Se os *ribeiros* (riachos) correm para o mar e Augusto *Ribeiro*, para São Paulo, logo, São Paulo é um *mar* (pelo menos para Augusto Ribeiro, que nele se refugia).

c) Confusão polissêmica

Exemplo nº 1:

“— Essa mulher **passa** bem?

— **Passa**, quando não encontra obstaculos.” (DC, Série I, n. 9, p. 3; Seção “Garatujas”; destaques meus)

De uma mesma fonte original latina, o verbo “passar”, no português, apresenta mais de um significado, dentre os quais, um mais abstrato, metafórico, que faz referência à saúde, ao bem-estar das pessoas. Essa é a acepção desejada pelo enunciador acima, que, no entanto, vê frustrada a sua comunicação, uma vez que o verbo “passar” é interpretado por seu interlocutor como “transpor” — em possível alusão ao corpo, ou à agilidade, da mulher referida. Se essa leitura for correta, estamos, aqui, diante de outro procedimento causador de riso, que é o do emprego do *script* da burrice.

Outra piada do **Diabo Coxo** que nos faz rir através desse mesmo recurso, é a seguinte:

Exemplo nº 2

“— Então Fulano **quebrou**?

— Ha que annos.

— Ha annos, não; ha dias.

— Affianço-te que ha dez annos já elle usava funda.” (DC, Série I, n. 9, p. 3; Seção “Garatujas”; destaque meu)

Conforme se sabe, o verbo “quebrar”, pode significar, dentre outras coisas, ‘partir’, ‘despedaçar’ ou ‘falir’. No caso acima, o enunciador o emprega na última acepção, que não coincide com a do enunciatário, conforme fica patente na referência que faz à “funda”, ou atiradeira, usada pelos meninos para matar passarinho e quebrar o vidro das janelas dos vizinhos.

D- Estratégias gramaticais

Lembrando que o humor decorre da deflagração de mais de um mecanismo lingüístico, em co-atuação com outros de natureza diversa, cabe-me, nesta seção, na mesma linha de trabalho de Possenti (1998, p.15), examinar os tipos de “desvios” gramaticais suscetíveis de nos levar a rir. De um modo geral, esses “desvios” são explorados e articulados pelo autor-

humorista com a finalidade última de inovar ou subverter regras e padrões socialmente definidos. Deduz-se disso que, entretendo-nos e fazendo-nos rir, as rupturas gramaticais nada mais são que um naipe vocal de expressão de revolta e contestação contra os males sociais.

Inicie-se a tarefa aqui proposta com a investigação das “rebeldias” fonético-fonológicas que, atuando, geralmente, em parceria com as morfológicas, constitui uma das táticas mais recorrentes na fabricação do humor pelo/no **Diabo Coxo**.

a) Fonético-fonológicas

Exemplo nº 1:

- “— Em que lugar de S. Paulo ha **cardo só**?
- No theatro de São José!
- Porque?
- Por causa do **Cardoso**.” (DC, Série I, n. 8, p. 3, Seção “Garatujas”; destaques meus)

Numa leitura em que funde, prosódica e foneticamente, dois termos autônomos entre si— o substantivo “cardo” (espécie de erva daninha) e o advérbio “só” —, em apenas um, “Cardoso”, o enunciatário realiza outro tipo de deslocamento, de caráter semântico e repercussão discursiva, em que se substitui o referente original. Por meio dessa alteração, o autor da piada nos faz rir de um dos personagens mais visados pelo **Diabo**, que é o ator Lopes Cardoso/Cardozo, qualificado em todas as seções de crítica teatral como medíocre e ultrapassado. No próximo exemplo (aqui já analisado sob outro prisma), tem-se um enviesamento dessa operação unificadora para outra repartidora:

Exemplo nº 2

- “— Chegamos a S. Paulo. Que *felicidade*...
- *Feliz cidade* por ter a v. ex. em seu seio.
- *Sei o ... não diga mais*.” (DC, Série I, n. 9, p. 3; Seção “Garatujas”; destaques do autor)

No caso acima, estamos diante de uma reinterpretação fonético-fonológica e morfológica em dose dupla. A primeira atinge a palavra “felicidade”, que, desmembrada em um sintagma nominal constituído de “Adjetivo + Substantivo” (“feliz + cidade”), corresponde a um ato de fala de “saudação”, que beira o exagero, a bajulação. A segunda, por seu turno,

desmembra e desloca para outra classe de palavras, o substantivo “seio”, retextualizado como “verbo + pronome oblíquo” (“saber + o”).

Embora nos dados acima se mesquem operações de natureza fonético-fonológica e morfológica, consideremos alguns casos específicos de humor fabricado na esfera da Morfologia.

b) Morfológica

Exemplo:

- “— V. ex. já viu o mar?
 — *Omar Pachá*, vi na *Ilustração*.
 — Não é isso; pergunto-lhe se viu o mar, o Oceano...
 — Não senhor!; desse nunca ouvi fallar.
 — Inda não me comprehendeu; pergunto-lhe pelo mar; por onde andam os navios...
 — Não *vi-os*, não senhor. Inda não vierão na *Ilustração*.” (DC, Série I, n. 9, p. 3 e 6; Seção “Garatujas”; destaques meus)

O texto piadístico acima se caracteriza como de personagem-tipo, no caso, um ignorante, que se engana em duas interpretações. Na primeira, reúne o artigo “o” ao substantivo comum “mar”, que dá origem ao substantivo “Omar”, prenome de “Omar Pachá”, que ele conhece da revista *Ilustração*. Na segunda, em resposta a nova interpelação (paciente) do enunciador, que deseja saber se ele conhece o mar, entende “Oceano” como nome próprio e segmenta o substantivo “navios”, retextualizando-o em forma de oração negativa: “Não vi-os” — o que se caracteriza como mais uma prova de sua ignorância, de pessoa que nunca ouviu falar nem em “mar” nem em “navios”.

Para fechar “com chave de ouro”, este pequeno estudo do material piadístico do **Diabo Coxo**, examinemos o seguinte exemplar, que começa com humor sintático (e prosódico), passa pelo léxico-semântico e termina com o morfológico:

c) Sintática

Exemplo

- “— Há que annos que não o vejo!
 — Tenho estado fora da capital.
 — Então o que tem feito?
 — Ora **estou casado, com duas filhas ...**
 — Pois **casou-se com as filhas?**
 — Não, casei-me; e tenho duas filhas do matrimonio.

- Ah! começo a perceber. E as pequenas são bonitas, já se vê ...
- Parecem-se **com a mãe**.
- Mas **minha mãe** não se parece com cousa alguma; morreu a mais de vinte annos.
- Peio. Parecem-se com **minha** senhora.
- Pois tu és captivo?
- Vejo que enlouqueceste, estás hoje diffuso.
- De fuso estás tu; mas affianço-te que não me atarrachas. Adeos.

(DC, Série I, n. 7, p. 6; Seção “Garatujas”; destaques meus)

Pelo que se pode observar, a piada acima, alicerçada no *script* da estupidez, tem como um de seus “gatilhos” de humor o desrespeito ao Princípio da Cooperação, sobretudo, de suas máximas de Relação (ou Relevância) e Modo (cf. GRICE, 1975), desrespeito esse originado da ignorância do enunciatário e dos diferentes tipos de ambigüidade que aciona. À semelhança de uma aula, o locutor exerce, com suas explicações, o papel de professor, e o alocutário, o de aluno, no caso, completamente “diffuso”. Essa “qualidade” o leva aos seguintes equívocos de interpretação:

- a) Notícia dada pelo **enunciador**: “Suas duas filhas já se casaram.”

Interpretação do **enunciatário**: ‘O enunciador, pessoa empírica, casou-se com as próprias filhas.’

- b) Notícia dada pelo **enunciador**: “Suas filhas têm a mesma beleza da mãe (delas).”

Interpretação do **enunciatário**: ‘As filhas de seu amigo puxaram a beleza da mãe dele, enunciatário, que já morrera havia cerca de vinte annos.’

- c) Correção feita pelo **enunciador**: “A mãe a que estava se referindo era a mãe das meninas, ou seja, **sua senhora**.”

Interpretação do **enunciatário**: “Seu amigo era prisioneiro de sua mulher.”

- e) Conclusão do **enunciador** acerca do desempenho do enunciatário durante a conversa : “ O meu interlocutor está muito ‘diffuso’ (‘confuso’)

Interpretação e resposta do **enunciatário**: “O meu interlocutor é que está ‘de fuso’, ou seja, ‘enrolado’, ‘confuso’.

3.4 Conclusão — *Diabo Coxo*: uma pérola a ser perscrutada no nosso patrimônio editorial

Apesar de ter deixado para trás tantos humores malandros e, ao mesmo tempo, insurgentes de um **Diabo** que portava, em ilustração caricatural, a “cara do pai”, penso que foi possível transmitir aqui alguma idéia a respeito da genialidade de um italiano, tornado cidadão brasileiro, somente depois de ver abolida, entre nós, a “doença” da escravidão.

Com a fundação de seu primeiro jornal, o **Diabo Coxo**, a que se seguem, posteriormente outros periódicos aquinhoados com a sua arte pictórica de fundo jocoso (e sério), o jovem Angelo Antonini, com apenas dezesseis anos de idade, inicia uma batalha contra inimigos aparentemente imbatíveis, valendo-se de um tipo de arma dissimulada, traiçoeira, rebelde e, por vezes, sutil, qual seja, a da arte humorística.

A tarefa de ilustração em forma de caricaturas coube, naturalmente, ao “repórter do lápis”, impiedoso em suas charges, retratos e histórias em quadrinhos. A da redação das seções, a uma equipe formada por autores de mérito reconhecido, que, tal como o “patrão”, defendiam o fim da escravatura e a implantação de um regime republicano no Brasil.

Com todas as suas lacunas, o presente capítulo, acredito, pôde nos dar uma idéia das condições através das quais Agostini pôs em prática o seu virtual pacto com um ser demoníaco, o que, por si só, prenunciava o caráter infernal da missão que imputara a si próprio: a de atazanar a vida dos “inimigos” da gente brasileira. Da mesma forma, procurou-se, aqui, delinear um quadro geral, com informações a respeito do modo de estruturação do periódico, dos gêneros de seções explorados, do tipo e grau de humor nelas produzido, seja por seu próprio teor cômico, seja pela incorporação de material risível em seções genologicamente diferenciadas.

Num recorte em que se enfatizaram as seções humorísticas propriamente ditas, de um modo particular, as destinadas à apresentação de piadas, buscou-se detectar e analisar os diferentes procedimentos lingüísticos utilizados no/pelo **Diabo Coxo**, na produção de um humor, que, mais do que “fazer rir”, propunha-se conscientizar a população oprimida de São Paulo, das injustiças que lhe eram imputadas pelo Governo e pela classe mais bem aquinhoadada, instigando-a largar de vez sua passividade, mesmo que tal reação lhe custasse o sangue.

Dentre as formas lingüísticas de fabricação do humor, detectaram-se estratégias de caráter discursivo-conversacional, semântico-lexical e gramatical, em co-atuação umas com as outras ou com recursos de natureza diversa. No âmbito da conversação, por exemplo,

sobressaem os humores decorrentes da violação de normas atinentes ao Princípio de Cooperação, tal como prevista por Raskin (1985); no do discurso, risos provocados pela contradição entre naipes vocais distintos, pelas modalizações jussivas, opinativas e, até mesmo, injuntivas do redator, etc., no do lexico-semântico, usos e abusos da ambigüidade originada quer da homonímia, quer da polissemia própria dos vocábulos; finalmente, na esfera da gramática, dentre o material risível explorado em seus diferentes planos, é o de cunho fonológico e morfológico — em geral, em conjunção um com o outro — o mais recorrente no **Diabo Coxo**, sobretudo, em seus textos piadísticos.



“Dou-vos boas festas caros leitores. Até a volta.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“O DIABO NÃO É TÃO MÁO COMO NO PINTAM.”

*Eu gostaria de convencer o leitor de que o riso é um assunto sobre o qual vale a pena refletir (...). Espero confirmar uma observação inicial e muito genérica, mas que não deve ser negligenciada: **o riso é um fenômeno cultural**. De acordo com a sociedade e a época, as atitudes em relação ao riso, a maneira como é praticado, seus alvos e suas formas não são constantes, mas mutáveis. **O riso é um fenômeno social**. Ele exige pelo menos duas ou três pessoas, reais ou imaginárias: uma que provoca o riso, uma que ri e outra de quem se ri, e também, muitas vezes, da pessoa ou das pessoas com quem se ri. **É uma prática social** com seus próprios códigos, seus rituais, seus atores e seu palco.*

Le Goff (2000, p. 65).

O primeiro número do **Diabo Coxo**, datado de 2 de outubro de 1864, marca o início do cumprimento de um pacto feito entre o seu criador (e mentor), Angelo Agostini, e um diabo coxo, qualificado, na seção de abertura do jornal, como “disforme criatura”, “negro phantasma”.

Numa operação argumentativa ímpar, realizada entre criaturas de mundos distintos — uma infernal e outra terrestre —, um diabo longevo, que, ao longo do tempo, firmara tratos com pessoas de épocas, sítios e profissões distintas, tenta direcionar a vida de um jovem italiano de 16 anos, que acabara de libertá-lo da garrafa onde se achava aprisionado. Condutor do diálogo constitutivo de seu discurso argumentativo, a “negra criatura” apresentou ao seu interlocutor um arrazoado composto de denúncias contra diferentes tipos de males que assolavam a cidade de São Paulo.

Dentre as vítimas de denúncias — de força persuasiva —, constavam tipos como: o hipócrita, o bajulador dos ricos, o perseguidor dos pobres, o ricoço, o avarento, o medíocre, o estúpido, o insensível, o egoísta, etc.

Não satisfeito em apresentar essa lista comprobatória do caos político, econômico, social e cultural que dominava a cidade de São Paulo, o diabo solto prometeu ajudar o jovem Angelo, munindo-o, em troca de sua adesão ao pacto, da força e dos meios necessários para que “pintasse” e “castigasse” os responsáveis por tantas mazelas. E mais, em ato de fala injuntivo, mandou que se erguesse e se apossasse da vergasta que lhe oferecia, a fim de que guerreasse “*desde o litterato que ignora tudo e sobre tudo escreve até o potentado que tudo pode e nada faz*”. Essa vergasta, na verdade, era a representação metafórica da imprensa, “*maior inimiga dos máos*” e a única na terra capaz de “*desmascarar e castigar*” os “*entes criminosos ou ridiculos estupidos ou orgulhosos*” (cf. **Diabo Coxo**, Série I, n. 1, p. 2).

E foi justamente isso, ou muito mais que isso, que Agostini fez, depois de assinado o fictício pacto com um ser que lhe dera o devido aval para “soltar a língua”. Composto, de um lado, por uma parte que abrigava as ilustrações caricaturais criadas pelo próprio Angelo, e, de outro, por seções diversificadas em gênero, assunto e intenção, o **Diabo Coxo** divertiu-se e “fez divertir” os paulistanos, fazendo críticas severas a “gregos e troianos”.

No intuito de diminuir esse caos que dominava São Paulo, apontado por seu amo, um diabo com o qual se identificava, valeu-se de um chicote lingüístico, que, causando riso, funcionava como uma arma de denúncia, reprovação e admoestação, que paradoxalmente, costumava ela própria engendrar deferentes tipos e graus de atos infratores. No caso abaixo, por exemplo, assim como em outros aqui exigidos, a violação atinge uma das normas

conversacionais do Princípio de Cooperação, que é a da Polidez, ignorada em situações como a de abaixo, de crítica à figura-tipo do maledicente.

“A UM MALDIZENTE”

“Tu, cuja boca escumante	Mas cujo espírito immundo
Somente produz postema,	Causa tédio demasia;
Com mais horrores, que a Dante	Tu que alardeas gavores,
Produzido no seu poema:	Mas com tristes devedores
Tu, que no corpo és rotundo,	Não és vinagre, és harpia.”

(**Diabo Coxo**, Série I, n. 10, p. 3-4)

Diferentemente, na seção *Specimens*, de cunho didático, o riso decorre da apresentação de exemplos de desrespeito a regras ortográficas, gramaticais e textuais □□ clareza, adequação vocabular, coerência e coesão □□ do português, por parte, principalmente, de pessoas que tinham o dever de conhecê-las:

“SPECIMENS”

“ □ Na rua de S. Bento, loja:
Fulano de M. N. **Vende-se** muita em conta.”

(**Diabo Coxo**, Série I, n. 10, p. 3-4; destaques meus)

Esse tipo de engano, tão prazeroso ao **Diabo Coxo**, também é cometido pela instância interpretante, que, em face das possibilidades homonímicas e plurivalentes de certos lexemas da nossa língua, nem sempre consegue detectar o sentido desejado pelo enunciador, servindo, pois, em seu resultado propositadamente esdrúxulo, como uma das formas de acionar o riso:

“ENTRE BASTIDORES”

“Como é débil aquela dama!
É a ingênuia.
Noto que não fica quieta.
Também faz as **travessas**.
Travessas!
Sim: Bertha, Elisa, Belinha ...”

(**Diabo Coxo**, Série I, n. 8, p. 2; destaques meus)

Exemplares de uma atividade humorística realizada através de um sem-número de estratégias destinados a nos mostrar a realidade da vida, fazendo-nos rir dela, os escritos acima, complementares aos apresentados anteriormente, devem ser vistos como uma prova

concreta do quanto ainda fiquei devendo ao **Diabo Coxo**, ao leitor e a mim mesma. Apesar disso, espero que o trabalho aqui desenvolvido produza outros frutos □□ de pesquisa e de ensino-aprendizagem, que demonstrem, de uma vez por todas, o valor documental de textos da imprensa jornalística e o verdadeiro alcance dos que foram produzidos com a intenção de nos fazer rir.

À guisa de encerramento, nada melhor do que prestar uma homenagem a esse “Diabo Angelo”, a quem louvo, na reprodução, a seguir, de um dos textos de seu jornal, a pertinácia, a teimosia e a coragem em editar um periódico a mando do diabo (que era ele próprio):

Com este número terminamos o primeiro trimestre, e **brevemente** daremos princípio ao segundo.

Advertimos que no successivo seguiremos a mesma marcha que no primeiro, tendo sempre em mira a nossa divisa: corrigir divertindo.

Acreditamos ter conscienciosamente cumprido com o programma por nós riscado anteriormente à criação d’ esta folha, e disso nos ufanamos.

Aos homens de espírito que olharam essa espécie de crítica com os olhos do progresso, da civilização, agradecemos, — às almas mesquinhas, que se honraram nestas páginas, desprezâmos (*sic*).”

(DC, Série I, n. 12, p. 2)

REFERÊNCIAS

1 FONTE DOCUMENTAL

DIABO Coxo: São Paulo, 1864 –1865. Redação de Luiz Gama e ilustração de Angelo Agostini. Edição fac-similar. São Paulo: EDUSP, 2005.

2 DEMAIS OBRAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar / Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ARISTÓTELES . **Arte retórica e arte poética.** Tradução Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov, 1929). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução Michel Lahud e Vera Frateschi Vieira . São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov, 1929). **Estética da criação verbal.** Tradução (a partir do francês) Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral II .** Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BERGSON, Henri. **O riso;** ensaio sobre a significação do cômico. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. “Prêmios a concurso”: humores lingüísticos em anúncios do **Diabo Coxo** — São Paulo, século XIX. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. (Inédito).

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Variação genológica: modos e efeitos do uso de parêmsias em diferentes formas de interação verbal. In: I ENCONTRO MINEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2005a, Belo Horizonte/MG.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. “O provérbio é a voz do povo” e “o povo, a voz de Deus”: a voz da parêmsia no diário **Minha vida de menina**, de Helena Morley. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, n.16, p. 148-164, 2005b.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma história cultural do humor.** Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem,** textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução São Paulo: EDUC, 1999.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Diabo Coxo**: o primeiro jornal ilustrado de São Paulo. **Leitura** – Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado S.P – São Paulo, n.13, p. 149, out. 1994.

CAGNIN, Antônio Luiz. Foi o diabo! In: GAMA, Luiz. **Diabo Coxo**. São Paulo, 1864 –1865. Edição fac-similar. São Paulo: EDUSP, 2005.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-15.

DIAS-MIGOYO, Gonzalo et al. **Humor, ironia, paródia**. Madrid: Esfiral, 1980.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque. **Dicionário Aurélio – século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund (1905). **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1947.

GRICE, H. Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, J. (Ed.). **Speech acts**. New York: New York Academic Press, 1975. Syntax and Semantics, v. 3.

GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane de Andrade (Org.). **E os preços eram commodos...**; anúncios de jornais brasileiros — século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

GUEVARA, Luis Vélez (1641). **O Diabo Coxo**. Tradução Liliana Raquel Chwat. São Paulo: Escala, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

LE GOFF, Jacques. O riso na Idade Média. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma história cultural do humor**. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000. p. 65-82.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 4 v.
LINS, Maria da Penha Pereira. **O humor nas tiras de quadrinhos**; uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda. Vitória: Grafer, 2002.

MACEDO, José Rivair. **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/Unesp, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda

Indursky.Campinas : Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. Tipos de gêneros de discurso. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001. p. 58-70.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: o que são e como se constituem. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. (Inédito).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: constituição e práticas sociais. São Paulo: Cortez, 2006. (No prelo).

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). **Gêneros textuais**. Bauru:EDUSC, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

OLIVEIRA BITTENCOURT, Miriam. Presença da história no humor jornalístico: as caricaturas do **Diabo Coxo** – São Paulo, século XIX. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2004. (Inédito).

OLIVEIRA BITTENCOURT, Miriam. Ironia e sátira no **Diabo Coxo**, semanário paulistano do século XIX: ataques à figura de D. Pedro II. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005. (Inédito).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da UNICAMP, 1988.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **A lição do texto**; filologia e literatura — I – Idade Média. Tradução Alberto Pimenta. Lisboa: Edições 70, 1979.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, Zivaldo Alves. Ninguém entende de humor. **Revista de Cultura Vozes**.Petrópolis, n.3 , p.21-37 , 1970.

PINTO, Zivaldo Alves. Risada escancarada. **Revista Veja**. São Paulo, 27 março 1988. n. 3, p. 72 -79.

PÊCHEUX, Michel. Discurso e ideologia(s). In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**; uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. Cap. III, p. 141-183.

POSSENTI, Sírio. A imposição da leitura pelo texto: casos de humor. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.15, jul/dez. 1988.

POSSENTI, Sírío . Pelo humor na lingüística. **D.E.L.T.A** , São Paulo, v. 7, n.2, p.491-519, 1991.

POSSENTI , Sírío. **Os humores da língua**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade . São Paulo: Ática, 1992.

RABÊLO, José Maria. **Binômio**; edição histórica — *o jornal que virou Minas de cabeça para baixo*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias/Barlavento, 2004.

RASKIN, Victor. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht : D. Reidel, 1985.

ROCHA LIMA. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1969.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**; a representação humorística na história brasileira: da *Belle Époque* aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTIAGO, Patrícia Ferreira. **Humores lingüísticos na televisão brasileira**: “A comédia da vida privada”. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SARRUMOR, Laert. **Mil piadas do Brasil**. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

SCHWACZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWACZ, Lilia Moritz. “O pincel polêmico e a pena tensa”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 3 abril 2005. Disponível em <[http:// www. oestadodesaopaulo.com.br](http://www.oestadodesaopaulo.com.br)

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**; história – metodologia – exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**; crítica textual. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.

TINHORÃO, José Ramos. **A imprensa carnavalesca no Brasil**; um panorama da linguagem cômica. São Paulo: Hedra, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O que faz quem rir: o humor brasileiro na televisão**. Campinas: UNICAMP, 1988. (Digitado)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Recursos lingüísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. **Estudos Lingüísticos**; XVIII Anais de Seminário do GEL. Lorena, p. 7-19, 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v.6, n.1, p.55-82, 1990.

XATARA, Cláudia; OLIVEIRA, Wanda Leonardo. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões**; francês-português, português-francês. São Paulo: Cultura, 2002.

ANEXOS

“Impressões d’ um BON-DIVANT”

“(…)

Diabo da mão furada,
Não nos leve para a cova:
Já que é tanto o teu poder,
Nos livra d’ alguma sova.

Já razão te estou achando
Já te estou querendo bem
Procura fazer justiça
Por omnia secula — amem”

(DC, Série II, n. 5, p. 6)

ANEXO A — VERSÃO INTEGRAL DE ALGUNS DOS TEXTOS CONSTANTES DO CORPO DO TRABALHO

1 EXEMPLO DE NOTÍCIA:

“MOVIMENTO THEATRAL.”

“Apezar de dizerem que o theatro é sempre o espelho pallido das vaidades mundanas, das virtudes e vícios da humanidade, eu não concordo com esse ‘sempre’ tão exquisito, com essa eternidade representada por duas syllabas.

Quem como eu vio as ‘Duas paixões’, certamente será da minha opinião. É impossivel que no século dezenove se passem ainda tanta sandice, tanta estupidez!

Há momentos porém em que o theatro eleva-se a altura, que lhe compete; nesses momentos, o homem que comprehende, que ainda possui coração, não se atreve a negar que desenrola-se ante seus olhos um quadro lugubre ou festival, alegre ou triste da nossa vida social. Então sim, o theatro é o reverbero do mundo: por exemplo domingo passado quem não vio essa historia triste de murchas primaveras, que fugirão, esse conto lugubre da pallida Margarida Gauthier, a prostituta que ama mais ardentemente que a languida donzela de hoje?

Margarida Gauthier no meio no meio dos turbilhões immundos de Paris, a devassa, ergueu-se como o cysne d’entre um lago lodozo! Que importa que a sociedade não a receba em seu seio, que importa que as ‘virtudes’ suas contemporaneas lhe voltassem o rosto?

Sofreu e amou muito na terra.....o Céu é d’ella!

Dorme em paz perola do lodo, cândida pomba a esvoaçar no espaço poento!

Quem te comprehendeo que deixe cahir sobre o teu sepulchro uma lagrima de saudade.

Uma lagrima e uma prece pela cortezã é um pecado de menos que fica, uma regeneração mais completa que se lhe offerece.

Margarida Gauthier morreo; sua historia de tristes e variados episodios foi narrada ao mundo pela habil penna de Dumas filho.

No theatro appresentou elle um resumo da vida d’essa mulher sob a denominação de ‘Dama das Camélias’.

Ninguem ha que desconheça o drama de Alexandre Dumas Filho. Um composto de bellezas de principio a fim, scenas arrebatadoras a succederem-se umas as outras, eis o que é a Dama das Camélias’.

Deixemos pois o drama e fallemos do seu desempenho.

Gabriela da Cunha, a protagonista fez o que lhe pedia o papel e o que lhe ordenava a arte.

Esteve sublime.

A mesquinhez de espaço [do teatro] não me permite enumerar aqui as bellezas, que deu ao papel. Só direi que essa morte trega e lenta da das phisica, no meio de suores mornos foi tão bem apresentada que julgamos estar vendo a passagem rapida da vida do mundo para a do Céu, mas a passagem real, lúgubre como um suspiro do moribundo.

Compehendi (*sic*) hontem que Cardozo jamais será um bom galan.

Má ou pessima declamação, como quizerem, movimentos arrebatados, posições forçadas, são os dotes principaes do sr. Cardozo, que no entanto é feliz nos ‘degenais’.

O final do terceiro acto foi a única cousa que me agradou em todo o drama.

Desceo porem no final do quarto: — foi ridícula a scena do desafio. O pugilato é hoje inadimissivel no theatro.

Dito isto esperemos pelas novidades theatraes para transmitir aos leitores.

Até domingo.

YAGO.”

(DC, Série I, n. 2, p. 3 e 6)

2 EXEMPLO DE ENSAIO (PSEUDO-CIENTÍFICO E TROCISTA)

“CARECALOGIA”

“Vou tratar de uma sciencia nova, puramente nova, e cuja descoberta se deve aos meus esforços e sympathia pelas pessoas de poucos cabellos.

Gall, o phrenologo, que tem sido entre nós um personagem quase mythologico, apreciou muito por alto a questão, abandonando-a cheio de desanimo.

Spurzheim, seu discipulo, desconfiava dos homens a quem Deus não confiára cabellos, e muito pouco disce d’elles.

Combe, que era calvo, questionava com Broussais á respeito, e consta que chegaram á vias de facto, ficando cada um com a sua opinião, nada adiantando em favor da sciencia.

Eu, porém, que tenho debaixo das mãos tres bellas e lusidias carecas, vou – ainda que desanimado – estudal-as, e fazer sobre ellas tres apreciações, que pretendo offerecer – uma, ao theatro, – outra, a Camara Municipal – e a ultima, á arte typographica.

É difficil, reconheço, decidir ex-cathedrã sobre tal matéria, mas amolado tão differentemente pelas tres especies, julgo-me authorisado a affirmar proposições, e não a formar hypotheses.

Não é um curso de carecologia, todavia, – tão longe nao vae a minha pretensão, – é uma iniciativa, é um impulso, um grito de animo áquelles que por ventura se dediquem á esta sciencia, que desejo ser o primeiro a aprofundar.

A primeira é a do artista Lopes, cognominado-o narigudo; - galã e apologista da escola moderna, trinta e oito annos, sem ideias politicas, e orgulhoso de ser portuguez quando recorda o passado.

Conhecido pelos precedentes o dono da calva que tenho entre as mãos, vou estudal-a não pelas protuberancias como na phrenologia, mas por uma maneira especial, por um modo todo particular e inherente á sciencia, traduzindo e interpretando certas linhas, que formão sobre a desempennada cabeça differentes figuras.

A segunda pertence ao Chiquinho, cognominado o – illuminador, não porque a sua calva seja a mais ‘lluminada’, pois que até é escurecida por alguns cabellinhos remissos espalhados aqui e alli, mas por pertencer-lhe a pepineira da illuminação da cidade e da cadeia.

A terceira é propriedade do sr. Espirito Santo.

Que belLo queijo, caramba!

Como brilha! nem uma nuvem, nem madeixa, nem uma carapuça é capaz de offuscal-a, seu brilho reflectiria atravez o nariz do artista Lopes, que é a cousa mais compacta que eu conheço.

(Continúa)

D. PEPITO.”

(DC, Série I, n. 11, p. 2)

3 EXEMPLO DE CRÔNICA

“CHRONICA.”

“Teve lugar o baile da *concordia*: não sei se nesta semana se na passada – segundo uns o domingo é o primeiro dia da semana – seguindo outros o ultimo: parece que estes tem razão porque, depois do trabalho descança-se – e o proprio Deus repousou depois de ter feito a mulher.

Assim o baile foi nesta semana.

Pouco concorrido desta vez, não deixou comtudo de reunir um ramalhete de lindas flores (quando dizemos, pouco concorrido, não nos referimos a magna quantidade de crianças – que lá appareceo – perturbando tudo – metendo-se em tudo – envadindo tudo.)

- Lembra-me sobre tudo de uma senhora, que como as outras, deixou luminoso – uma lembrança agradável – recordações do baile que nós todos temos – eu e vós leitores – apenas ella entrou cheia de vida e graça, orgulhosa de si e de sua belleza, todas as outras voltaram as faces enrubicadas pelo despeito, rostos do vencido – porque realmente viam-se ofuscadas – tanta belleza e encantos tinha a rainha: rainha era ella.

Trajava um vestido de simples cassa, dous apanhados deixavão ver uma segunda saia e vinham prendet se á débil cintura – simples enfeites de fita iaô morrer junto aos laços dos apanhados -iguaes guarnições debruavam o cabeção que afogava um collo debil e fragil – as mangas desciam até os punhos, e as mãos escondião se em luvas cor de alecrim.

Eu amaria aquelle anjo se um retrato preso á um fio de perolas não me fisesse crer que a alma daquelle anjo já estava escrava de um outro mais feliz que eu.

Todo cheio de illusões pedi uma contradança á uma outra – não deixava esta de ser bonita – porém, meu Deos, a queda de nuvens soffri eu – porque a primeira frase que ouvi foi a seguinte: - Eu hoje danço *menas* vezes, doutor – comprimentei-a e sahi – admirado como aquella senhora tinha tido as pretenções de redusir o *menos* no sexo feminino.

E com esta nada mais digo de baile.

Hoje tem lugar o único concerto dado pelo se. Pereira da Costa – rabequista da camara real do sr. D. Luiz I.

Não seio quanto vale e é na arte o sr. Costa – porém se o nome – as glorias conquistadas em paises mais adiantdos, podem servir á escada que leva á celebridade, e só não vê as mediocridades.

Desejo-lhe ventura.

Li no *Correio Paulistano* um artigo do artista *Lopes* – contra o Diabo-coxo – devo- lhe uma resposta – é esta.

Deixe-se disso sr. Lopes!

Diz s. s. que aquella tabella servia par mostrar á empresa os trabalhos da companhia?

Não sr. Lopes – aquillo serve para provar os seus conhecimentos de língua portuguesa.

“Pouco depois diz s. s. que embirra com a delicadesa” por força: olhe – que acredito ser de sua lavra aquelle artigo: faça o pedido para que não se zangue comigo, o artigo é seu, já que tanto quer e mesmo porque o estylo é o homem

Boa noite.

CLEOFAS”

(DC, Série I, n. 4, p. 6 e 7)

4 EXEMPLO DE TEXTO OPINATIVO

“CADAVERES”

(Anônimo)

“Ha nesta cidade uma raça perseguidora de todos os seus pacificos habitantes; raça terrivel como as pragas do Egypto; assoladora como a febre negra de lava, pustulenta como a morphéa: é a ‘raça dos credores’.

A academia chamou-os cadáveres por uma requintada ironia, porque na verdade cadaveres são os devedores e elles corvos.

Como elles esvoação sobre os pobres devedores, como beliscão, e como á semelhança dos morcegos soprão depois de morderem!

Um cadáver é sentido, dantes de ser visto: tresanda, embora o aromatizem de vinagre.

Na distancia de cem braças faz sentir a sua aproximação e por isso tambem só os tolos não o previnem, dobrando a esquina, seja esta embora de um bexxo sem sahida.

Como os mortos beatíficos brinca-lhe nos labios um constante sorrirr, especie de cumprimento e quanto mais doce é o sorriso, mais redonda é a cifra, mais forte o bote ao pacifico cidadão.

O credor é manhoso como uma cobra, ardiloso como um tamanduá-bandeira, uma abraço d'elle é a morte, enganador como uma sereia.

Canta mais terno do que uma cigarra no verão, suspira que nem uma virgem sonhando amores.

Dividem-se os credores em nobre e plebeus, altos e baixos, tolos e espertos, magros e gordos: de cada uma destas espécies trataremos ao depois.

O credor tem alguma cousa de parecido com os tremedaes: plano, risonho, florente de longe, chama-nos, promete-nos delicias, uma hora de satisfação; caminhamos para elle, cahimos e só um milagre paterno ou materno, nos pôde livrar da morte: a morte da reputação e do credito.

Durante o correr do anno, comportão-se mais ou menos bem; á proporção porém que o sol annual descamba no occidente, vão-se tornando pertinazes, perseguidores.

Principia o pacifico cidadão á soffrer periódicas reduções nda sua liberdade individual.

A cidade, tem por exemplo trinta ruas; até o mez de Maio é livre a victima percorre-las todas; nos fins de Junho já estão ellas em 27, á fins de Agosto á 17, em princípios de Outubro á 10, no meiado de Novembro á 5, no fim á 1 que é a rua da Glória, por onde ella voa nas azas do medo, até ao ninho materno, deixando boquiaberto o famigerado credor, putrefacto, estendido no caminho o nogento cadáver.

Em S. Paulo há diversos modos de viver , modos constituídos, deffnidos, sociaes; á todos elles ajunta-se um: - o ser ‘cadaver’.

Nas ruas ouve-se á cada passo dizer:

- Quem é aquella especie de Sancho-Pansa, que vae alli?

- Que beesta de Balaam é aquella que vai trotando?

- São credorees.

- Os credorees de quem?

- De todos.

- De todos! essa é boa!

- De todos sim! credor é uma posição como outra qualquer, é-se credor, como é relojoeiro, leiloeiro, accendedor de goz, diretor d’alfandega, banqueiro ou actor.

São estes os nossos preludios á respeito da casta de credores, ou cadaveres que convem distinguir dos vinagres, outra classe tambem original.

Os credores ou cadaveres são tambem appellidos por alguns: - Ursos brancos, inglezes na costa, e malucos.

Com mais vagar nos occuparemos forçados da vida do estudante.”

(DC, Série I, n. 10, p.2-3)

ANEXO B — TRANSCRIÇÃO DE OUTROS GÊNEROS DE TEXTOS NÃO INCLUÍDOS NO *CORPUS*

1 EXEMPLOS DE POEMAS

1.1 “*De Profundis*”

(*Imitada de Beranger*)

“Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Morreu minha mulher; fatalidade!
Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade...”

A’s almas tão singelas como a sua
Convem do paraíso a doce paz;
Porque de minha avó segundo a crença
Gerou-nos o terrível Satanaz.

Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Morreu minha mulher; fatalidade!
Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade...”

Quando amor nos unio em brandos laços,
As estrellas serviram de docel:
Delirantes prazeres... por dois dias...
Emcheram-me a feliz lua de mel.

Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Morreu minha mulher; fatalidade!
Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade...”

Seu gesto e seus olhares retratavam
Malicia feminil, que gera o mal;
Porém da pudibunda sensitiva,
Dizia o meu visinho, era rival.

Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Morreu minha mulher; fatalidade!
Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade...”

Jamais a peregrina Philomela
Tão casto amor sentiu, tão anhelante;
Depois de ter amado a meio mundo
Tornou-se do que Dido mais constante.

Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Morreu minha mulher; fatalidade!
Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade...”

Porque, oh grande Deus, arrebataste
Aquella que adorei, prenda sem par?
Com ella eu desço á campa; eu parto; eu sigo...
Porém só para vê-la sepultar.

Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Morreu minha mulher; fatalidade!
Eia! á gargalhada um *de profundis*!
Que vá (*sem mim*) gozar da eternidade...”

(DC, Série II, n. 9, p. 2 e 3)

2 EXEMPLO DE “LUNDU PARA VIOLA.”

“Meu yoyô mecê não vê
 Uma imensa novidade?
 Nhonhô Mendes já nos deu
 Mil progressos na cidade.

Deu-nos ruas espaçosas
 Luminarias pardacentas
 Deu-nos aguas christalinas
 E calçadas lamacentas.

Minhas gentes venhão vêr
 O luzir desta tetéia
 Resplandece e sobre-sae
 A famosa Paulicéa.

Nhonhô Mendes ordenou
 Numa lei municipal
 Que brilhasse com fulgor
 Esta nossa Capital.

Deu-nos luz a kerosene
Não precisa mais de gaz;
 Pois que viva Nhonhô Mendes
 Que é sincero, bom rapaz.

Minhas gentes venhão vêr
 etc. etc. etc.

Entre as leis municipaes
 Uma existe a mais feliz:
 E’ aquella que nas ruas
 Deu-nos lama até o nariz.

Minhas gentes venhão vêr
 etc. etc. etc.

Nhonhô Mendes que nos diga
 Onde a Praça do Mercado?
 Me responda ó meu nhonhô
 Não me seja endiabrado.

Minhas gentes venhão vêr
 etc. etc. etc.”

3 EXEMPLO DE CRÔNICA

“CHRONICA

Já disse na chronica passada o que havia de mais notável na execução da Dama das Camélias: Uma Prudencia de poucos annos e um “galan” de poucos cabellos. Aquella esqueceo-se de que a “prudencia” vem com a idade, este que representava Armando, moço encantador de vinte e dous annos, e só por originalidade, comprehendo que Margarida se apaixonasse por um Armando de tão raros cabellos.

Para que tanta economia sr. Empresario?...

Mais meia dusia de cabellos é que lhe traria atazo?

Annuncia-se medico das crianças, dizem ser traducção do actor Lopes.

Já ouvi dizer muita couza neste mundo: que a montanha deu á luz ratos etc. etc. porém que se traduzisse do francez sem conhecer-se francez? Nunca ouvi dizer em minha vida.

Para traduzir-se d’uma lingua não basta conhecer-se o Monsieur tal ou Madame tal, precisa-se mais alguma cousa.

Desculpe, porém é certo.

Emfim venha o artista Lopes, e farei todo possivel par que os litteratos offereção um premio ao novo irmão e collega.

Ao menos o sr. Faz mais que os outros: elles traduzem conhecendo a lingua franceza, o sr. Traduz sem ter noções d’ella.

Os milagres não se explicam.

O medico de crianças. – Deus queira que o sr. Lopesinho não seja o matador da propria “criança”, se assassinal-a eu o denunciarei como “infantecida”.

Tenho plena confiança no seu merecimento, sr. Lopes.”

(DC, Série I, n. 3, p. 7)

4 EXEMPLOS DE ANÚNCIOS

4.1

“ANNUNCIOS”

—
“Atenção”

“Na rua mais populosa
Desta cidade imperial,
N’um predio de cor de rosa,
Com portão especial;
Há p’ra vender — que lindeza!
A preço de quatro notas,
Vindos de terra franceza
— **Cinco cágados com botas.**
Lembramos ao illustrado
Que aproveite a occasião
De ir ver ao prédio indicado
Os cágados em questão.”

—
“ Perdeu-se uns pés de burro. Desconfia-se que *alguém* os ande occupando.
Protesta-se contra o individuo e promette-se declarar o nome se não os restituir ao dono.”

(DC, Série I, n. 9, p. 7; destaque meu)

4.2

“ANNUNCIOS’

—
“10UOOO

—de gratificação—

A quem achar um Carneiro meio tostado, já apresentado ao sr. J. J. Aubertin;
fugio no dia 30 do mez passado, e dizem alguns, que o virão no Hotel Taborda.
Quem do mesmo der noticias certa (*sic*), ou leva-lo ao Barracão, será gratificado se
exigir.”

(DC, Série I, n. 8, p. 7)

5 EXEMPLOS DE PIADAS

5.1 “SCENA INTIMA”

“ — O que te aconteceu, meu amigo?
 — Que terrível diabrura! No entusiasmo da recitação caíu-me a dentadura. Felizmente ninguém viu.
 A quanto está sujeito quem uza de cousas postiças!”

(DC, Série II, n. 9, p. 7)

5.2. “MISCELLANEA”

5.2.1 “— O que é isto, meu charo Petit? De casaca e bonet!...
 — Estou aquartellado como defensor da patria, em activo serviço?
 — Bravo, meu patriota! De quantos guerreiros se compõe o teu batalhão?
 — De seis centos invencíveis Hercules; porém n quartel existem uns 96. ...
 — Caramba! O que é feito dos demais?
 — Fizeram-se poetas; habitam em palácios verdes e teem o céu por tecto!...
Vivão os Titães da Guarda Nacional ”

5.2.2 “ — Olá, meu caro Eloy! De fofo gabinardo á turcomano e patrona de sóla mal lustrada, á guisa de maluco? Pois não és tu contribuinte da musica?
 — Sim... elles bifaram-me os cobres, mas, atacaram-me no destacamento; porém eu conjecturo que n’ isto vai trampolina grossa ...”

5.2.3 “ — Onde vaes, meu bom Antonio, escarpachado n’ esse esguio palafreem, que simelhas Dom Quixote no seu bucefalo de pão.
 — Vou a Santos, meu amigo.
 — Oh, pateta, pois deixas a estrada de ferro/
 — Sou *Paulista velho*, meu amigo. Nossos Paes percorreram todo o sul do Brasil, atravessaram serrções inhospitos sem estradas de ferro nem carros de vapor. A Índia não foi descoberta pelos homens das fornalhas, nem o grande Gama navegou de canudo empinado e rodas por banda; mas á vela como a rasão o ensinava. Elles bem conheciam o provérbio: — De vagar se vai ao longe.
 Hoje para ir da capital a Santos os filhos degenerados de Bras Cubas e de Amador Bueno da Ribeira Buscam estradas de ferro!...
 Si os nossos avós ressuscitassem morreriam de vergonha diante d’ esta geração bastarda!...”

(DC, Série II, n. 9, p. 3)

6 EXEMPLOS DE “NOVOS PREMIOS A CONCURSO”

6.1 “— A quem descobrir um meio prompto e seguro de fazer dinheiro em casa (gênero este de que ha tanta carestia), e sem intervenção da policia: — **um carta de credito franco para a ilha de Fernando.**”

6.2 “— A quem descobrir uma machina a vapor para a rapida entrega das cartas e jornaes logo que chegão as malas: — **uma aposentadoria com o sol por inteiro de um administrador de correio.**”

6.3 “— A quem descobrir a vara de Moysés para tocar segunda vez no secco chafariz do pateo da Misericoria: — **um emprego vitalicio de fiscal de várzea.**”

6.4 “— A quem decifrar em vulgar o horóscopo de Solano Lopes e o do seu irmão Benigno: — **o emprego de redactor em chefe do *Semanário* de Assumpção.**”

6.5 “— A que descobrir se *S. Paulo* esteve alguma vez nesta capital: — **uma machina de amolar a paciência.**”

(DC, Série II, n. 4, p. 7; negrito meu)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)